

FORMAÇÃO ONLINE NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

Diários, *visual storytelling*,
narrativas e autorias de uma
pesquisadora em movimento
nas Cidades e no
Ciberespaço

Edméa Santos

FORMAÇÃO ONLINE NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

Diários, visual storytelling, narrativas e autorias de uma pesquisadora em movimento nas Cidades e no Ciberespaço

EDMÉA SANTOS

FORMAÇÃO ONLINE NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

Diários, visual storytelling, narrativas e autorias de uma pesquisadora em movimento nas Cidades e no Ciberespaço

Copyright © Edméa Santos

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Edméa Santos

Formação online na pós-graduação stricto sensu. Diários, visual storytelling, narrativas e autorias de uma pesquisadora em movimento nas Cidades e no Ciberespaço. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 130p. 29,7 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-1132-9 [Impresso]

978-65-265-1133-6 [Digital]

1. Formação de professores. 2. Pós-graduação stricto sensu. 3. Diário online. 4. Pesquisa em Educação. I. Título.

CDD – 370

Capa: Priscila Paula com finalização técnica de Luidi Belga Ignacio

Ilustrações: Priscila Paula

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

- 7 **PREFÁCIO - ENCONTROS DE VIDA, FORMAÇÃO E PESQUISA: NOTAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA****
- 13 **APRESENTAÇÃO – SEJA BEM-VIND@! PEGUE SEU MAPA E BOA VIAGEM...****
- 19 **CAPÍTULO 1 - DIÁRIOS ONLINE: ITINERÂNCIAS DE PESQUISA E FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA****
- 35 **CAPÍTULO 2 - O DIÁRIO ONLINE NO INSTAGRAM: VISUAL STORYTELLING EM COLUMBUS****
- 91 **CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO ONLINE NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: O CASO DA UNIDADE CURRICULAR “APPLIED INSTITUCIONAL DESIGN” DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ONLINE EM TECNOLOGIA EDUCATIVA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE OHIO NOS ESTADOS UNIDOS****
- 127 **POSFÁCIO – O QUE PODE UM DIÁRIO?****

ENCONTROS DE VIDA, FORMAÇÃO E PESQUISA: NOTAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA



Prefácio

PREFÁCIO

ENCONTROS DE VIDA, FORMAÇÃO E PESQUISA: NOTAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA

Escrever um prefácio de uma obra de Edméa Santos (#Professora Santos) é um privilégio, mas também um ato de grande responsabilidade. O livro que nos apresenta, embora cumpra, como primeira missão, aquela função do nosso *labor academicus*, ultrapassa em muito esse estatuto e convoca-nos, de forma marcante e disruptiva, para uma reflexão estimulante sobre os desafios da docência pós-digital.

Trata-se de uma obra criativa pela forma como agrega diferentes linguagens – na primeira parte, a autora narra a sua itinerância implicada com as práticas dos diários online ao longo de sua carreira com a pesquisa-formação na cibercultura. Segue com uma *digital storytelling* em formato de diário online escrita no Instagram e, numa terceira parte, um relatório científico pedagógico, onde faz uma análise teórica-prática do período de pós-doc na The Ohio States University (OSU), USA, já com um discurso mais acadêmico. O que nos apresenta é aquilo a que poderíamos chamar um Ambiente Pessoal do Investigador (API) que possui enorme potencial reflexivo.

No mundo atual da cibercultura, da ciência aberta (CA) e da educação aberta (REA, MOOCs), bem como da imersão forçada no mundo digital a que nos obrigou a pandemia, considerada por alguns a maior “experiência online” jamais realizada, nomeadamente em contexto educacional, o livro de Edmea Santos é um contributo fascinante para nos fazer pensar a docência e a pesquisa atual. A autora explora novas abordagens na sua prática, transformando terrenos já percorridos e ousando incursões em áreas emergentes, como é o caso da Inteligência Artificial, e mobilizando tantas outras contribuições que introduziram enormes disrupções no contexto de atuação do docente nas academias onde atua.

A opção por uma narrativa ao jeito da *digital storytelling*, cruzada com as reflexões sobre o quotidiano de investigadora e docente, levam-nos a chamar à colação o conceito original de *scholarship* (BOYER, 1990) que, à falta de melhor tradução, designo como “trabalho docente”. A contribuição de Boyer fornece-nos um referencial sobre a prática académica e sobre a sua natureza multidimensional, expressa em quatro funções

básicas que incluem todas as atividades de um académico – descoberta, integração, aplicação e ensino – que anula a desvalorização tradicional das atividades de docência relativamente às de investigação.

Este trabalho docente tem sofrido grandes desvios face à sua natureza inicial, quase romântica, que na atualidade está fortemente marcada por uma produtividade académica centrada na publicação e na dependência da avaliação. Concordamos com a visão de Candau e que são tempos marcados pela *fast science* e pelo excesso de trabalho vergado à pressão do relógio (Guzmán-Valenzuela e Barnett), consubstanciado numa multiplicidade de tarefas docentes sem conexão entre si, mas ao mesmo tempo especializadas (tarefas administrativo-burocráticas obrigatórias, pressão da internacionalização, número de estudantes, o uso da tecnologia, ou obtenção de financiamento, entre outras).

Há, por isso, terreno para novas contribuições como a *digital scholarship* ou a *open scholarship*, decorrentes do surgimento da Web 2.0 e de fenómenos como a abertura, a partilha e a colaboração mas, também, da disseminação de ferramentas digitais e de novos métodos de pesquisa e de publicação. Estas alterações tiveram um forte impacto no ecossistema das práticas académicas e nos contextos e territórios de atuação mais ou menos digitais, mais ou menos híbridos, contribuindo para o desenvolvimento de novas identidades académicas como afirmamos num texto de 2019 (Cardoso, Morgado e Teixeira).

Esta visão do trabalho académico num contexto de cibercultura e de ubiquidade, proposta e praticada por Edméa Santos, consubstanciado num ciclo de pesquisa-formação constante num contexto híbrido, em que cada um dos polos alimenta o outro, representa uma contribuição muito relevante para a compreensão do lugar onde hoje se situa a ação docente.

Onde atua o docente?

Os territórios onde atua o docente são cada vez mais híbridos e ubíquos, introduzindo complexidade às suas práticas e ao domínio do seu quotidiano, que se desdobra em cenários múltiplos devido à plataformização decorrente da criação de campus virtuais de dimensão variável, de ambientes agregadores multiplataforma (AVA+Web 2.0, redes sociais, apps multifuncionais, etc.), de campus como ambientes pessoais institucionais ou, ainda, de ambientes pessoais de aprendizagem como refere Mota. Aos espaços físicos de interação e de comunicação juntam-se os espaços de aula virtual e os laboratórios remotos, os espaços de criação de conteúdos, de gestão tecnológica, de coordenação pedagógica e científica, as

bibliotecas digitais e repositórios, os sistemas de suporte técnico, de apoio ao docente e de mentoria, de gestão da avaliação e, também, os espaços de socialização.

O livro de Edméa Santos traz-nos, também, uma reflexão sobre os desafios das pós-graduações online num contexto pós-digital, e sobre os temas fraturantes em debate relativamente a esta modalidade de formação.

A literatura documenta como a alteração dos espaços e tempos de ensino, proporcionando uma muito maior diversidade nos estudantes e nos perfis culturais e de aprendizagem exige, também, uma alteração nas práticas pedagógicas, nas estratégias de ensino, e nos modelos de design instrucional, também designado como design da aprendizagem em Connole ou o design educacional de Paula Carolei.

Flasbacks e o Mestrado em Pedagogia do eLearning (mPeL)

Quando iniciámos o Mestrado em Pedagogia do eLearning na Universidade Aberta de Portugal, pós-graduação pioneira e inovadora totalmente online em 2006, enfrentamos grandes desafios e a necessidade de pensar a cultura docente e a sua ecologia. Deparámos-nos com incompreensões por parte dos nossos pares mas, também, internas à própria instituição. Alguns dos fatores de bloqueio decorreram, muitas vezes, de se perspetivar ou de se formularem expectativas sobre uma nova forma de ensinar e aprender com base nos mesmos referenciais com que aprendemos ou ensinámos décadas antes.

Esta é uma abordagem bastante frequente, quer da parte dos decisores e responsáveis nas instituições, quer dos académicos e dos próprios estudantes. Por isso, a investigação das práticas embebida no trabalho docente (a já mencionada “pesquisa-formação na cibercultura” proposta por Edméa Santos) deve constituir, na minha perspetiva, uma prática permanente, recorrendo a abordagens metodológicas também elas em construção perante os novos fenómenos com que lidamos.

A minha entrada na educação online deu-se nos primeiros anos da década de 90 do século passado, quando tive a oportunidade de aprender a ensinar online com quem já o fazia – em 1993 no célebre curso TLO'4 na Open University britânica (Teaching and Learning Online), com Robin Mason, Tony Kaye, e tantos outros investigadores com quem me cruzei nos textos que fui estudando. Num contexto difícil, quando a Internet era ainda muito limitada e pouco acessível, ultrapassámos obstáculos e vivemos uma experiência de alta intensidade, das mais ricas e impactantes para o meu trabalho docente futuro. Dele resultou o meu doutoramento, onde trabalhei e investiguei, precisamente, a criação de um protótipo de modelo pedagógico virtual e de trabalho docente online, e, também, a base do que viria a ser o meu contributo para o desenvolvimento do Modelo Pedagógico da Universidade Aberta e a criação do mestrado em Pedagogia do eLearning, em 2006.

Tive a oportunidade de trabalhar nesse mestrado com a Edméa Santos anos mais tarde (2013-2014), quando, durante o seu pós-doutoramento, ela participou como observadora-participante, investigadora e docente-visitante numa disciplina do mestrado e na comunidade de aprendizagem, e continuou, no ano seguinte, como professora convidada na disciplina de Metodologia de Investigação em Contextos Online (MICO), onde partilhámos reflexões e co construímos conhecimento e a sua visão da pesquisa-formação na cibercultura, que ficou vertida também no trabalho com os alunos e nas orientações de dissertações do mestrado.

Inspirada pelo uso da forma de diário no livro, deixo aqui o registo também de um encontro feliz que se deu na época entre Edméa Santos e Ana-Paula Correia, quando as convidei para o Painel de Convidados da 4ª Conferência do Mestrado em Pedagogia do Elearning - MyMpeL, em 2013 (<http://mympel.blogspot.com/p/confere.html>), dedicado à reflexão sobre o trabalho académico, as práticas de pesquisa (Ana-PaulaCorreia) as práticas de pesquisa e formação (Edméa Santos), e que deu frutos até hoje, de que este livro é um excelente testemunho.

Terminamos, com a certeza que os leitores desta obra encontrarão motivos para transportarem para as suas práticas as perspetivas propostas pela autora nestes percursos de pesquisa-formação co construídos também, nas vivências com outros atores e investigadores.

Lisboa, 30 de outubro de 2023 ou quase 10 anos depois!

#Lina Morgado

30 de Novembro de 2013

4ª Conferência do Mestrado em Pedagogia do Elearning myMPeL, 2013

Universidade Aberta: Palácio Ceia - Lisboa
9.00 -19.00
PROGRAMA PROVISÓRIO

09.00 :RECEÇÃO
9.30 -10.00

PRÓ-REITOR DIRETORA DO DEED	Abertura	UNIVERSIDADE ABERTA
--------------------------------	----------	---------------------

10.15- 10.45: PAINEL DA COORDENAÇÃO DO MPEL

COORDENAÇÃO DO MESTRADO EM PEDAGOGIA DO E-LEARNING	Radiografia do curso MPEL	UNIVERSIDADE ABERTA
---	---------------------------	---------------------

11.00 -12.30: PAINEL DE CONVIDADOS DO MESTRADO MPEL

MODERAÇÃO:

ANA PAULA CORREIA	Elearning- Research directions and Advanced Practices	IOWA STATE UNIVERSITY
MARCO SILVA	Fundamentos da Interatividade na sala de aula presencial e online	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
EDMÉA SANTOS	Cibercultura na era da mobilidade ubíqua : práticas de pesquisa e formação	UNIV. ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO



4ª Conferência do Mestrado em Pedagogia do Elearning
myMPeL, 2013

'Radiografia' dum curso online:
estudo das práticas docentes sobre o desenho das atividades online

Rosalina Simão Nunes
Prof. Doutora Lina Morgado

Fotos do arquivo pessoal Lina Morgado - com Marco Silva, Ana-Paula Correia e Edméa Santos MyMPeL2013.

Seja bem-vind@!

Pegue seu mapa e boa viagem



Edméa Santos

Professora titular - livre da UFRRJ
Bolsista Produtividade do CNPq
e Cientista do nosso Estado pela FAPERJ
Líder do @gpdoc.ufrj
Filha de Oxúm, mãe da Nina,
Viajante, Cinéfila,
Autora que forma autores na cibercultura
www.edmeasantos.prof.br

Apresentação

APRESENTAÇÃO

SEJA BEM-VIND@! PEGUE SEU MAPA E BOA VIAGEM...

A pesquisa como dispositivo curricular é, ao mesmo tempo, uma disponibilidade nas matrizes dos currículos universitários uma possibilidade formacional necessária à pós-graduação stricto sensu no nosso país. Sua circulação já faz parte de uma complexa, relevante e incontestada tradição formacional. Entretanto, pensar e promover a realização da pesquisa como ato de currículo, carece de reflexões e intervenções curriculares mais profundas e relevantes. Isso implica em experienciar a pesquisa dos currículos da pós-graduação stricto sensu em nosso país. (grifos nossos. Macedo, 2020, 21).

Concordo com Macedo (2020) sobre a necessidade de experienciar a pesquisa dos currículos da pós-graduação stricto sensu dentro e fora do Brasil. No campo da Educação, vivenciamos a pesquisa nos e com os cotidianos escolares, na pedagogia universitária e nas mais variadas redes educativas, incluindo o ciberespaço e os ambientes virtuais de aprendizagem. Em linhas gerais, os programas de pós-graduação se organizam em currículos disciplinares, em atividades interdisciplinares que giram em torno dos seminários de pesquisa e eventos científicos, na organização de grupos de pesquisa e na prática de pesquisa propriamente dita. Estas atividades são historicamente desenvolvidas em currículos presenciais, com raras atividades online que muitas vezes dependem sobremaneira da iniciativa individual de docentes e seus grupos de pesquisa.

Com a pandemia Covid-19, nossos programas presenciais migraram por completo para o ciberespaço. O contexto exigiu dos gestores, docentes e discentes uma rápida mobilização de saberes para o exercício da atividade online no que se refere à formação direta de pesquisadores. São muitos os dilemas de pesquisa e formação, bem como a multiplicidade de invenções curriculares cotidianas. Precisamos investigar os currículos e suas mediações emergentes para produzirmos conhecimento na pesquisa em contextos curriculares da pós-graduação stricto sensu.

Considerando a larga experiência que tenho com o campo da Educação na Cibercultura, em especial com Educação Online, inclusive na docência e orientação totalmente online que desenvolvi junto a Universidade Aberta de Portugal durante o meu primeiro estágio de pós-doutoramento (2013/2014), investiguei como se organizava e se institui currículos online na pós-graduação stricto sensu. Pude atuar como professora visitante no MPEL, Mestrado em Pedagogia do e-Learning, ministrando disciplinas online com alunos geograficamente dispersos e orientando dissertações de mestrado totalmente online. Em minha experiência no Brasil, atuei por 11 anos no PROPED/UERJ (programa 7/Capes) e há 5 anos no PPGEDUC/UFRRJ (programa 4/Capes), sempre praticando Educação online dentro do currículo presencial, seja com desenhos didáticos online como extensões das disciplinas presenciais, seja na orientação coletiva e ou individual de mestrandas e doutorandos.

Durante e após a pandemia Covid-19 desenvolvi metodologias de ensino e pesquisa online, para além das atividades remotas síncronas e ou aulas lives. Neste contexto, senti a necessidade de continuar pesquisando nossas próprias práticas curriculares da pós-graduação e continuar pesquisando com programas internacionais online. A experiência norte americana me interessa diretamente. Nos últimos anos, venho atuando diretamente com a professora Ana-Paula Correia (OSU). A colaboração tem se efetivado com a participação conjunta em publicações científicas, aulas públicas, supervisões de pesquisa e participação em bancas de doutorado no Brasil. Senti necessidade de estreitar mais a nossa parceira, estando fisicamente no contexto formativo in loco em The Ohio States University (OSU).

Investiguei práticas pioneiras de educação online na pós-graduação, analisando através da metodologia da imersão online o caso da unidade curricular “Applied Instrucional Design” do Programa de Pós-Graduação Online em Tecnologia Educativa da Universidade do Estado de Ohio (OSU) nos Estados Unidos, entendendo por desenho didático curricular a arquitetura de conteúdos e situações de aprendizagem, que convergem a linguagem da hipermídia com a comunicação interativa síncronas e assíncronas, em sintonia com a materialidade da ação docente e discente, no caso aqui a docência online interativa. Para tanto, pesquisei durante dois meses atuando online e interagindo presencialmente com diferentes ambiências presencias na OSU. A pesquisa contou com participação acadêmica em diferentes contextos da universidade, bem como na cidade de Columbus praticando a metodologia do caminhar ubíquo.

A pesquisa e os processos formativos na cibercultura estão cada vez mais em sintonia e fazendo convergir espaços/tempos e pedagogias em movimento e em interface entre os territórios físicos (cidade), informacionais (ciberespaço) e simbólicos (prática de subjetivação). Dessa forma,

torna-se cada vez mais desafiante a produção de dispositivos e metodologias de pesquisa que busquem convergências de linguagens, bem como seus suportes híbridos.

Este livro apresenta uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura que tem como dispositivo o caminhar ubíquo, quando interagi na interface formativa na cidade de Columbus (Estados Unidos) - interagindo com seus equipamentos culturais, artísticos, científicos e sobretudo cotidianos - e o campus físico da OSU e também online (Plataforma Carmem/Canvas). Durante todo período narrei diariamente a experiência formativa forjando um diário online de pesquisa, no formato de visual Storytelling, em meu perfil no Instagram (@measantos). Para compartilhar a experiência, como um todo, organizei este livro em três capítulos:

- **Capítulo 1 – “Diários online: itinerâncias de pesquisa e formação na cibercultura”.** Neste capítulo, compartilho o meu investimento histórico como dispositivos dos diários online em contexto de ciberpesquisa-formação. Explicito a opção pelo gênero e formato do visual storytelling para este projeto em questão. Narro com imagens em sequência a partir de registros fotográficos do meu dia a dia de pesquisa, em contexto de caminhar ubíquo.

- **Capítulo 2 – “O diário online no Instagram: visual storytelling em Columbus”.** Neste capítulo, transpus literalmente o diário online produzido no Instagram para o formato de capítulo de livro. Minha opção foi pelo registro literal de uma experiência dinâmica. A ideia é partilhar com estudantes/pesquisadores e pesquisadores/orientadores narrativas de pesquisa e formação experienciadas, na relação “cidade/ciberespaço”, bem como através de QR Code convidar os leitores à interação online com a experiência vivida. A conversa pode continuar, atualizando memórias de vida e formação. Ao atualizarmos memórias em contexto de conversas online, poderemos quiçá instituir outras e diferentes ambiências formativas.

- **Capítulo 3 – “Educação Online na Pós-Graduação Stricto Sensu: o caso da unidade curricular “Applied Instrucional Design” do Programa de Pós- Graduação Online em tecnologia educativa da Universidade do Estado de Ohio nos Estados Unidos”.** Esta parte é uma versão hipertextualizada do artigo publicado com mesmo título na Revista Interfaces da Educação (Santos,Correia, 2023). Minha opção em publicar neste livro um artigo científico já publicado é exclusivamente pedagógica. Entendo a importância de partilhar diferentes conteúdos em diferentes linguagens como mais e melhores oportunidades de aprendizagens e ambiências formativas na pós-graduação online. O leitor terá acesso a diferentes links para diferentes fontes, objetos digitais de aprendizagem, conversas online com especialistas e produções diversas com a minha supervisora, professora

dra. Ana-Paula Correia, o que revela nossa parceira acadêmica, implicação com uma pedagogia universitária mais democrática, aberta, polifônica, lúdica e em rede.

Fiz a opção pela publicação bilingue em língua portuguesa e língua inglesa. Assim, garantimos, de certa forma, mais acessibilidade da comunicação dos resultados para os contextos de interação entre grupos de pesquisas e nossas universidades. Este livro é fruto de uma experiência de internacionalização de pesquisa. Conteí com apoio da minha universidade de origem (UFRRJ, com apoio do PPGEDUC/Capes), da universidade de acolhimento (OHIO) e com recursos financeiros da FAPERJ - pelo Programa Cientísta do Nosso Estado, pelo Cnpq – pelo Programa PQ. Sem estes apoios, esta experiência que agora torna-se pública não teria sido realizada. Agradeço diretamente às instituições citadas ao mesmo tempo que reivindicamos mais oportunidades e apoios para a realização de pesquisa em nosso país.

Referências

SANTOS, Edméa Oliveira. Online education beyond distance education: a phenomenon of cyberculture In: Better e-learning for all strategic Partnership. 1 ed. Estambul: Çukurova University Adna, Tuerkey, 2017, v.1, p. 17-34.

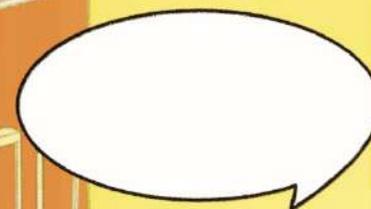
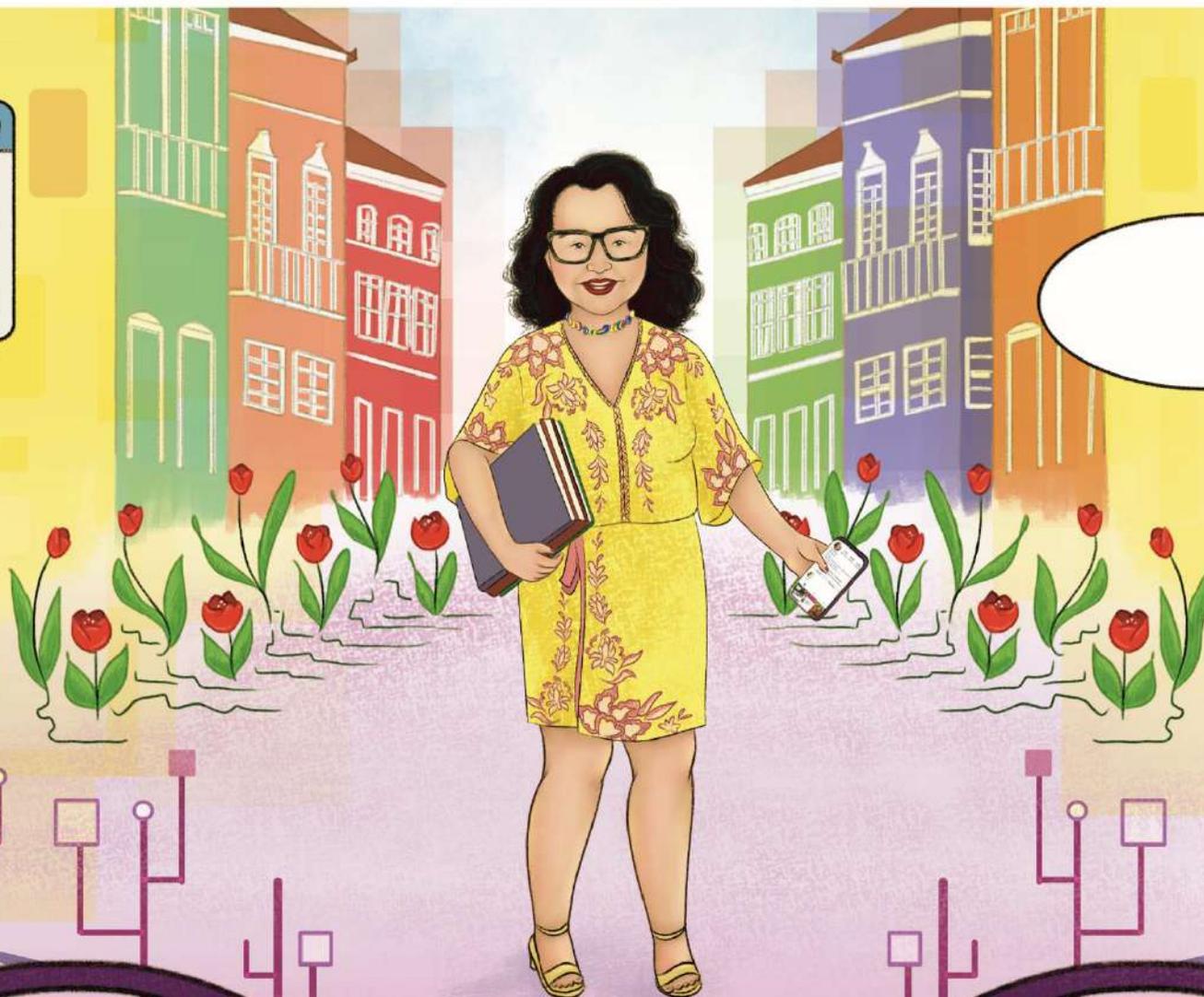
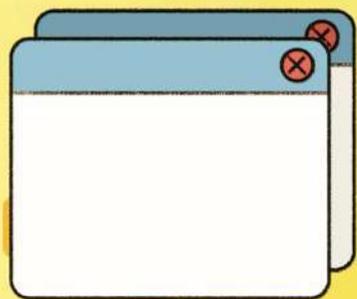
SANTOS, Edméa Oliveira; ROSSINI, T. REA-Brasil community on Facebook an activism, authorship, shares and concerns space In: Facebook and education: post, like & share. 1 ed. Campina Grande: Eduepb, 2016, v.1, p. 65-92.

SANTOS, Edméa. O.; ROSSINI, T. Interactivity, agency and mediation in 3D virtual worlds In: New literacies, new agencies? a Brazilian perspective on mindsets, digital practices and tools for social action in and out of school. 1 ed. NY: Peter Lang, 2013, v.1, p. 147-164.

SANTOS, Edméa. O.; Silva, Marco The assessment of interactive learning: the contributions made by online portfolios and cognitive mapping In: Collaborative Learning Using Concept Mapping. 1 ed.: IGI Global, 2009, v.1, p. 40-60.

SANTOS, Edméa Oliveira; PORTO, C.; CALDAS, A. Facebook and education: post, like & share. Campina Grande: Eduepb, 2016, v.1.

DIÁRIOS ONLINE: ITINERÂNCIAS DE PESQUISA E FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA



CAP I

CAPÍTULO 1 - DIÁRIOS ONLINE: ITINERÂNCIAS DE PESQUISA E FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA

A Pesquisa em Movimento: caminhar, narrar e experienciar na cibercultura

Narrar a vida na interface *cidade/ciberespaço*, ou seja, no interstício entre territórios físicos, informacionais, cognitivos e simbólicos já faz parte dos meus etnométodos pessoais e junto ao GPDOC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (SANTOS, 2005), (WEBER, SANTOS, 2009, 2014). Por outro lado, entendemos que cada experiência formativa é singular, portanto, este livro apresenta uma experiência única, cheia de histórias e narrativas autobiográficas ao longo de uma vida, formação e carreira acadêmica. Além de não sermos sempre a “mesma pessoa”, cada itinerância com e nos *espaçostempos* de pesquisa-formação forjam diferentes experiências formativas. Criamos dispositivos e deixamos os dispositivos nos afetarem, os diários online são exemplos concretos, com isso e neste contexto produzimos conhecimentos na e com a experiência. Experiência em contexto e na relação cidade/ciberespaço.

Por “cidade” entendemos os territórios físicos que habitamos e circulamos, seja em meios urbanos e/ou rurais, no *home office* ou pelas ruas. Caminhamos sentindo cada passo, observando as pessoas, objetos técnicos e seus movimentos, seus corpos como mídias. Mídias que revelam suas estéticas, suas poéticas, suas potencialidades, seus limites, processos históricos de inclusão e privilégios, mas também processos excludentes e injustos, que não são apenas seus. Somos sociedade. Muito do que somos é contingência e foi politicamente arquitetado por projetos mais ou menos civilizatórios.

E o ciberespaço? Qual a sua relação com as cidades. O digital está na “pele da cultura”, nos atravessa e nos condiciona. É infra-estrutura e dispositivo de práticas de subjetivação, tecnologias da inteligência e cibercultura (LÉVY, 2003). Forjamos quem queremos ser, educamos e nos educamos com e pelas mediações cada vez mais digitalizadas, datificadas, plataformizadas. Podemos com acessos e acessibilidades inventar, criar, nos autorizar, mas também sermos cooptados pelo capitalismo cognitivo e de vigilância, que ao mesmo tempo produz tecnologias de ponta, que

podem mudar o mundo para melhor, mas também podem matar e excluir por diferentes tipos de violências povos inteiros. Tudo dependerá dos projetos políticos associados a estas tecnologias

Hoje, 28 de maio de 2023 na cidade de Columbus Estado de Ohio/Estados Unidos, retornando da cidade de Montreal/Canadá, me deparei com uma cena extremamente violenta. Do aeroporto de Columbus para minha residência, no Centro da Cidade, peguei um ônibus (transporte público) e me deparei com uma situação constrangedora. Constrangedora para um país de primeiro mundo, para qualquer cidade. Adentra o ônibus uma jovem mulher negra, lindíssima com olhos fortes. Sua beleza facial chamou bastante a minha atenção por alguns segundos. Seu corpo tomou conta de todo espaço de entrada. Suas roupas não cabiam no seu corpo obeso, com marcas estranhas e cheio de cicatrizes. Um corpo literalmente marcado pela vida.

Como não pensar em violências das mais diversas formas. O cheiro de urina era insuportável. Não consegui respirar. Como um ser humano chegou até este limite civilizatório? Era o que me perguntava. Este corpo não é o único nesta situação. Impossível não pensar nos processos de escravização sofridos por ancestrais e nas mais novas formas de colonialidades que ainda sofremos e que se atualizam por diferentes materialidades, inclusive simbolicamente, na segregação racial, na supremacia branca, na ausência de políticas públicas, em processos civilizatórios que falharam e continuam falando. A mulher com confusão mental, demorou alguns minutos para encontrar seu cartão de viagem, mas conseguiu entrar, desci no ponto seguinte.

Como pensar tudo isso, quase simultaneamente, se no dia anterior na cidade de Montreal, no estado do Quebec/Canadá, eu me locomovi pela primeira vez num carro Tesla, carro de última geração, totalmente computadorizado com recurso de piloto automático e inteligência artificial, que dispensa, se desejarmos, o motorista humano. Produzido por uma das empresas mais tecnológicas do planeta, cujo proprietário é um dos homens brancos mais ricos do mundo, que financia a extrema direita produtora de necropolítica, de Fake News e outras mazelas... O tal carro que muito me impressionou em termos tecnológicos pertencia a um colega professor universitário. No Canadá os docentes universitários recebem incentivos e financiamentos financeiros para investir em suas mobilidades urbanas. Tudo isso junto e misturado. Processos de exclusão convivendo com altos índices de desenvolvimento tecnológico. O que fazer para minimizar estas distâncias sociotécnicas?

O que separa a jovem mulher, que tentava andar de ônibus nos Estados Unidos como seu corpo marcado por violências, e o o professor universitário, que se locomove num carro de última geração? E a professora pesquisadora que narra tudo isso? Partilhar estas experiências para quê? Narrar a vida em movimento nos permite organizar quem somos no mundo. Academicamente falando, nos permite organizar o vivido em contexto

de pesquisa e formação. Narrativas autobiográficas advindas de caminhares ubíquos da autora (SANTOS, 2020) em suas itinerâncias urbanas são trazidas neste texto para materializar apontamentos introdutórios sobre o dispositivo em questão. Entendemos por caminhar ubíquo:

O ato de caminhar por territórios físicos em conexão com o ciberespaço, produzindo, registrando e significando dados de pesquisa-formação na cibercultura. O caminhar é trazido como ato forjado nos acontecimentos de aprendizagem e formação do pesquisador em relação direta com equipamentos culturais, pessoas e suas significações em movimento, territórios simbólicos. Valoriza-se, aqui, a interação efetiva do pesquisador na relação *cidadeciberespaço* por meio de saberes urbanos, comunicacionais, pedagógicos, mobilizados com tecnologias digitais em rede. (SANTOS, 2020)

Assim, não dissociamos a experiência formativa da pesquisa de seus processos de narração. Como nos sugere MACEDO (2015):

No que concerne à relação entre a experiência e a narração sabe-se que a experiência tem um claro conteúdo narrativo porque transcorre no tempo, vive a duração, portanto, reflete as vivências e as implicações dos sujeitos e seus protagonismos. [...]. A valorização da narração coloca o narrador numa condição de autor e mais importante ainda, de viver um processo de autorização, como já dissemos, de tornar-se coautor de si (MACEDO, 2015, p. 46).

É pela experiência que saberes e conhecimentos podem ser forjados, para que em outros momentos esta própria experiência possa ser refletida com mais rigor, tensionada, problematizada e materializada em diferentes gêneros e suportes científicos, a exemplo dos artigos científicos. Para Josso e Macedo a experiência é fundante na formação de docentes/pesquisadores, pois é por meio dela e com ela que forjamos nossa singularidade profissional, mobilizamos saberes, nossas práticas pedagógicas e atos de currículos. Gosto muito como Josso organiza as dimensões da experiência em “vivas, transmitidas e reconstruídas”. Com estas dimensões cocrio e as atualizado para o contexto da cibercultura:

1) **Experiências vividas** – refere-se às vivências pessoais e únicas de cada ser no mundo, com suas interações e com os outros e as coisas. Essas experiências pessoais influenciam a forma como docentes/pesquisadores percebem e compreendem a realidade, criando assim seus próprios etnométodos, seus jeitos de ser, estar e produzir na relação cidade/ciberespaço.

2) **Experiências transmitidas/compartilhadas** - envolve a partilha de conhecimentos e práticas entre gerações de docentes/pesquisadores. Assim como aprendemos com nossos mestres mais experientes, também os ensinamos com as nossas experiências situadas na cibercultura. Vivemos intensamente isso durante a pandemia covid-19. Aprendemos e ensinamos com gerações anteriores e com aqueles que formamos e que nos formam cotidianamente nos contextos de nossas orientações e supervisões.

3) **Experiências reconstruídas** - refere-se ao processo de reflexão crítica sobre as experiências vividas e transmitidas/compartilhadas. Docentes/pesquisadores são desafiados a reinterpretar, recontextualizar e reconstruir suas experiências pela imersão na cultura contemporânea praticada. Essa reflexão crítica permite que atualizemos em contexto nossos dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura. No caso dessa pesquisa, vivenciamos e reconstruímos nossa prática de educação online e de diário de pesquisa.

Uma nota de campo ou diário online já é em si, ou pode ser, divulgação, circulação e ou popularização da ciência. Mas qual o objetivo de fazer tudo isso em rede? Por que partilhar experiências na abertura das redes e suas conexões? Em primeiro lugar, escrevemos para nós mesmos. Para registrar, pensar e produzir conhecimentos pela e com a própria experiência. A experiência vivida no exercício da *docênciapesquisa* não está desvinculada do que somos, fomos ou queremos ser. A contrário do que muita gente pensa, somos os profissionais que somos também pelas pessoas que fomos e somos. Experiência e memória são noções híbridas para *fazerpensar* com os diários online de pesquisa e formação.

Autores como Elizeu Clementino e Christine Josso acreditam que a memória desempenha um papel fundamental no processo de formação de professores, pois permite acessar, reconstruir e refletir sobre nossas experiências vividas. Assim, podemos recuperar eventos, situações e aprendizados vivenciados ao longo de nossas itinerâncias de vida e formação compreendendo e interpretando nossas experiências presentes. Ao refletir sobre nossas memórias, podemos estabelecer conexões entre diferentes situações, identificar padrões, desafios e conquistas, e, assim, dar sentido às nossas experiências e atos de currículos atuais.

Assim, podemos reconstruir das experiências. Ao recordar e refletir sobre e com nossas experiências passadas, podemos questioná-las, reinterpretá-las e reconstruí-las em saberes e conhecimentos numa perspectiva crítica e sobretudo questionadora. Ao fazermos isso em rede e com abertura à participação dos nossos praticantes de pesquisa, podemos avançar em termos teóricos e práticos, inovando em pesquisa-formação na cibercultura. Alcançamos interlocutores não endereçados *a priori*, bem como dialogamos diretamente com nossos parceiros de pesquisa mais diretos.

Se fizermos isso na abertura das redes e suas conexões, podemos partilhar e dialogar sem limites espaço temporais. O disparador para a conversa pode muito, não só nos ajuda a organizar o vivido, em múltiplas linguagens, como também pode disparar a construção coletiva de conhecimentos. Despertar no outro suas próprias experiências, oportunizar reflexões novas a partir de suas memórias de experiências outras.

Os diários na cibercultura nos permitem partilhar em tempo real as nossas experiências de pesquisa e formação, de vida e formação, se assim desejarmos e se assim entendermos que pesquisar na cibercultura não é pesquisar com posturas não interativas, individualizadas na privacidade de uma pretensa arrogância autoral. Pesquisar na cibercultura não é apenas explorar os fenômenos culturais como fazíamos com os meios massivos: olhar e descrever, coletar dados solitariamente e sem diálogo com os praticantes e campo de pesquisa. Não cabe mais. Há quem faça esta opção. Mas esta opção nunca foi a minha e muito menos a nossa no e com o GPDOC (UERJ/UFRRJ).

Fazemos opção pela partilha e produção dos dados em contexto e de forma interativa (nos modos síncronos e assíncronas) partilhando nossas itinerâncias com praticantes diretos e indiretos da pesquisa. Nesta experiência de pós-doutorado vivenciamos no recorte de dois meses, o visual storytelling. Narrar com fotografias a cotidianidade de um processo de ciberpesquisa-formação nos permitiu registrar vivências, experiências na relação cidade/ciberespaço. Mas antes de apresentarmos nosso mais atual caso de diários online, no formato de visual storytelling, vejamos um pouco mais a nossa itinerância com o dispositivo nos seus mais variados gêneros e suportes.

Primeiros passos: uma criação de tese

Minha relação com os diários online já começou com intencionalidade de ciberpesquisa-formação, ou seja, o diário que criei como um dos dispositivos de educação online em contexto de docência e pesquisa acadêmica no contexto da cibercultura. Durante todo meu projeto de tese (Santos, 2005), desenvolvi um diário online de pesquisa em duas dimensões inseparáveis, mas com objetivos distintos:

- Diários dos estudantes/pesquisadores
- Diário da docente/pesquisadora.

Ambos numa mesma ambiência comunicacional, o ambiente virtual de aprendizagem desenhado como campo de pesquisa-formação. A primeira foi a dimensão da docência, 1) Diários dos estudantes/pesquisadores, que instigavam os estudantes/pesquisadores a narrarem seus cotidianos de aprendizagem, pesquisa e formação online. Como estão aprendendo online? Como aprendemos lendo, deixando comentários e conversando com a comunidade online através de seus diários? Estas questões eram algumas das nossas principais provocações e disparadores na mediação da docência online. Cada estudante/pesquisador tinha sua área pessoal de trabalho que era aberta, ou seja, ao mesmo tempo que cada estudante tinha seu espaço singular para narrar suas aprendizagens com dilemas e etnométodos, também poderiam partilhar e receber comentários de toda turma, de toda comunidade de prática, incluindo inclusive docentes/pesquisadoras e colegas de turma de estudantes/pesquisadores.

Nesta área pessoal, os estudantes/pesquisadores escreviam diariamente, postavam suas atividades em diferentes linguagens e como os potenciais da hipermídia, linguagem da internet (SANTAELLA, 1996). Escreviam na área de escrita da interface (a época utilizávamos o fórum de múltiplas discussões online) fazendo hiperlinks e mixando com imagens, infográficos, arquivos de sons, gifs animados, entre outros. Além disso, também anexavam arquivos de conteúdos produzidos em outras plataformas. Como o pólo da emissão estava liberado, e a orientação/mediação docente acontecia no contexto da avaliação formativa – em três dimensões:

- Coavaliação, estudantes avaliando estudantes;
- Heteroavaliação, docentes avaliando estudantes;
- Autoavaliação, estudante avaliando suas próprias avaliações. Todos interviam nas narrativas de todos (Santos, 2005).

A segunda dimensão foi o diário da docente/pesquisadora. Diários de pesquisa, notas de campo, são práticas e estratégias comuns no campo das ciências humanas, principalmente na interface das ciências antropológicas. Aprendemos com grandes mestres (e interlocutores acadêmicos (BARBOSA, 1998) (MACEDO, 2000) (ZABALZA, 2007) a importância da descrição densa dos fenômenos, as narrativas de si e das ações e criações de e com nossos praticantes de pesquisa. Tudo isso, também é comumente praticado de forma individual e íntima. Mesmo que atualmente muitos docentes/pesquisadores lancem mão de interfaces digitais. Em nosso grupo de pesquisa, temos produções a respeito. (SANTOS, 2005) (SANTOS e CAPUTO, 2018).

Nossa intencionalidade primeira foi romper com a lógica do diário íntimo e privado de pesquisa, quebrando paradigmas e lançando mão das dinâmicas de abertura, interatividade próprias das práticas culturais da cibercultura. Nos inspiramos na abertura dos diários íntimos que circulavam em rede, inicialmente via páginas pessoais (*home pages*) e depois com as práticas dos blogs (OLIVEIRA, 2014). Nossos trabalhos com os diários online seguiram de interfaces do ciberespaço para os AVA – ambientes virtuais de aprendizagem, convergindo-os também com os aplicativos para celulares (APP).

Abrimos nosso diário de pesquisa para nossos estudantes-pesquisadores. Fizemos opção pelo risco, pela experiência de vivenciar radicalmente a experiência online interativa. Narrávamos nossos dilemas (inquietações cotidianas que emergiram na e com a relação com praticantes e campo de pesquisa) e etnométodos (criações, autorias, jeitos de fazer nossos e com nossos praticantes no campo de pesquisa) advindos da prática de pesquisa e formação sobre e com nossos praticantes de pesquisa, estudantes/pesquisadores. Corremos riscos, mas vivenciamos a partilha de nossas intimidades e temos histórias para contar.

Esta criação curricular online foi inovadora à época. Afinal, os diários de bordo, aula ou jornais de pesquisa geralmente aconteciam com dispositivos físicos e analógicos (cadernos, diários físicos, pastas arquivos) e sempre na comunicação íntima (escrever para si e raramente para si e com os outros). As partilhas de memórias de pesquisa e formação aparecem na literatura pedagógica em situações pontuais e síncronas de forma presencial (rodas de conversas, grupos dialógicos de foco, dentre outras dinâmicas presenciais).

Então, podemos sim afirmar que a prática do diário online não só foi inovadora em nosso trabalho de tese em termos tecnológicos, com o engendramento de diferentes arranjos espaços temporais provocados pelo uso do digital em rede (uso de plataformas e interfaces digitais), mas

também no sentido da inovação pedagógica. O diário online na cibercultura é, ou deveria ser, fundamentalmente interativo. Interatividade aqui levada a sério. Cocriação de si com outros, cocriação da mensagem com autoria coletiva, bidirecionalidade-hibridação, participação-intervenção, como fundamentos. (SILVA, 2010).

Obviamente que nada impede que pratiquemos diários online que sejam íntimos ou que sejam compartilhados com alguns e específicos interlocutores. Por outro lado, sempre foi nossa intenção praticar educação online como um fenômeno da cibercultura e este fundamento é tese (opção de uma pesquisadora e seu grupo de pesquisa) e não dogma. Nossa opção ética, estética e política parte da compreensão dos fenômenos da cultura contemporânea para com eles aprender, formar e se formar, praticar educação online. Logo, nossos dispositivos nunca são transposições de práticas comunicacionais massivas e sim sempre pós-massivas.

Invenções e inovação de tese passaram por diferentes atualizações durante o meu exercício de docente-pesquisadora (no exercício de minha docência na pedagogia universitária em contextos de graduação e pós-graduação), orientadora (graduandos, mestrandos e doutorandos) e também como supervisora (de pós-doutoramentos). Juntamente e na liderança do GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura desenvolvemos diferentes gêneros e formatos de diários multirreferenciais online.

Desdobramentos da docência e orientação de ciberpesquisas-formação

Costumo sempre dizer para meus estudantes/pesquisadores e orientandos que as interfaces digitais em si não são dispositivos de ciberpesquisa-formação. O que torna uma interface digital dispositivo é a inovação pedagógica que imprimimos com a interface. Uma interface de fórum de discussão, por exemplo, só se materializa como fórum de discussão quando habitada por seres humanos em processos de comunicação interativa. Com uma mesma interface digital, podemos desenhar e materializar diferentes práticas de pesquisa e formação. Nosso conceito de dispositivo parte da ideia de que um dispositivo é em si a inteligência pedagógica que criamos aproveitando o potencial pedagógico e comunicacional do digital em rede. Por inteligência pedagógica entendemos a criação, mediação, gestão de um desenho didático interativo. A arquitetura de conteúdos, situações e mediações da aprendizagem coletiva.

Os diários multirreferenciais online se materializaram no contexto do GPDOC em diários no e com o Facebook (SANTOS, 2011), Evernote (MADDALENA, SANTOS, 2016), Whats (BARBOSA, SANTOS, RIBEIRO, 2018), Blog, App diários (LUCENA E SANTOS, 2019), Portfólios Online (SANTOS, ; SANTOS, SALLES, MIDDLEJ, 2022) Instagram, entre outros. Cada interface digital nos apresenta uma plasticidade singular em termos semióticos e comunicacionais. Com o GPDOC pesquisamos estas plasticidades na prática cultural mais ampla e em contextos de ciberpesquisa-formação. Sempre nos perguntamos, o que pode cada interface em termos comunicacionais e pedagógicos? Como usam os praticantes culturais e como estes podem inspirar a criação de nossos dispositivos? Praticando a “imersão online” no ciberespaço com as interfaces, vamos inventando e criando cotidianamente. A seguir, vamos refletir sobre nossos usos e dispositivos com e na interface Instagram.

As redes sociais como dispositivos de diários online

Sou diarista online desde 1995, desde que a internet se tornou comercial. Comecei praticando diários de bordos como docente. Narrava e desenhava meus primeiros desenhos didáticos, antes mesmo de termos acesso às primeiras plataformas digitais para ensinar. Através da criação *de homepages*, arquitetava desenhos didáticos criando páginas web. Estas páginas deram lugar aos blogs e depois às redes sociais da internet: a) ORKUT (que habitei muito pouco), b) FACEBOOK (que habito até os dias atuais e, no momento, muito mais como “espelho” do Instagram), c) TWITTER (fui uma das primeiras pesquisadoras a utilizar e publicar sobre o tema (SANTOS, 2012) (SANTOS, OZÓRIO, 2019). Tive um perfil com muitos seguidores, até ser atacado por crackers. Fechei e reabri com outro perfil) e d) INSTAGRAM, onde venho narrando com imagens há bastante tempo.

Cada aplicação de rede social tem usos muito específicos para minhas atuações culturais e de pesquisa-formação. Quem me conhece e me acompanha no ciberespaço sabe que eu não separo vida de formação, até porque não concebo uma coisa desvinculada da outra e isso é fundamento educativo para mim, posso dizer que sou uma “*bricoleur*”. Bricolar não é misturar e ou praticar posturas ecletistas. Entendemos a bricolagem como prática multirreferencial e cotidiana do tecer junto e com coerência epistemológica, subvertendo o pensamento único e disciplinar.

Os *bricoleurs* não são transgressores enlouquecidos, são cronistas da diferença e sua presença e influência infundáveis. [...] O *bricoleur* projeta-se, lançando-se, por uma errância que se quer fecunda e implicada à criação. Configura-se no sujeito erótico em ação, está muito mais próximo do artista, do artesão (MACEDO, 2015, p. 60).

Neste meio, utilizo culturalmente as aplicações da seguinte forma:

- FACEBOOK – diaríssimo online, narrar o cotidiano de vida e formação; criar grupos para debates culturais e pedagógicos, álbuns de fotografia para partilhar ensaios fotográficos e com eles narrar a cotidianidade de fazeres e saberes em rede. Permite ao longo dos anos de uso que qualquer pessoa que me solicitou amizade, fosse meu “amigo”. A “geleia geral” da interação online. Mesmo diante do crescimento do fascismo no Brasil, não excluí quase ninguém. Salvo uma ou outra pessoa mais invasiva. Atualmente, partilho mensagens ativistas, autorias e criações de parceiros intelectuais e espelhamento do Instagram, ou seja, o que posto no Instagram é automaticamente partilhado no FACEBOOK.

- TWITTER – (hoje X) para mim sempre foi a interface de aprendizagem com mais intencionalidade para estudos e assuntos relacionados aos temas da cibercultura e do “contemporâneo” mais amplo. Sigo historicamente colegas e intelectuais do nestes campos de saberes e conhecimentos. Seguir e acompanhar autoria de autores, intelectuais e artistas do campo da cibercultura sempre foi uma rede educativa para mim e para GPDOC. Através dessa rede, acompanho a emergência dos fenômenos da cibercultura de forma interdisciplinar e multirreferencial. Além dos cientistas, sigo artistas das mais diferentes áreas, políticos e ativistas das causas que milito e apoio. Atualmente sigo o LED/OSU e suas redes educativas dentro fora da universidade. Internacionalmente, principalmente nos Estados Unidos, parceiros acadêmicos habitam o X. Diante das atuais polêmicas e políticas da plataforma, confesso que estamos passando por sérios dilemas éticos e que também nos acionam para mais pesquisas e debates sobre nosso tempo, principalmente por conta das temáticas e problemáticas emergentes com o capitalismo cognitivo de vigilância. Precisamos avaliar cotidianamente suas políticas, nos posicionando sempre de forma crítica. Obviamente que esta ação vale para todas as interfaces que habitamos, até porque são sempre campos de ciberpesquisa-formação.

•INSTAGRAM – Inicialmente e durante muitos anos, até o surgimento da pandemia de covid-19, sempre usei esta interface para narrar meu cotidiano com imagens. Com e nesta interface minha aprendizagem e repertórios estéticos e visuais foi sensivelmente ampliado. Sempre segui, quase que exclusivamente, artistas visuais, fotógrafos profissionais e acadêmicos com talento, mesmo que amadores, no campo da fotografia. Diferentemente do FACEBOOK que sigo qualquer e diferentes perfis, no Instagram reservei para o bom gosto e competência visual. Quem me segue nesta interface sabe que meus usos antes da pandemia covid-19 sempre foram: 1- Guia de viagens e caminhar ubíquo, narrativas em movimento com localizações em tempo real; 2- Partilha fotográfica de família e atividades profissionais mais pontualmente; 3) dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura. Durante e após a Pandemia da Covid-19, o movimento e o caminhar ubíquo deram lugar a partilha de atividades remotas. A partilha de *cards no feed, reels, story e lives* foram mais comuns e sempre com conteúdos acadêmicos. A pandemia nos colocou diretamente no *home office*. Os dispositivos ganharam diferentes formatos, inclusive no contexto do GPDOC (ALVERNAZ, SANTOS, 2022). Diferentes pesquisas foram realizados no, com e sobre perfis do Instagram, a exemplo da nossa pesquisa e autoria ciberfeminista (SANTOS, FERNANDES, YORK, 2022).

O visual storytelling de ciberpesquisa-formação: itinerâncias de um pós-doutoramento nos Estados Unidos. Uma baiana em Columbus com passagem rápida pelo Quebec

Até aqui, pude narrar um pouco minha itinerância e implicação com os diários online em diferentes contextos e com diferentes interfaces. Nesta sessão, vou me dedicar a narrar na tentativa de compreender meu movimento e caminhar ubíquo diante da minha experiência de pesquisa-formação na cibercultura durante o meu estágio presencial de pós-doutoramento na cidade de Columbus, onde morrei por dois meses e pesquisei na Universidade do Estado de Ohio.

Esperamos que o nosso esforço de síntese, ao cartografar diferentes saberes digitais urbanos, pedagógicos, comunicacionais e científicos continue nos convidando a forjar, cada vez mais, pesquisas em movimento, em deslocamento. “O deslocamento é o seu método e dispositivo de investigação preferido; parar em lugares imprevistos, para que a diferença se lhe apresente e o acrescente, é sua paixão de aprendente flâneur.” (MACEDO, 2015, p. 61).

Trabalhar com imagens sempre nos foi um processo caro, desde minha formação acadêmica inicial na FACED/UFBA junto ao GEC e ao FORMACCE, passando sempre pelas práticas docentes. Sempre investi no uso de imagens em minha docência (SANTOS, 2005) e fui aprendendo e ampliando meus repertórios com grandes mestres. Destaco aqui o trabalho realizado pela professora Nilda Alves e coletivo, junto ao laboratório de Imagem da UERJ. Laboratório que faço parte como membro.

Assim que ingressei ao PROPED/UERJ em 2008, me deparei com uma grande escola, o Laboratório de Educação e Imagem da UERJ. Além das pesquisas coordenadas por seus membros, com foco nas Pesquisas com os Cotidianos, conheci e fui colaboradora e organizadora de algumas edições do Jornal Educação e Imagem. A ideia era incentivar e produzir a escrita científica, subvertendo a escrita acadêmica tradicional. Narrar e compartilhar conhecimentos nas e com os cotidianos escolares e diferentes redes educativas com textos disparados por imagens (desenhos, fotografias e mixagens), ou seja, uma imagem disparando a escrita de textos autênticos, curtos e livres das amarras das normas técnicas vigentes. Textos que falassem as linguagens de suas redes educativas e que para elas voltassem de forma mais democrática. A narrativa também como forma legítima de comunicar e fazer circular saberes científicos.

O tratamento das imagens nos artigos do “Jornal Educação e Imagem” era muito mais que meras “imagens ilustração”, a imagem como personagem conceitual (Alves). Imagem que dispara conhecimentos e nos permite *fazer pensar* conhecimentos, sentidos e significações dos praticantes culturais para outros praticantes culturais. Além de produzir textos para o jornal e orientar meus alunos para tal, também orientei uma dissertação que refletiu sobre todo este processo, tendo o próprio Jornal Educação e Imagem como campo e constructo de pesquisa.

De lá para cá, tudo foi se ampliando e bricolando com o que já fazíamos de autoria na cibercultura e em educação online, como já narramos aqui. Os diários online de pesquisa multirreferencial com os cotidianos foram ganhando diferentes materialidades no contexto do GPDOC. Mas como o “visual storytelling” aparece como gênero de narrativas digitais em nossos trabalhos? Na prática, como já falei aqui, já narrávamos com imagens, mas foi na orientação do doutorado de Tânia Maddalena, hoje professora da UERJ e do PROPED/UERJ, que o visual storytelling nos foi apresentado. Inicialmente a Tânia chegou para a orientação com o tema das narrativas digitais a partir do uso de vídeos digitais para contar histórias. Esta era a ideia inicial da pesquisa, saber as potencialidades dessa prática cotidiana, sobretudo com audiovisuais, para educar e pesquisar com “Digital storytelling”.

Logo nas primeiras orientações, acolhi o campo e o desejo da então orientanda, que assina o lindo posfácio desse livro. A provoquei nos seguintes termos: “O audiovisual em si não é a linguagem da internet e muito menos da cibercultura. Audiovisuais são produzidos e circulados desde sempre na cultura de massa e cultura das mídias (SANTAELLA, 1996). Precisamos em nossa ciberpesquisa-formação lançar mão dos potenciais da hipermídia que é de fato a linguagem da internet, que agrega inclusive os vídeos e audiovisuais, mas que não se limitam a estes”.

Precisamos produzir em nossas pesquisas narrativas digitais na e para a cibercultura. Notei à época que a orientanda demorou um pouco a entender a provocação, mas nada como a pesquisa-formação na cibercultura para formar e nos formar. Criamos juntas diferentes gêneros: microcontos no Twitter (hoje X), diários hipertextuais em blogs dos estudantes, filmes de pesquisa e visual storytelling. Este último foi descoberto pela Tânia Maddalena a partir da obra do artista norteamericano, que fotografava transeuntes pela cidade e os convidavam para narrar um pouco sobre suas vidas. Esta descoberta veio exatamente quando começamos a explorar o Instagram em nossas aulas da graduação, onde se desenvolveu também o campo de pesquisa que originou sua tese (MADDALENA, 2018).

Pesquisar na cibercultura é aprender com os praticantes culturais e seus fenômenos, para com eles e elas buscarmos inspirações para nossos dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura, dispositivos estes que também dão materialidade às nossas práticas educativas e atos de currículos em educação online. O Instagram que já era usado por mim em diferentes situações, como já exposto aqui na sessão anterior, a partir da descoberta do visual storytelling ganhou também novas significações para nossas práticas. (MADDALENA, DVILLA, SANTOS, 2018).

Narrar o dia a dia nos é bastante caro. Como forma de existir, como prática de pesquisa-formação, como ação docente. Enfim, escrever é existir. Estamos deixando rastros nas redes e com as redes digitais desde 1995 quando a internet se tornou comercial. Foram diferentes os canais e experiências que este texto aqui não deu conta de relatar, mas foi feito um esforço de síntese satisfatório para apresentar este atual trabalho com os diários online. Este diário que reunimos no formato de ebook e livro impresso em duas línguas (português e inglês) para exatamente contemplar acesso e acessibilidade a diferentes interlocutores do contexto da pesquisa atual, que aconteceu na cidade de Columbus com a OSU (Universidade do Estado de Ohio) é mais uma criação que tem o objetivo de disparar mais conversas e inspirar mais e melhores pesquisas em educação na cibercultura.

Optamos em trazer o dia a dia dessa escrita nas duas línguas com acesso ao diário no Instagram através do QR CODE, assim queremos que a conversa continue. Afinal, são as conversas online que provocação uma educação de fato colaborativa, interativa e nada bancária. Educar na

cibercultura é em essência educar para a cocriação. Que cada post possa inspirar em você leitor e leitora atos de currículos mais sintonizados com os desafios do nosso tempo. Aprendo demais com meus leitores, revebeo *feedbacks* em forma de elogios e críticas construtivas que muito me formam, então venha! Vamos conversar! Adentre o capítulo 2.

Referências

ALVERNAZ, Aline; SANTOS, E. Instagram Como Ambiente Virtual de Aprendizagem na Formação de Professores na Cibercultura. Revista UNEB, p. 35-52. 2022.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LUCENA, Simone; SANTOS, Edméa. APP-DIÁRIO na formação de pesquisadores em Programa de Pós-Graduação em Educação. *Educação Unisinos*, Novo Hamburgo, v. 23, n. 4, outubro-dezembro 2019. Link de acesso: < <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.234.04/60747434> > .

MACEDO, Roberto Sidney. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA. 2000.

_____. *Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais*. Curitiba, PR: CRV, 2015.

MADDALENA, Tania Lucía; D'ÀVILA, Carina; SANTOS, Edméa. Visual Storytelling e pesquisa-formação na cibercultura. *Revista Brasileira de Pesquisa Autobiográfica*, Salvador, v. 3, n. 7, p. 290-305, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3bE4pIH>> Acesso em: 20 jan. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, Edméa. *Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente*. Tese (doutorado)- Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2005.

_____. *Pesquisa Formação na cibercultura*. Santo Tirso: Whitebooks. 2014.

_____. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena; SILVA, Marco. Práticas Pedagógicas, Linguagens e Mídias: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões. ANPED Nacional, Rio de Janeiro, 2011.

_____. O. Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o twitter. ComCiencia, Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=74&id=932>. Acesso em: 1 mar. 2012.

_____. O caminhar na educação: narrativas de aprendizagens, pesquisa e formação. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela. Diário de pesquisa na cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Omodê, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Edméa; MADDALENA, Tânia L.; ROSSINI, Tatiana S. S. Diário hipertextual on-line de pesquisa: uma experiência com o aplicativo Evernote. In: COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (orgs.). *App- learning: experiências de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 93-108.

SANTOS, E. dos; OZÓRIO, G. G. Twitter na educação: pesquisando nas e com as redes sociais digitais. Educação em Análise, Londrina, v. 4, n. 1, p. 85–102, 2019. DOI: 10.5433/1984-7939.2019v4n1p85. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/32536>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SANTOS, Edméa; SALES, Kathia Marise Borges; VELOSO, Maristela Midlej. Portfólios online no desenho didático da Pós-graduação Stricto Sensu. ROTEIRO, v. 47, p. e30200, 2022.

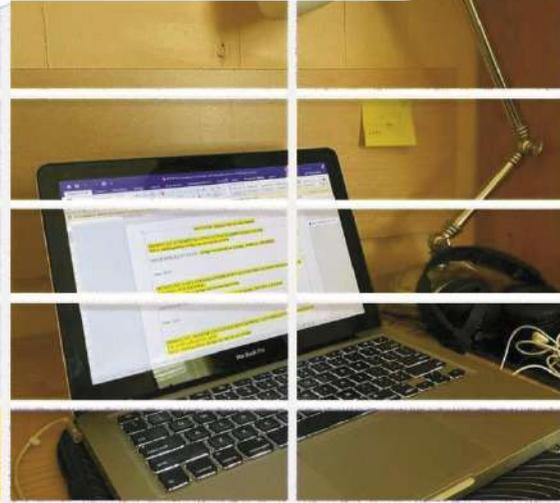
SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Diários online, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: SANTOS, E. (org.). *Diário online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso: Whitebooks. 2014.

SILVA, Marco. Sala de Aula Interativa: educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade, cidadania. Edições Loyola, 2010.

ZABALZA, Miguel. Diário de Aula: Um Instrumento de Pesquisa e Desenvolvimento Profissional. Artmed, 2007.

O DIÁRIO ONLINE NO INSTAGRAM: VISUAL STORYTELLING EM COLUMBUS

Columbus



CAP II



Bahia



Rio de Janeiro

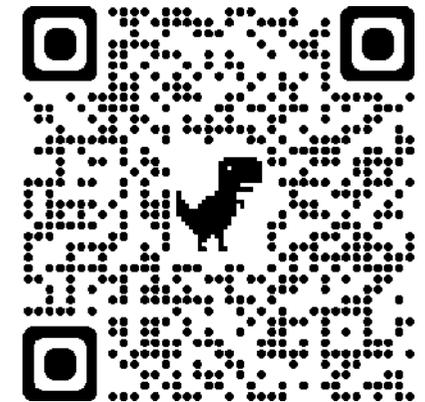
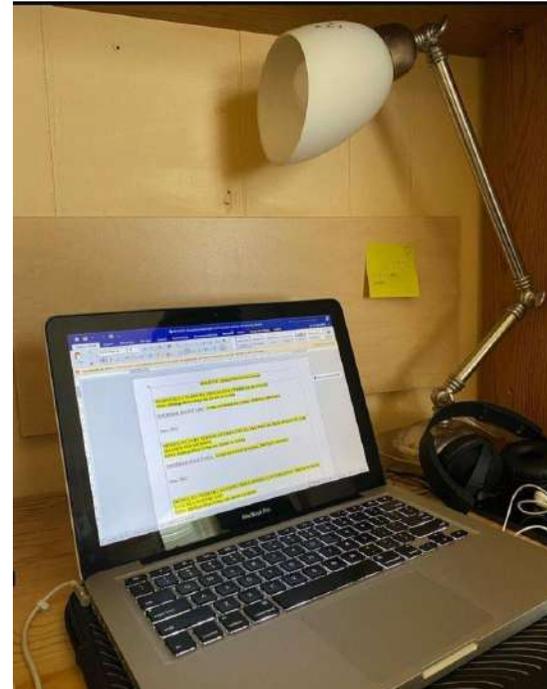
CAPÍTULO 2 – “O DIÁRIO ONLINE NO INSTAGRAM: VISUAL STORYTELLING EM COLUMBUS”

Fiz esta foto ontem as 17:00 diretamente do Aeroporto do Galeão. Meu sentimento para legenda era “Entrando no modo relax”, afinal não foi fácil chegar até aqui. Não postei ontem porque precisava passar pela imigração nos Estados Unidos, o que causa sempre algum stress. Começo agora meu diário de campo, da parte presencial da minha pesquisa de pós-doutoramento que realizo com supervisão da professora dra. [@correia_65](#). Estudo seu desenho didático on-line, fundamentado na prática por projetos de trabalho. Uma prática que conecta a formação acadêmica diretamente com o mundo do trabalho que envolve tecnologias educativas. Fico aqui em estágio até junho. Tudo começou oficialmente em 10 de janeiro, início do ano letivo aqui nos Estados Unidos. Este estudo é fruto da pesquisa maior financiada pelo Cnpq (pq) e pela Faperj (cne) “Educação Online na Pós-Graduação“. Durante a pandemia, que já passou do seu pico de morte; desenvolvi desenhos didáticos on-line para a mobilização de saberes científicos. Obviamente que o on-line não é o remoto das webconferências síncronas. Além da minha própria ciberpesquisa -formação, estudo práticas de colegas numa rede com Portugal, França e Estados Unidos. Nesta rede internacional de pesquisa, agora estou na The Ohio States University. Chegar aqui foi uma luta grande. A burocracia problemática das universidades, documentação, logística de permanência, financiamos (sem bolsa para Pós-doc) ... enfim, não foi fácil. Conte com as ajudas preciosas dos amigos [@vivian.martinst](#) [@jones_de_sousa](#) e Leonel para a organização dos processos. Sem vocês tudo seria ainda mais difícil, obrigada. Conte com o apoio do meu programa [@ppgeduc.ufrj](#) e do [@ie.ufrj](#), fundamentais também neste

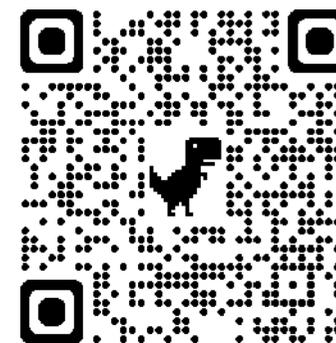
processo. A imagem do drink 🍹 representa sobretudo um brinde por conquistas de mérito que nunca são individuais, são sempre coletivas. Somos um grupo [@gpdoc.ufrj](#) [@gpdoc](#) e um coletivo. Toda aprendizagem aqui e daqui terão ressonâncias diretas em nossa sala de aula, na formação de pesquisadores e pesquisadoras dentro e fora do Brasil. Bora bora ... Agora ainda na conexão no Texas. Na sorte chego em Ohio exatamente 24 horas depois da saída do Rio. Bora!



Após viajar exatamente 24h e chegar na minha casa, na cidade de Columbus, claro que teve acolhida linda no aeroporto com direito a almoço americano com [@correia_65](#), acordo hoje muito bem. O frio brabo já se foi e agora começa a primavera. Tem sol lindo lá fora e um friozinho bom. Eu mereço, pois o friozinho bom eu gosto. Meus planos para minha primeira manhã aqui eram exatamente reconhecer a área, ou seja, caminhar pelo bairro, buscar serviços básicos e explorar a programação de duas bibliotecas que já mapeei no maps. Mas, no meio do caminho teve uma Sucupira... Isso mesmo. Quando conseguiremos viver outras coisas, principalmente no que refere a nossa formação continuada e ampliação de repertórios, sem ter que trabalhar tanto na rotina acadêmica? Desde que minha licença começou (e eu já alerto aos navegantes: nada de tirar apenas 6 meses. Roubada!) não parei como deveria. No meio do caminho temporeceres e editoriais pra revistas, artigos e orientações para revisar, bancas, palestras, seleções (até um Dinter tivemos), e uma tal Sucupira. Manhã inteira revisando meus dados. Coisa de 70 páginas. Isso porque dessa vez, todos os artigos foram trazidos direto do Lattes. Axé! Bora bora. Na sorte, os planos da manhã serão realizados nesta tarde. A noite tem um textão pra devorar e este o Chat gpt
não achata [@marcoparangole](#), [@carva_lhofelipe](#), [@pimentelmariano](#), Leonel e [@wallacecalmeida](#)?



Onde e como morar numa das cidades mais caras para estudantes, principalmente quando não se tem bolsa de estudos? Cidades universitárias costumam ser caras e super inflacionadas. O que dizer de Columbus, cidade que habita o maior campus universitário dos us? Pois bem, em 2018, quando estive por aqui, apenas por uma semana, confesso que não me dei conta da “caristia”. Vixe, recuperei uma palavra que já não ouvia há séculos. Mainha adora falar “caristia”, para se referir a situações “very expansive”. Procura aqui, procura ali, encontrei uma morada que atendesse as minhas necessidades, mas que eu sabia que teria que me deslocar um pouquinho mais para o trabalho na universidade. Mas como o universo conspira a meu favor, me sinto super confortável com a minha escolha. Meus anfitriões são super queridos. Isso mesmo, super bem recomendados pelo seu histórico de hóspedes na plataforma. Mas eu não poderia imaginar, que ficarei protegida e bem longe de possíveis Trumpistas. Se é que isso é possível por aqui... A semana tem sido tensa. Mais ataques com armas de fogo nas escolas e o cadeirão tem esquentado, chegando a deixar os locais já à espera de rebeliões da extrema direita. Tenso? Sim. Ainda bem que interrompemos este processo no Brasil, pelo menos por enquanto. Por aqui também... Mas, os grupos extremistas estão organizados e armados até os dentes. Apesar de tudo e com tudo isso, eu quero dizer a vocês que estou me sentindo em casa. Meus vizinhos são antirracistas, antissexistas e minha rua é reduto de arte e muitas cores. Apesar do estranhamento em relação ao deserto que é isso aqui, nunca me senti numa cidade fantasma. Nunca vi nada igual. Hoje caminhei horas pela minha avenida e não vi um pé de pessoa e isso não é exagero. Horas caminhando e nada. Onde estão todos? Trabalhando e ou habitando suas casas. E o que fazer se o bicho pegar pelas ruas? As vezes pode ter um atentado ... A gestão de risco é “vai para o hospital, costuma ser sempre o lugar mais seguro. Corre lá.” Pois bem, minha casa é literalmente em frente a emergência ☘ do hospital da universidade onde trabalho agora. Que eu não tenho que ir lá, afinal meu locus é a Educação e Ecologia Humana ...



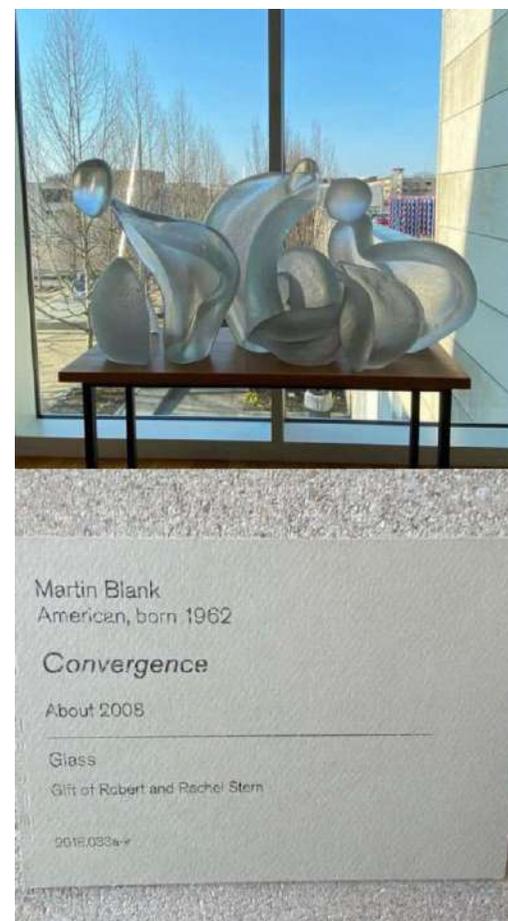
E como costume dizer: “Deixa a cidade te levar “. Neste caso aqui é a rua mesmo. Minha rua corta a cidade! Bora andar ... Sebo na canela, música 🎵 no iPod vintage (que eu amo). Fim do dia, noitinha chegando... Depois de caminhar muito, curtir esculturas urbanas, espiar juventudes nos colleges, adentrar o museu de arte da cidade (que descobri absoluto para mim) vejo um povo lindo e feliz lotando a porta do teatro. Gargalhadas generosas, sorrisos largos, cabelos esculturais, corpos dançantes, vozes de divos e dicas de bricolagem ... Tinha uma ambiência me abraçando ... Procuo saber o que temos pra hoje e sou recebida com uma simpatia, que igual a isso aqui só em Salvador da Bahia kkkkk. Sorrisos, Welcome pra lá e pra cá, adivinha o que eu ganhei de 🎁? Juro que não foi lista amiga kkkk. Foi entrada franca mesmo. “Let’s go e enjoy it”. Lá fui euzinha, me emocionar com arte. Hoje a programação tinha música, poesia, performance 🎭, dança e comédia. Bom né? Tô fechando o primeiro dia útil assim... Mas já saindo de lá, sabendo sobre a programação do final de semana ... enjoy it vc também. Passe com cada micro vídeo e tente se perceber num teatro cheio de resistência e talentos históricos ... Desculpa a qualidade das tomadas... Já estava praticamente sem bateria e o caminhar não foi ubíquo. A [@vivoriorj](#) me deixou na mão . Cadê a rede que meu plano contempla? Assunto para já! Pelo menos o satélite da Google não me deixa na mão com o maps ... aaaaaaff e eu preciso acessar o app do 🚌. Preciso de conexão em movimento! [@nwnzart](#) [@masednem](#) este post é para vcs meus amores !



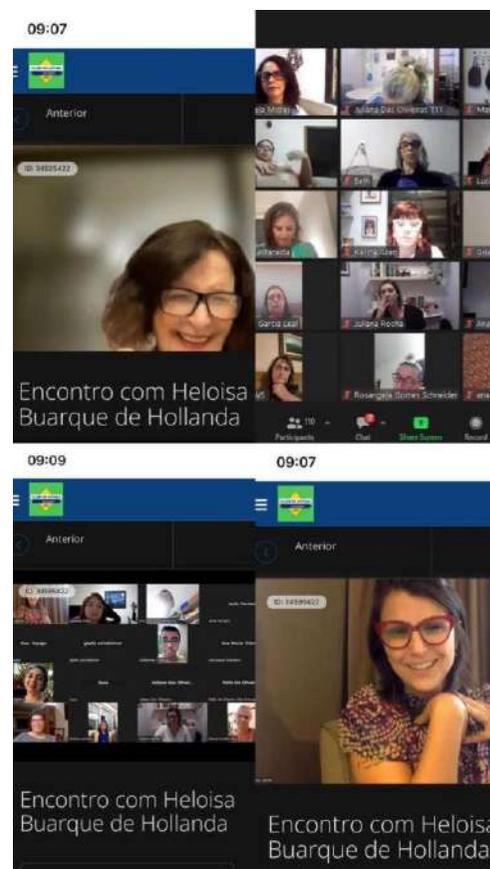
Quer encontrar vida? Procure os rastros e memórias de autoria, ou melhor, deixe-os te achar ... Marimbe seus olhos com o belo em suas mais variadas manifestações ... Deixado a caminhada me levar, me emociono muito com a memória que se materializa em patrimônio, arte, designer, história de quem fez e faz história. No Brasil cultivamos estátuas de genocidas, colonizadores e quando há manifestações críticas sobre isso, há ainda quem defenda as horrendas estátuas. Não que aqui também não tenha isso, mas eu confesso que estou adorando encontrar memórias de quem vale a pena. Protagonistas que fizeram de suas autobiografias seus dispositivos de libertação e emancipação. Estes sempre saocoletivos. [@alelimas10](#) este post é pra você! lembrei tanto de nossa caminhada pelo Harlem ... [@nwnzart](#) assim como fizemos em NY, fiquei querendo te mostrar esta escola de arte também . Dois Colleges, um praticamente em frente ao outro. Vou voltar pra mergulhar nesta energia com juventudes ... Mas, voltando à autoria e suas autorizações, como vocês escrevem suas páginas desse livro que são as suas e as vidas de quem nos atravessa? De que forma esta mensagem, escrita na primeira tela nesse carrrossel 📱, toca sua autoria cotidiana? [@gpdoc.ufrrj](#) como vocês se veem antes e depois dos nossos exercícios de escrita itinerantes ? Para escrever academicamente com autoria, por exemplo, não seria preciso escrever a vida de outras formas? Uns caminham, outros fazem artes, outros escrever livremente deixando rastros públicos, outros fazem suas escrituras íntimas ... E vocês como faz e escreve suas páginas de vida e formação? E você que não escreve, quer deixar aqui seus dilemas? Vamos acolher nossos dilemas e dos outros?



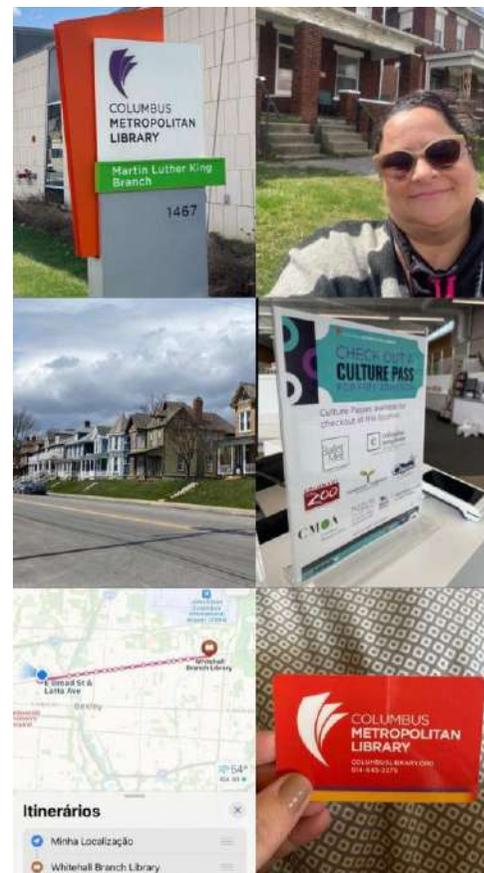
Convergência, uma das noções mais caras da cibercultura e consequentemente para a nossa prática de educação on-line. O digital em rede potencializa a bricolagem de tecnologias, mídias, interfaces, linguagens, conteúdos, conversações... Tudo junto emisturado num mesmo ambiente/ plataforma e ou suporte que nuncatá sozinho e aberto a conexões impensáveis. Pois bem, o que dizer sobre esta convergência aqui? Obviamente que ela, assim como tantos outros não são conceitos novos, mas é com o digital que ganham potencia para fazer pensar a educação a a comunicação em nosso tempo. São outras materialidades , sentidos e significações ...Eu fiquei completamente abduzida por esta escultura ... e como a tessitura do conhecimento é sempre em rede e a rede digital nos conecta em com outros contextos na relação cidadeciberespaço, partilho com você esta conversa que tive acesso hoje , de Alessandra Martins e [@tatibernardi](#) . [@tatibernardi](#) que bom que voltaste com o “Meu inconsciente coletivo”. Já estou sem o [@calcinhalarga](#) e ficartambém sem o inconsciente coletivo já era demais ... O que foi este programa sobre a “inveja da vulva”? Amei super: <https://spotify.link/5OenTGpeDyb> . Meu povo, conecta! Bricola e faz hipertexto comigo! Mas nada disso tem sentido sem interatividade, então vem conversar aqui comigo. Me conta o que você acha disso tudo ... [@marcoparango](#) pena que não posso mixar com uma mensagem que vc me mandou hoje no privado ... kkkk Seria a perfeição para mais uma convergência ... Sextando ! Hoje expliquei a [@correia_65](#) o que era sextar, sextando com ela ...



Sabadando... Acordei mega tarde, conversei com família e algumas amigas do Brasil. Delícia partilhar e acompanhar aventuras das minhas amigas no auge de seus 50+. Ainda preciso escrever mais sobre isso. Tem tanta potência, tantas descobrindo novas emoções, aprendizagens, muitas trilhando rotas novas e desejantes de mais vida. Coisa linda! Outras aprendendo coisas novas e impensáveis há pouco tempo atrás. Amo! Amo partilhar ... Durante a semana não dei conta do meu [@clubedeleituradamanu2023](#) e aproveitei apreguiça, para acordar com a maravilhosa [@heloisabuarqur](#) e sua participação mais que especial no clube. Um mês falando sobre a vida e obra de Raquel de Queiroz. Tensões entre talento, privilegiöse feminismos. Por sinal, a semana toda fui atravessada por esta tensão. No clube de leitura on-line, um dos dispositivos que estudo no [@gpdoc.ufrrj](#), estou com [@raquel_s_barros](#) e [@maristelamidlej](#) no mergulho. Serfeminista ou não ser? Antigamente quem era na prática não gosta dorótulo, muitas vezes por entender que este movimento se limitava assufragistas e seus contextos europeus. Tudo muda e se intensifica com as ondas - principalmente a quarta - os feminismos plurais e interseccional e por aí vai. Por outro lado, tem muita mulher militante de meritocracia que se junta em coletivos neoliberais, pagando de feministas. Uma delas chegou ao ponto, certa feita, de dizer publicamente que o país já tinha pagado toda indenização paraas mulheres que foram torturadas na ditadura militar de 68. Nunca esquecerei isso, registro do insta da própria. Acreditem se quiser. Que 🤔. A sujeita até fez campanha pro monstro em 2018 e também nas últimas eleições. Então, alto lá ... Nada de ficar pagando de bacana e de feminista. Quantas mulheres vestiram suas camisas da CBF e foram lá babar o monstro no 7 de setembro. Isso não é mera diferença de opinião amadas. Sororidade assim, fica muito difícil. Mas voltemos a live com a diva ... Que lucidez, que crítica, que capacidade de análise e síntese, quanta generosidade ... Após tudo isso, quase meio dia. E a ubiquidade Brasil BR e US só se separa pelotempo fechado daqui ... hoje venta loucamente ... Caminhar não vairolar 🗨

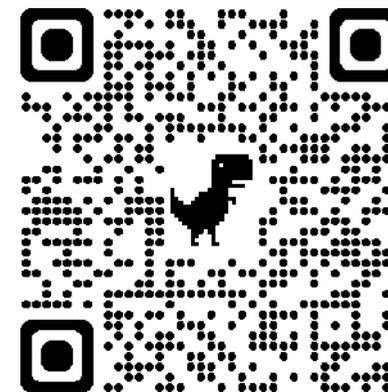
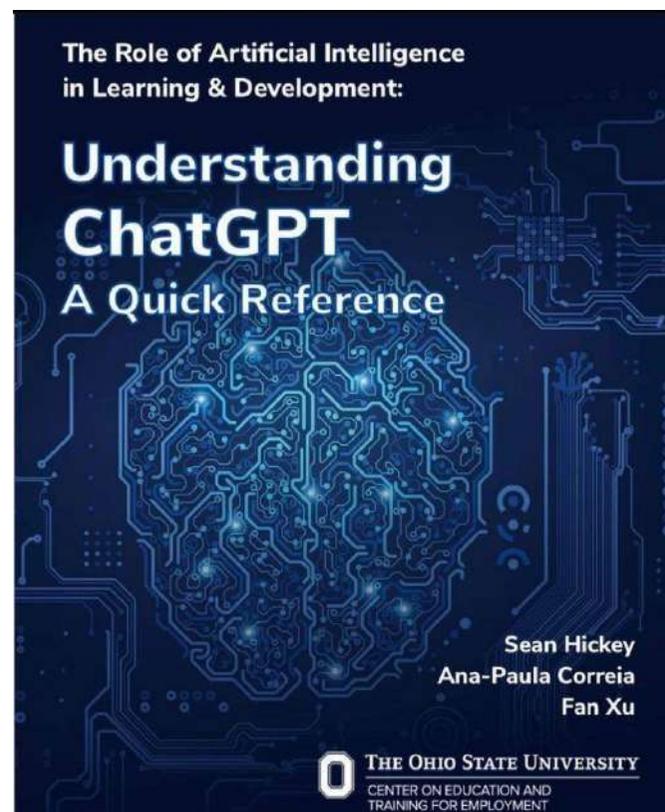


Bibliotecas! Dos equipamentos que mais curto quando estou em novas cidades. Minhas memórias das bibliotecas são as melhores. Durante a infância, frequentava a biblioteca Monteiro Lobato que ficará no bairro de Nazaré em Salvador. Era a casa da contação de histórias e das oficinas de arte. Como não tinha livros - salvo os didáticos - em casa, ficava muito encantada com tudo aquilo. Mainha me deixava lá, sempre que acompanhava meu avô em seu tratamento de câncer. Ele voltava passando mal e, mesmo assim, sempre brincava conosco. Éramos “viradas no Saci”. Na minha juventude inteira frequentei a Biblioteca dos Barris. Ali tomei emprestado meus primeiros livros e encontrava com amigos para trabalhos em grupo. Por conta dos acessos às redes e suas conexões, deixei de frequentar bibliotecas para leituras, mas sempre as curto como espaços culturais. Sempre que viajo, principalmente pelos Estados Unidos, viro rata de biblioteca. Sempre bom assistir palestras, participar de eventos e bons debates. Tudo isso obviamente eu faço também paraturbinar meu Inglês macarrônico. Anos no lugar do “meio”... De 0 a 5, hoje meu colega de home me deu 4. Tô me achando, mas eu seique 1 ponto é pela minha alegria, simpatia e bom humor. Me divirtocomigo mesma. Então vamos a nossa primeira experiência coma [@columbuslibrary](#). Fui super bem atendida pela querida IMARI, a cara da minha amiga [@tatianaspaz](#). Fiz meu cadastro, acessei app, peguei a programação de abril. Não me demorei muito lá, ventania de fechar tempo. Logo pela manhã, minha supervisora me alertou sobre os fortes ventos e seus perigos. Árvores estão secas e seus galhos costumam soltar com facilidade. Acidentes acontecem. Escutei, prometi que teria cuidado. Tempo melhorou e lá fui eu, me encontrar com a biblioteca que tem o nome de um dos meus ídolos. Fui me divertindo com o vento forte e voltei sentindo medo. Mas aí ao chegar em casa, recebo a mensagem da Letícia, bibliotecária do IFG, minha mais nova doutoranda. Vamos fazer uma ciberpesquisa-formação nesta rede educativa que eu adooro. A bricolagem será cibercultura e competência informação. [@joselitojoze](#), são as redes. Bibliotecas na minha vida.

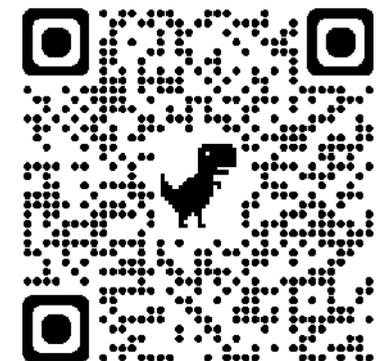


Estamos diante de um dos fenômenos mais importantes da cibercultura. Nossa relação com os atos de falar, de estudar, cartografar, ler, escrever multimodal e produzir conhecimento mudará sobremaneira por conta da presença cotidiana das soluções de IA. Criticar seus contextos produtivos, aplicações capitalistas, datificação, jogos de interesses das grandes corporações continua sendo importante e fundamental. Por outro lado, não podemos ignorar o fenômeno e muito menos deixar de conhecer e aplicar estas mesmas soluções em nossos projetos educacionais que são engajados com pautas autorais e libertárias. Como docentes e pesquisadores que somos é importante ativar e compreender as atuais “operações de usuários” a moda das pesquisas com os cotidianos. Dialogar sobre nossos dilemas e ir ao encontro dos etnométodos continua sendo nossa grande aposta no [@gpdocufrj](https://twitter.com/gpdocufrj). Enquanto isso, apenas os homens brancos e urbanos vêm se apropriando das soluções de IA de forma mais autoral. Consigo lembrar perfeitamente do início dos nossos estudos na era BBS, antes da Web. Pois bem, temos muito a fazer. [@gpdocufrj](https://twitter.com/gpdocufrj) estamos começando a usar, forjar dispositivos e atos de currículos para continuarmos com nossas

ciberpesquisas-formações, cada vez mais antirracistas, antixistas e autorais. Mas os desafios são enormes. Não dispomos de infraestrutura e muito menos políticas de formação. O que nos salva é que estamos imersos na cultura e compartilhando entre pares nossas descobertas e achados. Partilho com vocês este material produzido por [@correia_65](https://twitter.com/correia_65) e coletivo. Link direto: [@gpdocufrj](https://cete.osu.edu/65ea0be8-e5d3-42a9-9cc7-de0e054d5e45) vamos conhecer este material, pois em breve teremos oportunidades de dialogar mais com nosso parceiro Led. Para mais amados [@gpdocufrj](https://twitter.com/gpdocufrj) [@gpdocufrj](https://twitter.com/gpdocufrj) cujo diálogo tem sido muito fecundo neste tema: [@krishnababy](https://twitter.com/krishnababy) [@tanialuciamaddalena](https://twitter.com/tanialuciamaddalena) [@pimentelmariano](https://twitter.com/pimentelmariano) [@carvalhofelipe](https://twitter.com/carvalhofelipe) [@tatiana.rossini.16](https://twitter.com/tatiana.rossini.16) [@wallacecalmeida](https://twitter.com/wallacecalmeida) [@marcoparangole](https://twitter.com/marcoparangole) Leonel. Borabora! PDF em: <https://cete.osu.edu/research/expertise-briefs/>

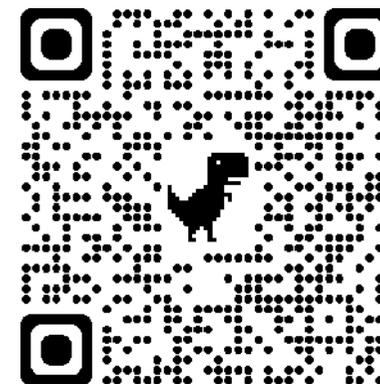


O que nos ensinam as releituras? O que as obras originais privilegiaram contemplar e exatamente o que as releituras nos convidam a pensar? Perguntas que valem para refletirmos sobre as produções artísticas, literárias, científicas, cotidianas... Ofereço este post para [@cristiane.daniel.796](#) que é uma artista que ama Matisse e faz releituras autorais que eu adoro. Para [@marielcarvalho](#), meu preto ostentação, sua cara no carrossel 🎨. Amado esta foto não contempla a grandiosidade da obra, que nos banha de autoestima. Que quadro superlativo... E o que é este Buda minha gente? Prometo mostrá-lo melhor, ele ocupa uma sala gigantesca e é convite ao autoconhecimento a moda da banalidade... Fazemos nossas próprias releituras, inclusive de nossas vidas e formações.



Forjar! Amo esta palavra. Nós Formacceanos , integrantes e egressos do Grupo [@formacce faced ufba](#) , de onde também vemo [@gpdoc.ufrj](#) , costumamos usar esta noção / ação em nossos trabalhos como intencionalidade política , ética e estética quando estamos nos referindo a criações , invenções , planejamentos de atos de currículos e ou dispositivos de pesquisa e ou formação . Mais que criar ou mesmo fazer ... Tem toda uma carga de “fazer acontecer”, apesar de tudo. Apesar do sistema e das estruturas de poder nos arrastar para baixo, dificultar nossas autorais e ou projetos. Forjar é poder! Mais recentemente, lendo artigo de [@cristianosam](#) sobre as tecnologias de Ogúm , em seu lindo livro organizado [@xire epistemologico](#) , adorei saber que forjar também é criar objetos de metal a forja , ou seja , daí vem todo sentido anterior que obviamente explode o material também passa por outras ferramentas e pelo digital . Digital também é ferramenta de Ogúm. Sendo assim , dedico este post a vc [@cristianosam](#) . Na vibe de usar diferentes materiais para forjar , me deparei com lindas borboletas em vidro que dedico a [@krishnababy](#) e para as mulheres de Oxúm-vão os girassóis 🌻.

Que trabalhos maravilhosos Para vocês [@mairapereira12](#) , [@sissilucena](#) , [@teperinoju](#) , [@marta.ferr](#) eira_s , [@laroye grupodepesquisa](#) , [@mae.marciadoxum](#) e quem mais se identificar com este panteão todo...



Pólo da emissão liberados, convergências plurais, conectividades são apenas algumas potencialidades do digital em rede que teorizamos e praticamos há tempos. Com estes fundamentos desenvolvemos uma infinidade de dispositivos de pesquisa e formação no [@gpdoc](#) e no [@gpdoc.ufrj](#) . Passamos pelos blogs (que foram e ainda são uma interface poderosa e que fez a divisão de águas entre a web 1 e as outras), por diferentes redes sociais para viver interações on-line, partilhas de significações, conversas. Educação On-line em meus trabalhos sempre foi uma noção ampla, um fenômeno da cibercultura. Logo, podemos fazer educação on-line na formalidade dos currículos e ou na abertura das redes. Bastar gente interessada em desenhar dispositivos e mais gentes para habitar estes dispositivos. Em minha tese, defendida em 2005, um dos dispositivos foi o diário on-line. Diário que era aberto. Eu e [@dr.okada](#) desenvolvemos juntos um mesmo dispositivo para nossas duas teses. Fizemos um curso on-line onde ela estudava técnicas de cartografia para a pesquisa e eu os Ava como ambiências de pesquisa e formação. Mas porque falar disso agora? Desde estas experiências, nossos diários de pesquisa e docência eram híbridos e abertos, isso mesmo, nossos alunos (sujeitos da pesquisa) interagiam com nosso planejamento e nossos dilemas. De lá pra cá, no Gpdoc, praticamos diferentes formas de narrar a ciberpesquisa-formação. No meu site acervo ([edmeasantos.pro.br](#)) tem dois livros abertos sobre o tema. Pega lá! Quem pesquisa na e com a cibercultura quer interatividade e rompe há tempos com a passividade do “olhar” para o fenômeno. O fenômeno precisa ser vivido. Este meu diário no insta é convite pra conversa e produção coletiva de conhecimento. Nesta vibe, [@correia_65](#) -minha supervisora aqui em [@theohiostateuniversity](#) - criou um blog . Com este dispositivo ela cria lindamente e partilha suas reflexões. Não podemos esperar o tempo das revistas científicas para partilhar e conversar sobre emergências. Vejam que beleza de autoria : <https://www.ana-paulacorreia.com/anapaulacorreias-blog/2023/3/15/is-chatgpt-the-new-buzz-in-higher-education>

ANA-PAULA CORREIA

DRIVING IMPACTFUL
CHANGE ACROSS DIVERSE
COMMUNITIES

BLOG

Is ChatGPT the new buzz in Higher Education?

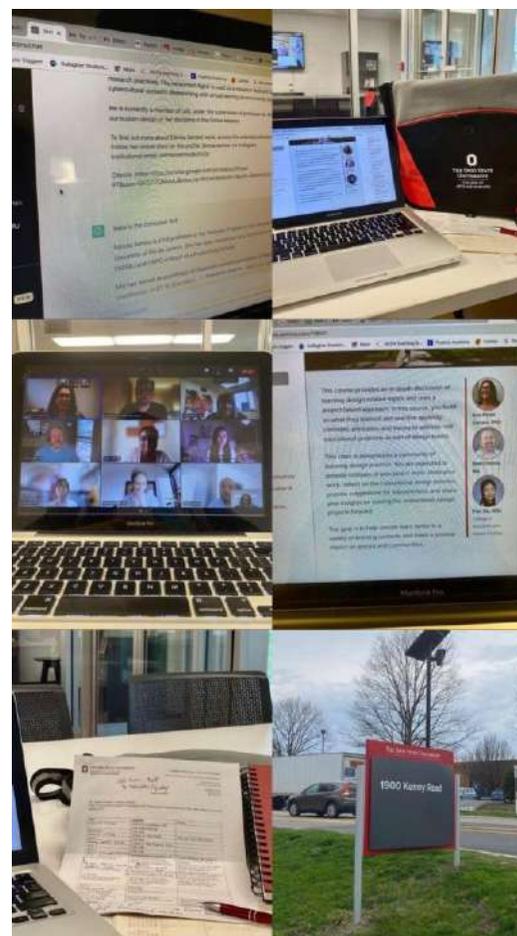
MARCH 15, 2023 IN GENERATIVE AI



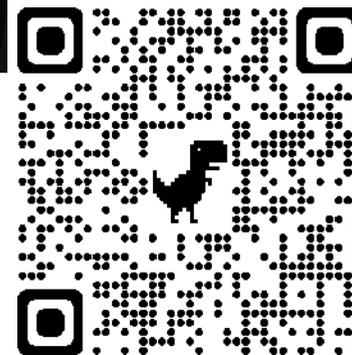
Algumas pessoas podem até achar estranho ou até mesmo simplório este post. Afinal, qual a novidade em usar Maps quando estamos em trânsito ou até mesmo descobrindo novos caminhos em nossa própria cidade? Para quem? Podem ter certeza, não é para todos. Em 2008 exatamente na Uerj, descobri que muitos dos estudantes, inclusive de mestrado e doutorado, não acessavam os espaços e equipamentos culturais da própria cidade, não conheciam a cidade e tinham medo de entrar nos espaços públicos e privados. Como educar na cidade sem ter direito a ela? Com [@weberaline44](#) criamos o [#cidadeeducauerj](#), projeto de pesquisa que mobilizou letramentos urbanos, digitais, ciberculturais fazendo da cidade nossa sala de aula. As redes eram espaços-tempos de narrar com textos, imagens e sons aprendizagens e descobertas. Inauguramos com mais força a fase da “cibercultura em tempos de mobilidade (física, informacional, cognitiva)”. Tempos depois, forjei a metodologia do “caminhar ubíquo” e todos os [@gpdoc.ufrj](#) lançam mão e atualizam o livro “caminhar na educação” no meu site acervo. [@wallacecalmeida](#) atualizou comigo práticas de app-learning, [@vivian.martinst](#) criou uma pedagogia para hiper mobilidade e atualmente com [@mariano_geo2](#) estamos com o [@intera_city](#). Descobrimos que muitos alunos da UFRRJ não habitam bem a cidade universitária de nosso maravilhoso campus [@universidadefederalrural](#). A cidade de Seropédica não reconhece a universidade e esta poderia ser mais integrada com a cidade. Nossos estudantes moram na cidade universitária e não habitam o Rio de Janeiro. Além da falta de acesso e acessibilidade como “Direito a cidade”. Como resolver esta parada? Como criar dispositivos e políticas públicas de Direito a cidade? São as cidades mais hostis com as mulheres? Enfim, vale a pena partilhar aqui minhas aprendizagens de hoje na cidade de Columbus. Acionei letramentos urbanos já consolidados e deixei a cidade me levar. Na verdade eu já sabia o que queria para hoje... aprender a andar de ônibus 🚌 por aqui. Surpresas boas, tem Wi-Fi no ônibus e ele chega na hora, on time. Visitei livraria que amo e ainda conversei na biblioteca. Felicitando o dia ...



Quando comecei a sonhar em inglês um amigo psicanalista me disse que era bom sinal. Estava eu me “libertando da mãe e deixando o pai entrar”. Que “o pai entre economia entrando”... Por outro lado, eu amo fazer pensar com a mãe. Minha língua portuguesa me faz ser quem eu sou, até quando falo e ou sonho em inglês. Comecei a estudar já adulta, amo viajar e praticar o inglês quando posso. Aprendi com minha amiga [@janainacardoso444](#) que as línguas são do mundo e da humanidade. Não existe esta coisa de “língua estrangeira”, as línguas não maternas são “línguas adicionais”, ou seja, vamos adicionado em nosso repertório ao passo que vamos tendo oportunidades de ir acessando-as. Para tanto, precisamos de políticas de formação, dispositivos. Nós no [@gpdoc.ufrj](#) estamos desenvolvendo várias frentes para que nossos membros acionem línguas plurais . Línguas da mãe, do pai e de quem vier kkkk. Novas aprendizagens causam desequilíbrios, não vou retomar Piaget, fiquem tranquilos. Me faz sentir viva. Mas, todo desequilíbrio precisa se organizar para o confronto da equilibração de novos saberes. As interfaces e soluções digitais podem nos ajudar sobremaneira neste processo e pesquisas não faltam sobre o tema. Quero partilhar aqui a minha alegria com o  gpt para a correção de textos em língua adicional, no caso aqui com o inglês. Precisei escrever um texto biográfico descontraído. Nenhum problema se fosse em português né? Falar e escrever é comigo mesmo. Mas eu preciso praticar mais a escrita em inglês com mais velocidade. Fiz o texto e pedi pro chat gpt corrigir pra mim. Gente, que maravilha. Ele corrigiu lindamente, dando mais coerência e coesão ao que já tinha feito. Isso vale para correção e revisões de todos os nossos textos. Podemos solicitar a correção segundo as normas técnicas que desejarmos. Isso não só facilitará a nossa autoria como também democratizará o acesso de pessoas de diferentes culturas num memogrupo de pesquisa. E por falar nisso, hoje tive a primeira reunião como Led completo. O encontro foi no zoom e eu conheci colegas da CN, JM, MN, US e GH. Orientar e ser orientado podem ser atos mais democráticos. Será?



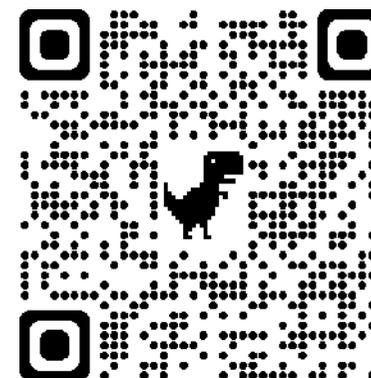
Sexta-feira santa na Bahia é dia de comida de axé. Na formação cristã que tive desde a infância, aprendi que sexta-feira santa não é dia de comer carne. Simbolicamente a carne representa sacrifício. Esta coisa de morrer para nos salvar dos pecados do mundo, não cabe mais. Jesus morreu porque incomodava o poder e era um ativista dos direitos humanos. Hoje é dia de reflexão, de avaliação do que estamos fazendo. Guardemos a festa pro domingo, Páscoa 🐣! Esperançar! Porque a morte leva a vida ... Pois bem, não comemos carne, mas em compensação a mesa dos baianos é aquela fartura de comida de axé, tem família reunida. Falei com meu povo todo. Mainha e painho, com aquela mesa farta recebendo meus irmãos. Senti uma emoção tão grande e uma saudade cortante. Saindo de lá, entrei noutra com minha família, que cresceu. Agora temos a Vênus, a felina mais linda do universo. Marco e Nina cuidando das declarações de amor agora foram a três. Na ubiquidade, força tarefa pro [@gpdoc.ufrj](#). Trabalhei à tarde com [@maristelamidlej](#) e [@tatiana.rossini.16](#) numa produção. “Artigo enviado com sucesso”. O que me restou a fazer? Procurar almoço. Lá fui eu, a pé, almoçar sozinha nesta sexta-feira. Encontrei restaurante cheio de famílias. Criançada fazendo aquela confusão boa. Pedi meu prato de peixe com 🍋, especialidade da casa. Comi agradecendo, refletindo, planejando a semana. Voltando pra casa, resolvi passar na biblioteca e pegar um livro. Não encontrei minha amiga Imari, like [@tatanaspaz](#), mas fui super bem recebida pela Traci e pelo Brian. Procurei obra da bell hooks e me surpreendi com todo o acervo. Tem tanta coisa ... Sistema é super interativo e tem uma usabilidade incrível. Peguei sua autobiografia de infância e encomendei outro livro sobre masculinidades. Este último, não estava na sede e já mandei buscar pra mim. Meus amigos não conheciam a bell hooks. Falei sobre ela e eles ficaram super empolgados, a ponto de me convidarem para dois eventos que acontecerão neste mês de abril com poetas afro-americanos. E a vida é assim, feita de partilhas, trocas, diálogos, Sororidade!!! Como tem que ser a Páscoa de todos.



Perdi a piada em mais de 90%, mas gargalhei e me diverti de montão. Neste sábado de aleluia não teve queima do judas, mas teve comedy com meus colegas de casa. Aceitei na hora este convite. Temos bons comediantes no Brasil, mas eu sei que aqui nos Estados Unidos esta arte é muito tradicional e o povo adora. Adorei o ambiente colorido das pessoas e do espaço, a irmandade dos artistas na fruição individual e generosa para com seus pares. Nos divertimos todes!! Após duas horas de espetáculo, pizza 🍕! Com os novos amigos os temas das conversas variaram entre arte, Oscar e ancestralidades a processos de gentrificação do bairro. Pude entender melhor porque algumas casas estão fechadas e com ares de abandono, numa mesma rua onde temos novos lugares de entretenimento e casarões em profunda transformação. E o tema das cidades 🏘️, vai e volta com força. Estou escutando os sinais ... Bem, e sobre a queima do Judas eu não sei como anda esta tradição. Só sei que tenho memórias muito divertidas. Ainda muito pequena, eu e [@flavia_mendes](#) esperávamos ansiosas o sábado de aleluia por dois motivos : 1) chegando o dia de abrir os ovos de Páscoa 🥚; 2) o Judas da dona Andreza. Dona Andreza era uma amiga do bairro muito animada. Ela tinha uma venda onde meus pais tinham conta, esta coisa de comprar e colocar o nome na lista e pagar depois. Na época da Páscoa ela arrecadava dinheiro e comprava o judas, boneco que explodia em fogos. Nunca esqueço que amava o texto. Todas as pessoas que colaboravam recebiam uma herança do judas. A carta era lida por alguém numa praça e logo após o judas era queimado simbolicamente. Hoje avaliou que este era um ritual de ódio, mas não tenho esta memória. Afinal, o judas era judas e nenhuma pessoa era associada a ele. Com o tempo a tradição foi desaparecendo ... Assim como os carurus de São Cosme e São Damião, as fogueiras 🗑️ nas portas das casas (quase sempre abertas) nas festas juninas e por aí vai ... Agora temos uma infinidade de igrejas alienantes, menos músicas e gincanas, bairros mais tristes e violentos. O direito à cidade também passa pelo resgate das culturas populares e das tradições. E não esqueçamos das inovações.



🙏 obrigada 🙏 obrigada. Só agradeço a família [@correia_65](#) pelo lindo dia de hoje. Longe da família no Brasil, me senti completamente abraçada e acolhida por vocês. Partilharam comigo não só o pão 🍞 e a boa mesa, mas também experiências lindas de vida e formação. Amei reencontrar Mariana tão linda e madura, conhecer a Ana , like [@correia_65](#), e conhecer o lado super divertido do Paulo. Vocês são demais!!! Aprendi tantas coisas, partilharei muitas outras. Rimos e rimos e rimos. Não tem preço fazer novos amigos e estreitar laços de vida e formação. Tudo estava perfeito demais. Adorei 😊 senti gostinho de Portugal 🇵🇹 na cultura de Ohio.Saúde 🍷! Muito axé! A semana começou com super energia. Amanhã tem mais trabalho ... Boa noite 😊 Ahhh e obrigada pela marmita 🍱 kkkkkk



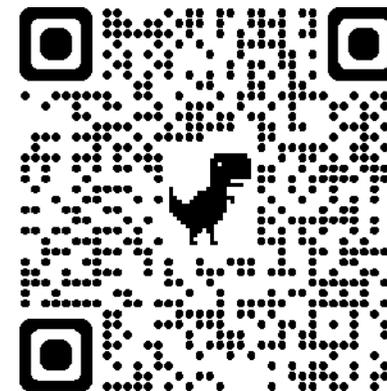
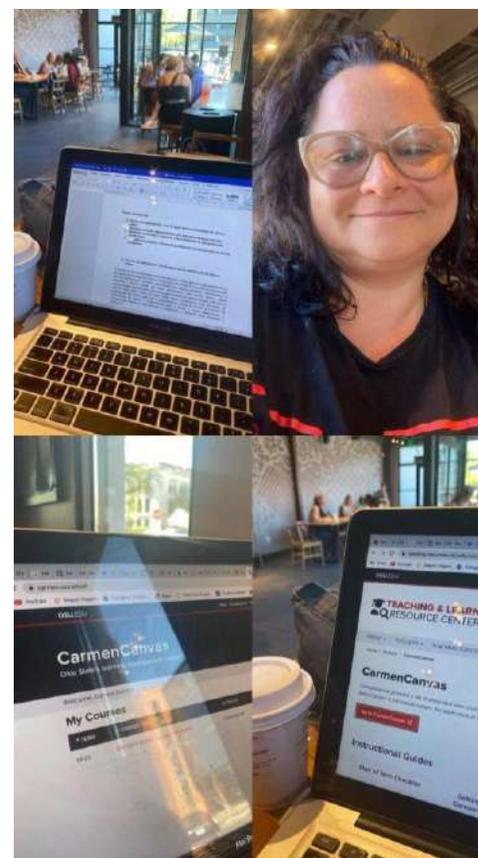
Nos últimos anos, o Brasil tem premiado as melhores teses do ano. Capes abre um edital e cada programa internamente através de uma Comissão, seleciona a sua melhor tese, tendo como indicação o próprio edital. Em nosso caso, além da qualidade teórica e metodológica da tese, consideramos sua relevância e como a mesma foi difundida na comunidade científica. Além da questão do mérito, considero estas premiações um incentivo às políticas de formação. Afinal, a tese é publicada em livro e os autores recebem um incentivo financeiro para a continuação dos trabalhos. Aqui no College de Educação e Ecologia Humana da Universidade do Estado de Ohio, estudantes de mestrado e doutorado também são avaliados e seus trabalhos premiados. São propostas diferentes, com mesmas intenções. Pela segunda vez assisti aqui a estes rituais e mais uma vez fico encantado com a diversidade étnica e cultural dos autores, seus orientadores e estudantes. Me identifico também com a parceria e horizontalidade das relações entre orientadores e Orientandos. Estudantes e orientadores festejam em conjunto. Duas dissertações de doutorado, uma concluída e outra em andamento (aqui tese é para mestrado e dissertação é para doutorado) foram premiadas no meu grupo de pesquisa Lea. As queridas Fan-Xu e Mimi, por [@correia_65](#) orientadas, receberam suas merecidas premiações. Cada um ganhou um discurso especial o que revelou para toda comunidade suas potencialidades e inovações para o campo do Learning Technologies. Adorei conhecer, presencialmente, parte do grupo de pesquisa. Professora Santos, como sou aqui chamada, ficou encantado com tudo que viu. Que venham mais produções e que todas sejam de fato bons contributos para as Ciências da Educação. Quero muito conhecer estas teses e também acessar as teses de outros grupos de pesquisa. Adorei saber da implicação do coletivo com a interseccionalidade, direitos humanos e inovações tecnológicas. Em rede e com autoria! Bora bora!



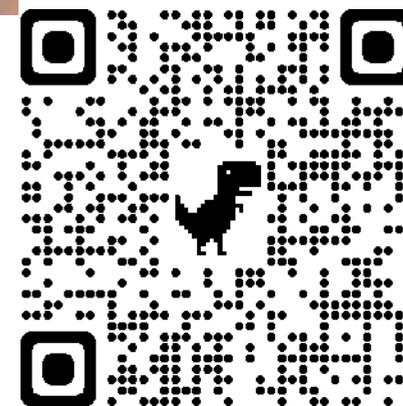
Que dia lindo de primavera! Galera aproveitou para tirar o m^ofo, curtir amigos, estudar, namorar, praticar esportes, ler aquele livro tomando um super banho de sol. Dia perfeito, como maio no Rio de Janeiro, onde temos c^u azul, sol gostoso entrando na pele e aquele ventinho fresco. S^o n^o estou me sentindo em casa porque falta o Oceano Atl^ontico, mas ... Aqui, no maior campus universit^orio dos Estados Unidos, eu me sinto em pleno Central Parque de NY, mas com as escolas todas dentro dele ... Caminhar ub^oquo para arquitetarum texto ... Bora, bora!



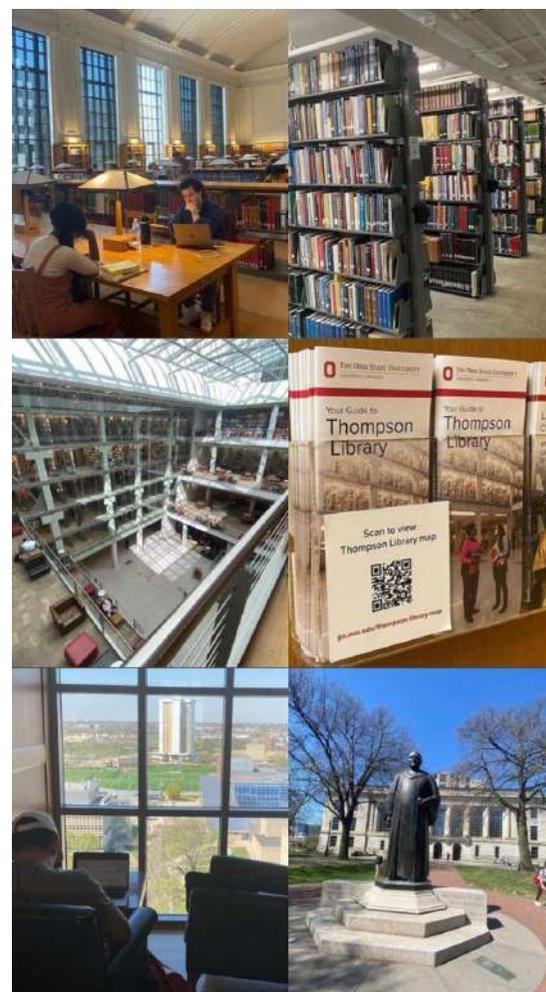
[@gpdoc.ufrj](#) [@gpdoc](#) não separam as fases da pesquisa de forma linear. Não fazemos comumente revisões de literatura para cartografar categorias que servirão de guia para nossas análises, ondemuitas vezes os dados empíricos servem apenas para ilustrar a teoria anteriormente mapeada. De posse das primeiras versões de nossos projetos, fazemos logo a imersão no campo de pesquisa com cotidianos, pois acreditamos que quem sabe mesmo são os praticantes em seus contextos culturalmente situados. No meu caso agora, venho partilhando da docência on-line com minha supervisora e seus colegas de docência, para com eles e elas conversarmos sobre “educação on-line” na pós-graduação. O mergulho tem sido intenso, até porque só pude ter acesso a sala de on-line quando aqui cheguei em pessoa. Precisei ter e-mail institucional, para, só assim, acessar a plataforma online. Antes disso, fiz estudos, leituras específicas e análises de documentos. Há exatamente duas semanas estou imersa e adorando 😊 o currículo on-line. Navego e converso com material de pesquisa, tomo notas, faço meu diário on-line aqui no insta. Muito gente acha que este diário é de bordo ou viagem, certo também. Mas a pesquisa aqui é movimento e mobilidade. Não separamos territórios físicos, dos simbólicos e muito menos dos informacionais. Vida e formação em rede! Formação em rede é vida cotidiana. Nesta tarde consegui mapear 4 noções subuncoras e dissertar sobre uma delas. Que delícia! Esta costuma ser a grande dificuldade dos pesquisadores. O que dizem as narrativas, imagens e sons com os quais produzimos em contexto na relação cidade/ciberspaço? Não fazemos análises de conteúdo e muito menos de discurso 🖋️. Queremos conversar com as narrativas para que elas nos tragam inspirações para respondermos nossas perguntas de pesquisa. Perguntas também estão em movimento. Adoro!!! Hoje eu trabalhei tomando café ☕, em frente ao campus da cidade universitária. Tem muita gente trabalhando e tomando sol. Este povo não tem medo do sol ☀️, tem sede de sol e eu os entendo muito bem. Bora bora! Hora de voltar pra casa e descansar ouvindo uns pods e vendo umas videoaulas do curso. Bora!



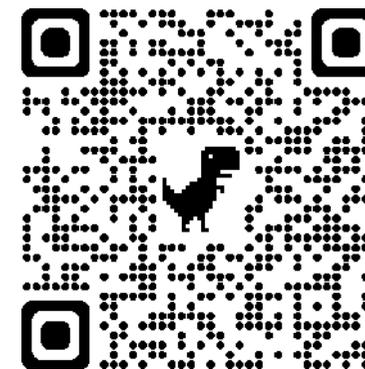
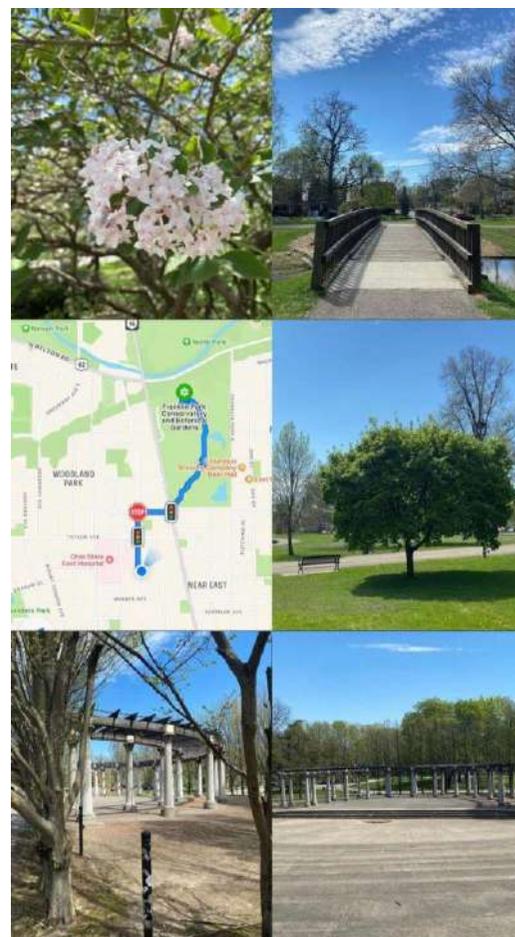
Há exatamente 23 anos eu pesquiso educação on-line. Antes disso, estava mergulhada no campo da Informática na Educação. “Educação On-line como um fenômeno da Cibercultura”, não é uma mera evolução da Ead, buscamos imersão direta na cultura contemporânea para com ela aprender com seus praticantes, buscando inspirações teóricas e metodológicas para as práticas pedagógicas e curriculares on-line. Venho desenvolvendo didáticas e currículos on-line, bem como pesquisando com os cotidianos nestes contextos. Obviamente que a metodologia de pesquisa jamais pode ser meramente exploratória e muito menos extrativista. Sendo assim, desenvolvi aquilo que no Brasil se conhece como pesquisa- formação na cibercultura ou ciberpesquisa-formação. Para tanto, bricolamos com as abordagens da multirreferencialidade, com as pesquisas com os cotidianos e a cibercultura. Cibercultura para mim [@gpdoc.ufrj](https://www.instagram.com/gpdoc.ufrj) não é só contexto. É campo vivo de pesquisa, área de conhecimento com epistemologias próprias. Venho atualizando com meu grupo [@gpdoc](https://www.instagram.com/gpdoc) [@gpdoc.ufrj](https://www.instagram.com/gpdoc.ufrj) e grupos polinizados (grupos de Orientandos egressos do Gpdoc) e grupos parceiros (que se interessam e atualizam também em parceria) esta metodologia de pesquisa. Não separamos a docência das práticas investigativas criando dispositivos, inteligência pedagógica mediada pelo digital em rede. Mais que uso de ferramentas. Aqui na [@osuedstudies](https://www.instagram.com/osuedstudies) com o Led, grupo parceiro, venho estudando práticas de educação on-line na pós-graduação. Afinal, no Brasil só começamos efetivamente a praticar nesse nível de educação durante a pandemia COVID 19. Obviamente que atividades on-line já vinham sendo praticadas em contextos pontuais, mas nunca com currículos inteiros e parciais. Quero aqui destacar um 🎁 que ganhei do parceiro [@carloneyalves](https://www.instagram.com/carloneyalves) da UFAL. Ele e sua turma no contexto de sua disciplina de Metodologia de Pesquisa na pós-graduação [@ufaloficial](https://www.instagram.com/ufaloficial). A turma mergulhou na temática, explorou meus livros e ainda mandou de presente o registro dessa atividade. Este ato além de ser generoso é respeitoso e também honesto intelectualmente. Parabéns turma! Prometo que converso com vcs on-line e também num bom face to face! Bora bora!



Num post anterior falei que gosto de fazer imersão no campo de pesquisa para com ele viver a experiência de criação e produção do material de pesquisa (dados?! Narrativas, imagens e sons). Prato cheio para quem pesquisa salas de aulas on-line. Afinal, o que entendemos por desenhos didáticos e curriculares envolve toda inteligência pedagógica mediada pelo digital em rede, ou seja, os dispositivos. Dispositivos, coração de qualquer ciberpesquisa- formação. Alguns criamos outros adentramos nos tornando “membros”, meu caso agora. A experiência da imersão dialoga sobremaneira com a experiência de uma vida de pesquisa e formação. Neste encontro, emergem os constructos, as noções, as operações conceituais, os diálogos, achados dinâmicos ... Daí que emergem as narrativas autorais da pesquisa, ou seja, a teria na fase bruta. Isso! Fase bruta da bricolagem. Bricolagem com tudo que produzimos antes, lembramos dos artigos, dos livros que fizemos e lemos. Amo esta escrita livre que brota linda e cheia de tesão. Das 4noções subsunçoras que decidi dissertar, já fiz 2. Hoje escrevi num lugar tão incrível, a biblioteca principal do Campis. Que equipamento fabuloso, superlativo! Algumas salas me lembraram a biblioteca de NY, outras salas dos filmes 📺 Harry Pother , outras as prateleiras da biblioteca central da [@universidadefederalrural](#) , outras até o saudoso Tabuleiro Digital da [@facedufba](#) . Sério mesmo [@nelsonpretto](#) . Alguns computadores eram sim, como os tabuleiros kkk. Eu juro! Lembrei tanto dos meus alunos na [@uerj.oficial](#) e na [@universidadefederalrural](#) , biblioteca é mais que lugar de consultar livros e acervos. Lugar de produção individual e coletiva, lugar de encontro com nossa autoria. Mas voltando ao texto bruto, aquele que sai num fôlego só, fruto do que vimos e sentimos da imersão, mas também fruto de encontros de nossas experiências de vida e formação. Quando eu terminar as 4 noções nesta vibe, aí eu passo para próxima fase. Vou revisar a literatura, vou reencontrar com meu quadro teórico metodológico e mais, vou retomar os estudos do material que já venho trabalhando desde janeiro. Afinal, pós-doutorado já tá rolando há 4 meses...

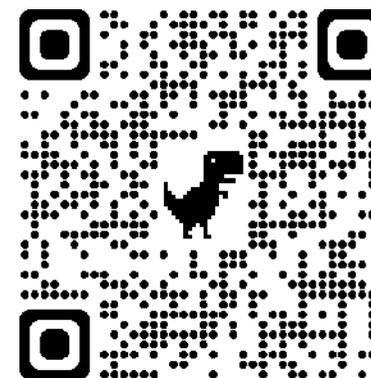


Já estava de saída para minha roda de conversa na Biblioteca quando [@carva_lhofelipe](#) e [@pimentelmariano](#) me pegaram pra conversar . Não me arrependo de nada, rimos muito e fofocamos absurdos. Gpt! Tomei meu café da manhã e pensei: “ Acho que vou aproveitar o dia lindo no Park”. Foi a melhor coisa que poderia ter feito ✅ hoje. Moro super perto do Parque mais famoso da cidade. Quando cheguei há mais de duas semanas, já tinha me dado conta dele no mapa, estava frio ainda. Agora que chegou a primavera, chegou a hora de aproveitar o sábado. Meus colegas de casa sempre vão no final da tarde andar de bicicleta. Mas quem mandou se acidentiar na juventude e não ir pra terapia resolver o trauma? Pois é, sofri um acidente grave e nunca mais andei de bike na vida. Aos 24 anos desmaiei andando de bike do Parque de Pituáçu em Salvador. Fui socorrida pelos amigos [@joselitojoze](#) e [@dbsilva.db](#) . De lá pra cá, nunca mais pedalei. Até tentei, mas não consigo me equilibrar. Sinto tanto, afinal uma bike faz falta numa viagem boa e até mesmo o dia a dia. Mas chega de lamentar, amo caminhar! E meu caminharé ubíquo! Fui a pé curtindo dia lindo, ar puro e adentrei na bonitezado Franklin Park. Muitas árvores ainda peladinhas, mas tantas outras floridas e verdejantes. Famílias, namorados e pessoas solas aproveitando muito. Reparei muitas pessoas idosas passeando com seus andadores e cadeiras de rodas. Adorei o que vi. Imagino o sofrimento de quem perde a mobilidade com frio e neve. Como eu caminhei... Mas meu destino era o Conservatório. Vi que tinham algumas salas especiais: borboletas, jardim japonês, jardim das crianças, parque das tulipas 🌷 e muito mais. Mostro um pouco de tudo isso nos próximos posts. Mas já adianto que amei muito os “memoriais”, viva quem tem memória e patrimônio. Adorei demais a bricolagem entre obras de arte (vídeo, pinturas, esculturas) e a arte viva de tanta natureza. Ponto altíssimo para as tulipas das mais variadas espécies 🌷, borboletas 🦋 lindas. Mas desculpem lá... Nada é mais bonito e grandioso que o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e Foz do Iguaçu, que derrama e faz pesar as borboletas em nosso corpo. Fica dica US BR!



Cheguei aqui na cidade de Columbus há quase três semanas e peguei finalzão do inverno. Jardins e quintais sujos com folhas 🍁, galhose muito sujeira. Em meio a tudo isso, reparei as tulipas em estado de botão. De repente, uma flor desabrocha num dia. Outras noutros dias e tudo floresce tão lindo e vibrante! As vermelhas sãoas minhas preferidas! E olha que tudo isso sem cuidado algum dos humanos, pelo menos por enquanto porque já vejo nesta última semana alguns a jardinar em seus quintais e portas. São as flores superlativas em meio ao resto do inverno. Ofereço estas lindezas para duas amadas: [@tanialuciamaddalena](#) que nesta tarde de domingo festejou sua vida com amigos e eu estava lá de coração. [@vivian.martinst](#) por motivo que só nos sabemos ... Vida linda! Vida sempre em renovação constante. Feliz aniversário

🍷 [@tanialuciamaddalena](#) ! Muita saúde 🍷. Mas porque me lembrei de você com esta história toda? Você esteve comigo na militância pela nossa Uerj durante todo ano de 2017. Ainda como Orientanda de doutorado, você não faltava uma manifestação comigo. Passamos pela crise toda com o governo do Estado do Rio, com crise na política e eleição de um monstro. Tudo estava tão difícil você fecundou uma tese linda e uma filha, deu um tempo necessário fora do Brasil e voltou fecundando mais autorias ... Olha o [@historiasparaeducar](#) que lindeza de dispositivo ! Floresce quem tem força para florescer, que não nega sua história e sabe bem quem são os aliados. Que sua nova primavera seja florida de autorias incríveis! [@vivian.martinst](#) e você nos trará ainda mais invenções lindas de viver. Estou doidinha para curtir com você esta sua conquista. O mundo fica sempre melhor com mais e melhores encontros, de vida e formação ... Que a semana seja fértil de mais emelhores aprendizagens.



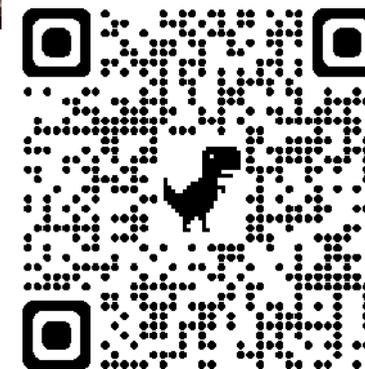
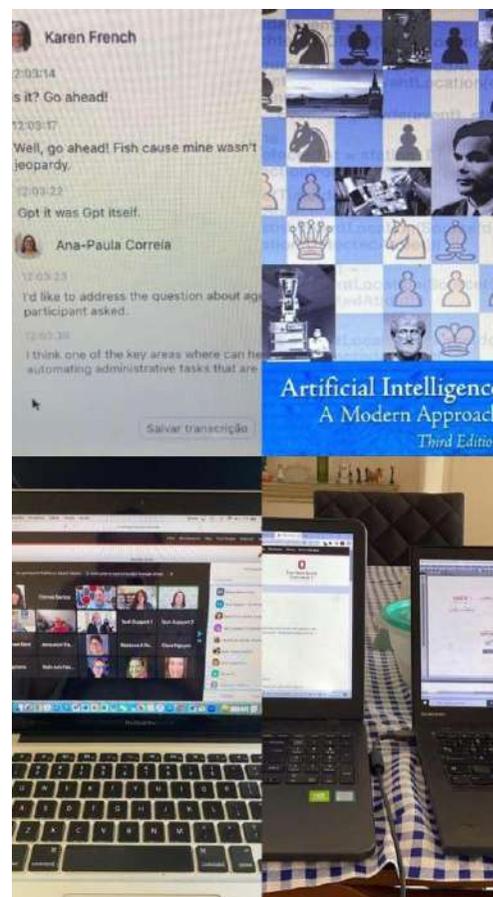
Sábado passado comemorei e aproveitei um dia lindo de primavera. Partilhei aqui uma infinidade de ensaios de primavera ... Ainda bem que eu aproveitei meu dano de sol. Na dúvida se aproveitamos ou não um dia lindo, aproveitemos! Nunca sabemos do dia de amanhã ... Ontem percebi uma mudança brusca no tempo e nem imaginei que hoje seria tão diferente. Logo hoje, que tenho que caminhar muito dentro do Campus para resolver burocracias e trabalhar um pouco mais no meu relatório. Nem pensar ☹️ trabalhar ao ar livre hoje já soube que a semana será assim, gelada! Como as pessoas não circulam muito pelo campus com tempo ruim, os robôs entregadores de comida estão a todo valor. Inicialmente, achei que estes bonitinhos eram uma espécie de “câmeras de vigilância do Campus”. Até podem ser também Kkkk, mas na verdade eles são entregadores de comida 🇷🇺. Automatizar estes serviços pode ser uma coisa interessante. Mas em nosso caso no Brasil, são um trabalho importante para muita gente excluída historicamente. Que as legislações trabalhistas cheguem nesta classe, que sejam mais respeitadas, que não encontrem racistas pelo caminho ... Que o Brasil possa automatizar alguns serviços e fazer com que as pessoas tenham mais oportunidades de desenvolver seus talentos outros. Os entregadores salvaram vidas durante a pandemia 😊, arriscaram suas próprias vidas e de suas famílias por pura necessidade de sobrevivência. Merecem mais respeito! Soube que estes robôs são russos. Já imaginaram como estão as relações internacionais agora? E o Brasil nessa jogada toda? Tenso...



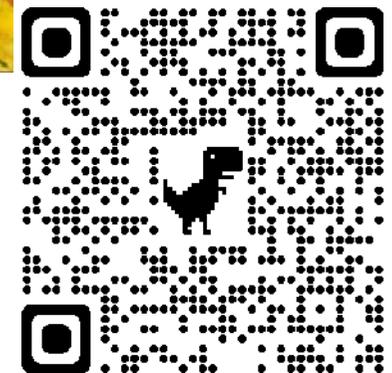
Durante a pandemia 🤔 COVID 19 trabalhei muito a noite com as aulas e orientações no [@ppgeduc.ufrj](https://www.instagram.com/ppgeduc.ufrj) . Coloquei minhas disciplinas a noite e também as reuniões do [@gpdoc.ufrj](https://www.instagram.com/gpdoc.ufrj) . Reparei que este horário era mais inclusivo para professores e trabalhadores, não só porque estávamos todos no home office, mas porque muitos de nossos estudantes-pesquisadores trabalham em diferentes municípios e muitas vezes, distantes de suas residências. Nas reuniões do [@gpdoc.ufrj](https://www.instagram.com/gpdoc.ufrj) reparei que a flutuação também diminuiu e que muitos colegas que não tinham hábito de reunir com seus grupos , de forma mais sistemática , construíram a cultura do grupo de pesquisa . Afinal, sempre digo para nossos alunos que o grupo de pesquisa é a nossa primeira e mais importante comunidade científica. Principalmente se tem uma liderança séria e que tem boas redes de pesquisa e formação. Muito bem, notei que aqui na [@osuedstudies](https://www.instagram.com/osuedstudies) muitos dispositivos e grupos de pesquisa se encontram e realizam atividades na hora do almoço 🍱 . Em princípio conheci o dispositivo “ Lunch to Talk “ do Laboratório de Pesquisa Qualitativa. Hoje eu participei de um evento muito bacado no Departamento de Geografia sobre transnacionalidade nas pesquisas entre Gana e Estados Unidos. Tudo começou com a partilha de pizza 🍕 , no Brasil brincaríamos assim: “Aqui tudo não acaba em 🍕 , começou com 🍕 ” Kkk. Desde que estive aqui a primeira vez em 2018, para uma visita técnica, reparei que se come antes dos eventos. Achei isso ótimo e levei pro [@gpdoc](https://www.instagram.com/gpdoc) [@gpdoc.ufrj](https://www.instagram.com/gpdoc.ufrj) . Assim, quem tá com fome come e não fica ansioso com a parada pro café ☕ . Além disso tudo, quebramos o gelo e fazemos logo a interação com os participantes. Ora bem, a pizza 🍕 estava ótima e o evento foi um sucesso. A convidada, historiadora de Gana GH, apresentou sua pesquisa e os esforços do país pela repatriação e decolonização de seus acervos e arquivos. Destacou a importância das publicações em rede e da construção de um “acervo de rua “, registros dos hábitos culturais e suas mais variadas expressões. Adorei a imagem das bananas assadas e a noção em si, muito interessante. Contexto não faltou. E por onde anda [@kamalaharris](https://www.instagram.com/kamalaharris) ? Em rede!



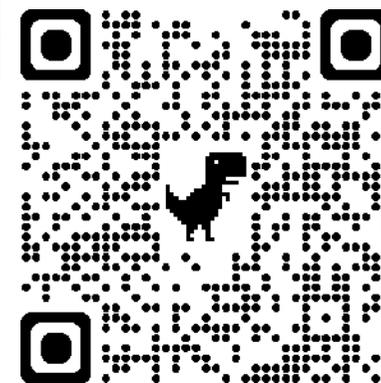
A propositivo das atividades na hora do almoço 🍴, hoje eu participei de mais uma delas. A agenda de hoje foi aberta ao público em geral e eu divulguei aqui antes. Amigos brasileiros estavam presentes. Adorei o formato do encontro, painel. Nada de falas longas e lineares. Os cinco docentes do [@osueh](#), dentre eles [@correia_65](#), fizeram falas potentes e objetivas jogando perguntas poderosas na roda. Depois alguém pegava a questão e comentava, trazendo mais questões. Tudo isso aconteceu entre 11:30 e 12:48 (hora que o zoom foi desligado). Nunca tinha usado este recurso antes, mas já sabia que ele existia e que era ótimo para a promoção da acessibilidade. Alguns dos meus alunos no [@gpdoc.ufrrj](#) gravam já em texto as nossas aulas e também as conversas de pesquisa. Isso facilita sobremaneira o trabalho que tínhamos antigamente com as transcrições dos áudios. Eu que pesquiso muito no assíncrono, não me preocupo muito com isso. Afinal, meu material de pesquisa passa muito pela conversa textual e imagética nas plataformas digitais. Quando utilizo sons, aí sim transcrevo as vezes. Mas já há algum tempo, também colocamos os sons e as audiovisuais direto dentro dos nossos relatórios de pesquisa, usando os recursos dos QR code. Há mais de 10 anos fazemos isso no [@gpdoc @gpdoc.ufrrj](#). Lembro que a [@edufba](#) ficou surpresa com uma solução que temos num dos nossos livros coletivos, em relação ao uso de imagens em nossos textos. O qr leva o leitor direto ao conteúdo dinâmico. Ler com o 📱 permite mais e melhores acessos e acessibilidades ao conteúdo multimodal de narrativas digitais. Pois bem, há três semanas estou imersa a um “inglês” muito diferente do que eu estou acostumada. Aqui não tem brasileiro falando inglês kkkk. O inglês falado, no centro do país, é muito para a minha pessoa. Então, liguei a transcrição. Acessibilidade! Além de acompanhar melhor em temporeal, posso também voltar a narrativa textual para analisar toda conversa com mais calma. Enquanto isso, o chat 🗨️ bombou na partilha de links para mais fontes de pesquisa. Tudo muito colaborativo. Como estamos acostumados a fazer-pensar o on-line na pós-graduação stricto sensu no [@ppgeduc.ufrrj](#).



Hoje eu madruguei, literalmente. Saí de casa amanhecendo e peguei um raio lindo do sol no meu bairro. Os dentes de leão estavam absolutos. Uma lindeza. As 8:00 em ponto começou o seminário dos Bolsistas. Infelizmente não sou Bolsista nem pelo Brasil e muito menos pelos Estados Unidos, mas foi super legal conhecer alguns projetos. A primeira mesa foi já um super presente. Quem organizou o evento convidou as pessoas responsáveis pela gestão das Artes da cidade. Além dos acadêmicos, tivemos representantes de artistas e da sociedade civil mais ampla. Em tempo, foi uma mesa preta. Muita mais que Representatividade. A segunda mesa foi com representação da cultura árabe. Algumas fundações, ligadas a universidade, fizeram também apresentações dos projetos dos bolsistas (aprendi esta palavra em Lisboa, quando fiz meu primeiro pós-doutorado). Que manhã linda. Agora a tarde trabalho na minha sala. Depois eu mostro ela pra vocês. Costumo trabalhar aqui, pelo menos duas vezes por semana. Principalmente quando a [@correia_65](#) vem trabalhar em pessoa. Aproveito para conversar e partilhar com ela nossas invenções cotidianas por aqui. O “Híbrido” tem funcionado super bem, inclusive na gestão. Técnicos Adm, professores e estudantes trabalham on-line, remotamente e algumas vezes nos escritórios físicos da Universidade. Todos estão super felizes com o desenho 🍷 e eu já estou me acostumando. Assim, fico super livre para explorar outros espaços, tempos de pesquisa e formação na interface da ciberespaço. E vocês estão vivenciando o “Híbrido” em suas instituições? Há este debate em seus programas de pós-graduação?



Sextando...Quase acabei a versão 0.0 do meu relatório. Na semana que vem começará a tomar forma de capítulo e ou artigo. Desenho didático on-line, de uma unidade curricular do mestrado e doutorado on-line, cartografado com sucesso. Hoje eu trabalhei na Union, espaço dos alunos. Prédio gigante onde os alunos aplicam suas matrículas, fazem sua documentação, estudam e acessam vários programas de extensão. Muitas atividades aqui são chamadas de programas. Os programas são liderados por equipes de técnicos super qualificados. Nos recebem sempre muito bem. Após o trabalho, visitei a lojinha. Amo as lojinhas dos museus. Após as exposições, sempre queremos levar um mimo conosco. Curti alojinha e até mapeei uns possíveis mimos para [@gpdoc.ufrj](https://twitter.com/gpdoc.ufrj) , mas saquei que ainda é cedo para comprar. Aqui com certeza deve ser tudo mais caro. Fiquei observando a alegria das famílias e o compracompra das peças que dão orgulho aos alunos e seus familiares. Moletons, camisetas, bonés, cadernos, garrafas térmicas, etc. Todos com a logo da OSU. Assim que cheguei na Rural, há 5 anos, reparei que os alunos também amam exibir seus moletons e camisetas com a logo UFRRJ. Eu adoro vê-los orgulhosos. O desfile pelo Campus não é para fracos. Nossos alunos capricham no visual. Mas tem uma grande diferença entre nós e os daqui. Aqui há uma coisa muito capitalista em torno das mercadorias. São lojas diversas dentro do campus e também fora dele. Tem até uma loja vintage, isso mesmo, uma loja que vende roupas antigas. Na verdade, são roupas novas com designer dos anos 60 aos anos 90. Na nossa Rural, são os próprios alunos e diretórios acadêmicos que fabricam e vendem as peças. O dinheiro vai sempre para alguma festa e até formaturas. Voltando um pouco para a Union, aqui temos o mascote. Em 2018 falei sobre ele por aqui, nas minhas notas da visita técnica. O mascote simbolicamente recebe os calouros e acolhe os veteranos, isso mesmo. Calouros amam fazer fotos para marcar sua pertença e os veteranos sentam-se ao lado para comunicar que naquele momento precisam de amigos. Sempre aparece alguém, nem que seja pra fazer a sua foto. Saudades dos meus amores... Sempre no ❤️



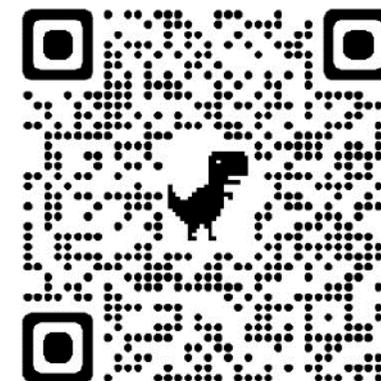
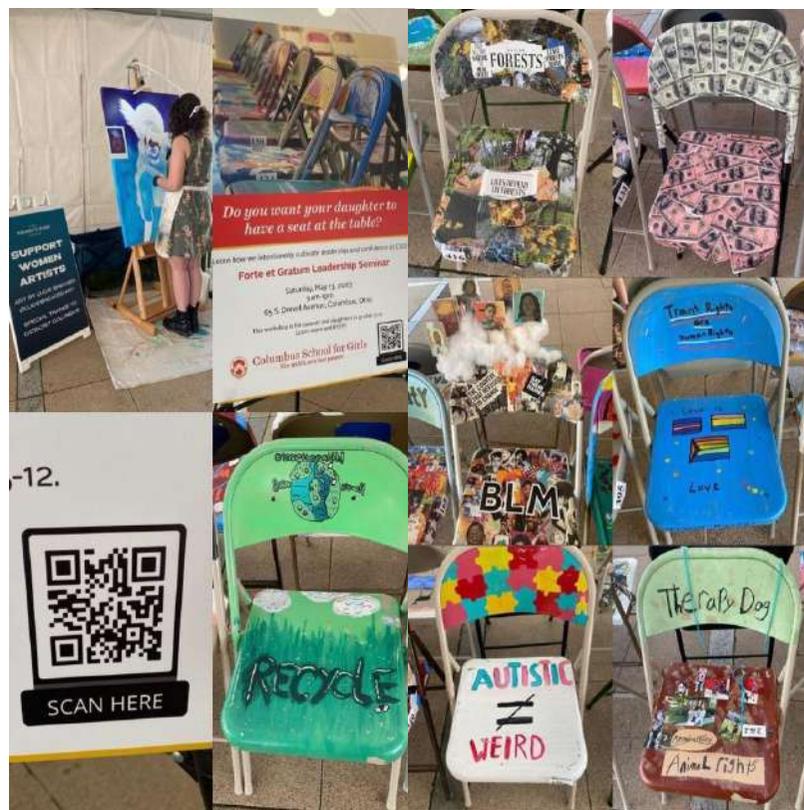
Bom dia comunidade! Começo o domingo compartilhando a minhanoite de sábado. Há três sábados, a agenda tem sido com meus colegas de casa. Keit, anfitrião estadunidense, e Aayush, hóspede indiano. Durante a semana, cada um de nós tem sua agenda e quasenão nos vemos. Estamos todes envolvidos com nossos trabalhos. Cada um prepara sua comida 🍲 e eu confesso que o indiano me mata com aqueles cheiros, que eu amo. As vezes eu experimento umas de suas receitas, geralmente eu almoço na universidade. Mas nos sábados, estamos sendo companheiros de noitada. Eu procuro instiga-los sempre para um programa cultural. Comer e beber são programas que complementam um programa artístico-cultural. Já fui numa noite de comedy 🗣️ e ontem eu realizei um sonho. Nem quando fui a NY, algumas vezes, me senti mais perto do Jazz. Aprendi a amar Jazz com meu amor [@marcoparangole](#), que respira jazz. Há 20 anos eu acordo com Jazz e isso não é exagero. Pois bem, ontem eu fui pro Jazz aqui em Columbus e me senti em casa. Toda atmosfera é incrível. Música em si. Cocriação, improviso, fruição, pura interatividade. Ao contrário dos outros lugares que já fui pelo mundo, ontem eu me senti nos tempos do Miles Davis. Povo preto lindo curtindo suas referências que misturam arte do encontro, boa mesa e boa música. Além do show com os músicos da noite, vi pessoas vestidas como nos anos 50/60 nas casas nativas do Jazz. Descobri que estava tendo uma festa temática e eu até propôs aos colegas e entrássemos de “penetras”. Eles adoraram a ideia é até se divertiram. Mas eu e o Aayush denunciaríamos a tentativa de golpe... kkkk. Poderia morar naquela casa e com todas aquelas pessoas. Anotei começou com jazz mais levinho e depois tudo mudou ... Conseguimos uma mesa bem pertinho da banda e aproveitamos bastante os solos de cada músico e suas criações coletivas. Por mim eu ficaria mais tempo por lá, estava com esperança que alguém desceuma “canja” com voz. Na sorte uma “Nina Simone” poderia aparecer ali e cantar pra mim. Eu choraria de uma vez, porque os momentos de emoção não foram poucos. Obrigada 🙏 amigos! Vocês são demais! A noite acabou em pizza 🍕. Adoramos ...



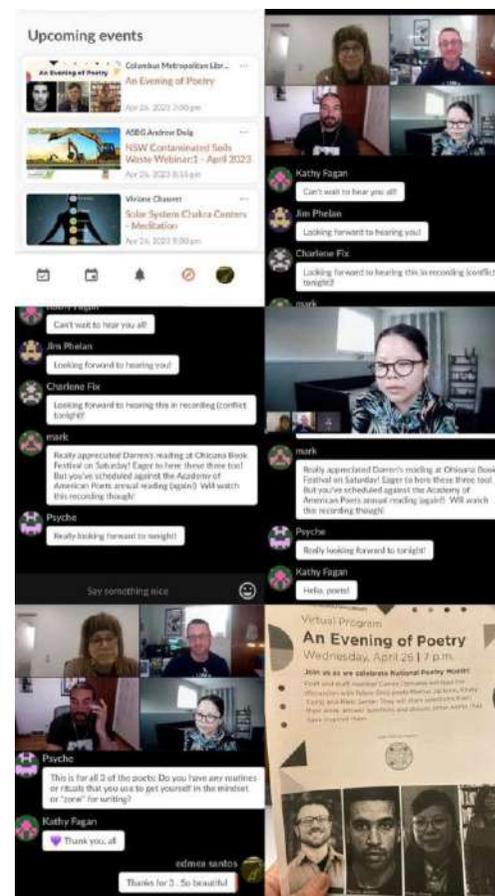
Não tem preço ter o Brasil BR bem representado novamente pelo mundo. Não tem preço ter ministros e ministras fazendo seu trabalho e defendendo suas pastas. Não tem preço ter brasileiros e brasileiras sendo respeitados por onde passam em territórios democráticos. Acabei de assistir toda premiação. Fiz questão de ouvir todos os discursos e me emocionar com todos eles. O discurso do Chico comemora o presente com muita história. História de vida e formação! História da sua formação política. Histórias de luta e opressão. Hoje a língua portuguesa nos une e nós comemoramos. Mas Chico não deixou de falar dos processos de colonização e das colonialidades. Foi preciso. Ver o [@chicobuarque](#) se emocionar quando tocou nos nomes da [@janjalula](#) e da Carol, sua mulher, foi lindo. Inteligência é sobretudo sensibilidade. Este é o Brasil BR que eu mereço! Brasil da Educação, da Cultura, dos desejos de felicidade para todos. Melhor seria se eu estivesse em Lisboa com meus amigos [@quintasmendes](#) [@lucia.amante.1](#) [@rogerio_m](#) Bento, [@claraq Mendes](#) [@isabelrodriguescosta](#). Tomaríamos bons copos e conversaríamos muito. E na sorte, estaríamos com o Chico na sala da [@lucia.amante.1](#) e do [@rogerio_m](#) kkkk. Amanhã é 25 de abril e Lisboa vai bombar de boas memórias da liberdade, mas também dos direitos que estão sendo comprometidos. Serão muitas as manifestações e a disputa @narrativa não será pouca. A rua é o melhor lugar pra luta. A rua no território físico e as vias da rede global. Bora bora. Saúde 🍷 [@chicobuarque](#). Obrigada 🙏 pela obra que você nos presenteia historicamente. Link de todo prêmio. Assiste! Para jamais esquecer. Tá incrível : https://www.youtube.com/live/HXEm3mx_0tA?feature=share



Na relação escola básica e universidade, tantos projetos acontecem pelo mundo. Mas quantas mais poderiam acontecer? De que forma as secretarias de educação interagem com as universidades para mais melhores parcerias e projetos de formação de professores? Quais são as demandas de conteúdo e forma? Será que nós nas universidades interagimos com as escolas e vice e versa? Como isso acontece em sua universidade? Esta semana conversava com uma amiga sobre isso. Muita vezes as secretarias demandam parcerias, mas não querem projetos emancipatórios. Muitas vezes a própria universidade não questiona e nem sempre apresenta propostas para além da racionalidade técnica e didática. Os modismos chegam, quem já não ouviu o mantra das metodologias ativas? Será que tem lugar para educações decoloniais, transfeministas, antifascistas? O crescimento de células nazis no Brasil cresce exponencialmente, sejam branco sul ou entre os pretos de São Gonçalo no Rio de Janeiro. Acreditem se quiser, tem células nazis nas comunidades. Onde erramos em termos educacionais? Ora bem, dia corre por aqui e eu saí pra trabalhar na universidade. Melhor dos mundos em Columbus. Conclui a primeira versão do meu relatório, que já foi pra revisão. Durante mês de maio ele se transformará em capítulo de livro. Tomei hoje esta decisão. Daí voltando pra casa, resolvi caminhar pela faculdade de arte. Fica aqui pertinho da Union Ohio, espaço comunitário dos estudantes, onde gosto de ficar e espiar 👁️. De cara, entro num evento privado e encontro de cara uma artista em movimento. Li seu cartaz e já percebi que se tratava de num evento de meninas. Mais que isso! Um projeto de extensão, numa relação escola de meninas e universidade. Como eu amo uma culminância de projeto e dispositivos são meus xodós, fui lá conversar e saber mais sobre. Compartilho com vcs algumas produções e os links para um mergulho mais aprofundado. Inspirações para educações pela e para diferença. Link da artista aqui no insta : <https://instagram.com/lucieshearer.art?igshid=Mzc1MmZhNjY=> já estou seguindo e compartilhei com [@nwnzart](https://www.instagram.com/nwnzart/), que tem estiloparecido. Escolhe sua cadeira 🪑 e me conta porquê...

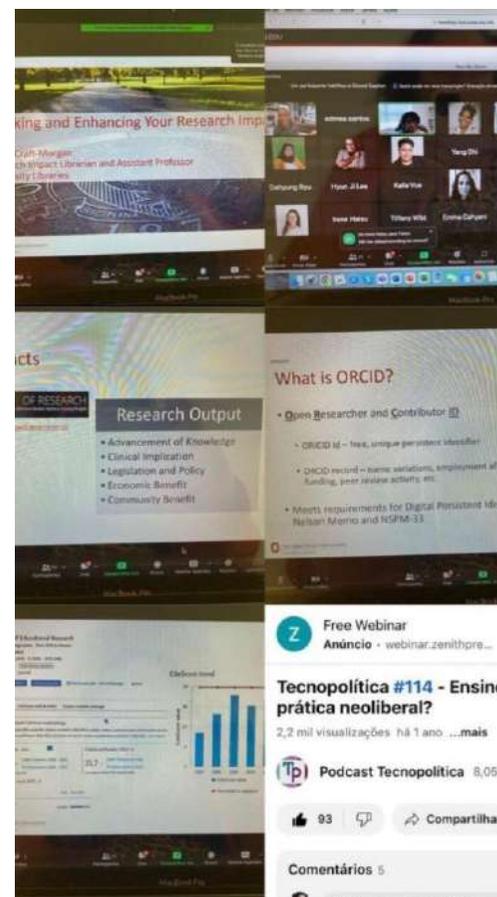


Na relação formacional entre territórios físicos, simbólicos, existências, informacionais e sobretudo libidinais, afinal sem desejoaprendizagens não são mobilizadas mesmo estou procurando aproveitar cada oportunidade, deixando a cidade me levar. Mesmo estabelecendo algumas rotinas, como por exemplo trabalhar todas as tardes no Campus e ir duas vezes em diferentes postos da biblioteca municipal da cidade de Columbus; confesso que a relação cidadeciberespaço tem sido muito forte com estes dois equipamentos urbanos. Com isso, letramentos digitais, científicos e urbanos vão sendo consolidados, como também ressignificados. A mobilidade física (apropriação do espaço urbano) e informacional (presença de conexões pela cidade - inclusive no bus- e na grande cobertura da cidade universitária e nas bibliotecas) tem provocado em mim mobilidades cognitivas interessantes. Obviamente que tudo isso também passa por apropriações diferentes com a língua adicional, no caso aqui o inglês. Este encadeamento midiático me permite, cada vez mais, viver a relação cidadeciberespaço com mais intensidade. Tudo isso não é novidade para mim, nem na fruição urbana e muito menos pela minha produção intelectual e cotidiana na e com a cibercultura. Mas, quando nos deslocamos para os currículos de nossas universidades e vemos as dificuldades de usos e legitimidade de atos de currículos on-line, esta reflexão toda volta bastante forte. Quais são mesmo as nossas dificuldades institucionais com os acessos e acessibilidades ao digital em rede e à instituição de projetos on-line e ou híbridos (para mim esta distinção também não cabe)? Este mês partilhei diversas atividades presenciais e exclusivamente on-line, conforme venho narrando aqui nos últimos dias. Tudo consolidado e legítimo como processos e projetos políticos/ pedagógicos. E eu estou falando de espaços públicos, biblioteca e universidade. Hoje a noite foi de poesia. Cada palavra entrava com uma emoção diferente em meus ouvidos. Fruições e partilhas de processos de criação não faltaram ... Boa noite porque amanhãem [@osuedstudies](https://twitter.com/osuedstudies).

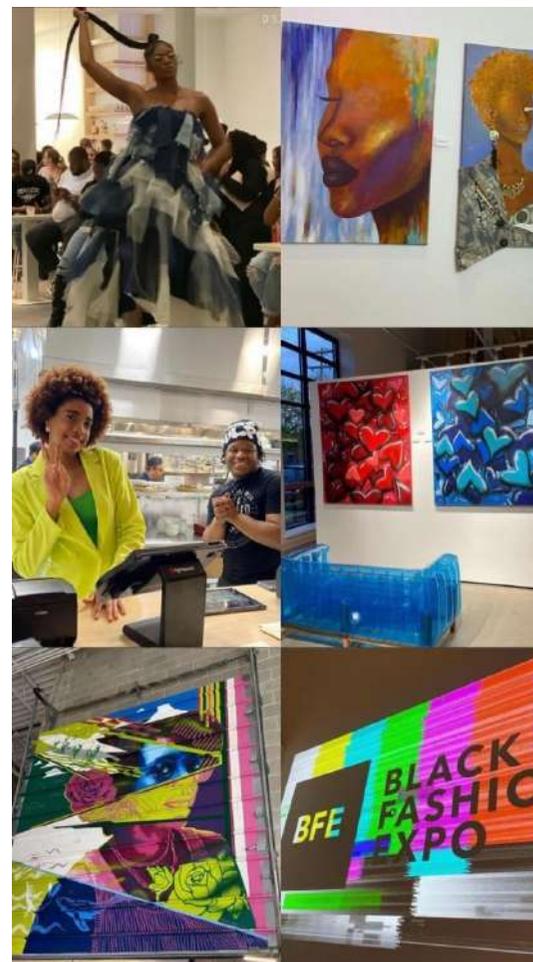


Você lembra do dia que você docente universitário, garota ou garoto de Programa, estudante/pesquisador, pesquisadora ou pesquisador recebeu uma demanda para criar seu ORCID? Alguém sabe a utilidade dessa ID? De que forma seu Currículo Lattes interage com seu ORCID? Você atualiza com frequência esta sua ID? Como você faz? Alguém já te perguntou quais os impactos para o mundo em relação a pesquisa que você, seu grupo e pares fazem no e para o campo da Educação? Para que educação e para que mundos? O que é o mundo 🌍 pra você? De que maneira o digital em rede colabora para que a pesquisa que você realiza possa alcançar outros mundos, inclusive o seu próprio? Há algumas experiências que te provocam tanto e disparam em você tantas perguntas ... Ontem eu participei de uma aula assim. Infelizmente não posso compartilhar o conteúdo diretamente aqui, mas eu não escondo as fontes de ninguém. Quero mesmo saber de vocês, como responderiam as perguntas aqui formuladas. Escolhe pelo menos uma delas. Convide seu grupo de pesquisa. Em tempo, e na mesma sintonia, recebi um convite para uma conversa sobre “Produção de conhecimento para e na Educação Digital”, a pessoa escolheu sabiamente uma das mais de 200 lives (entre conversas, aulas, palestras e conferências) que fiz durante a pandemia uma conversa que tive com o querido e parceiro [@samadeu](#), pesquisador ativista dos melhores que temos no Brasil e no mundo, para seu maravilhosa [@podtecnopolitica](#), Tecnopolítica. Pois bem, fui revisitar o artefato curricular e me dei conta, mais uma vez, que falamos de tanta coisa ligada a “Educação Digital” que historicamente em meus trabalhos sempre foi “Educação na Ciberultura”, isso é pra quem “não entrou no ônibus e quer sentar na janela”. Compartilho com vocês nosso [@podtecnopolitica](#). Ajudará a formularmos mais perguntas. Que cheguem às novas perguntas, vamos tentar ao respondê-las, formular muitas outras. Obviamente, instigando vocês para muitas mais. Bom dia pra sexta! Link direto:

<https://www.youtube.com/watch?v=A9b6980Ainw>



Bom dia comunidade! Domingo de sol, ainda bem. Depois de falar 🗣️, com quase todo meu povo, compartilho com vocês um pouco da minha noite de sábado. Finalmente, eu começo a conhecer Columbus! Claro, que a [@osuedstudies](#) e a rede de [@columbuslibrary](#) não são pouca coisa. Já passei pela Comedy, Jazz, algumas exposições ... Eu nem sei se conseguirei nestes dois meses, conhecer 10% da OSU, eu amo conhecer todo dia. Todo dia meu processo formativo se amplia em repertório. Quem me conhece, sabe que eu amo a ambiência do conhecimento acadêmico e literário, mas é na cultura e com as culturas que eu vibro e que todos os canais se abrem para criação em rede. Ontem eu conheci um espaço incrível, aqui pertinho e coladinho com meu bairro. Espaço como este, ou parecido, temos nas feiras de arte do Rio. Nos armazéns de Ny, na Feira Preta de SP, nos ensaios de verão de [@carlinhosbrown](#) em Salvador, em Cuba ([@cristdavila](#) , [@luiz_asabranca](#) , [@marcoparangole](#)) impossível não lembrar de Havana com vocês. A Black Fashion Expo teve modelagens com estilistas, exposição visual, DJ com música eletrônica, network e muito mais. Gente linda sendo vista e mais gentes a busca de talentos. Que ambiência criativa, afrocentrada, colorida. A energia foi tão boa, que eu confesso que meu trabalho para esta semana, ganhou muito mais energia e inspiração. Além de continuar com o meu relatório de pesquisa, terei que fazer pareceres para Anped (sou primeira suplente da [@lucila22pesce](#) no Conselho Científico, pelo GT 16) e mais pareceres como avaliadora externa na [@uerj.official](#) com [@faperj.official](#) para Programa Prociência. Tem também cocriação de artigos com Orientandos e parceiros. Vou parar por aqui, senão eu estrago o post. Mas uma coisa é certa, não vivo sem marombar meus olhos e meu processo criativo. Me desculpem os CDF de Plantão ... Columbus, pelo jeito você me verá mais vezes. [@correia_65](#) tenha certeza que eu voltarei mais vezes. Quando eu gosto da cidade e das parcerias, eu sempre volto. Bora bora ... Ah e voltando ao evento aqui, ao contrário dos outros que citei, este teve entrada franca. Isso mesmo. Você só paga para consumir lá dentro. Compraria algum quadro se tivesse \$!



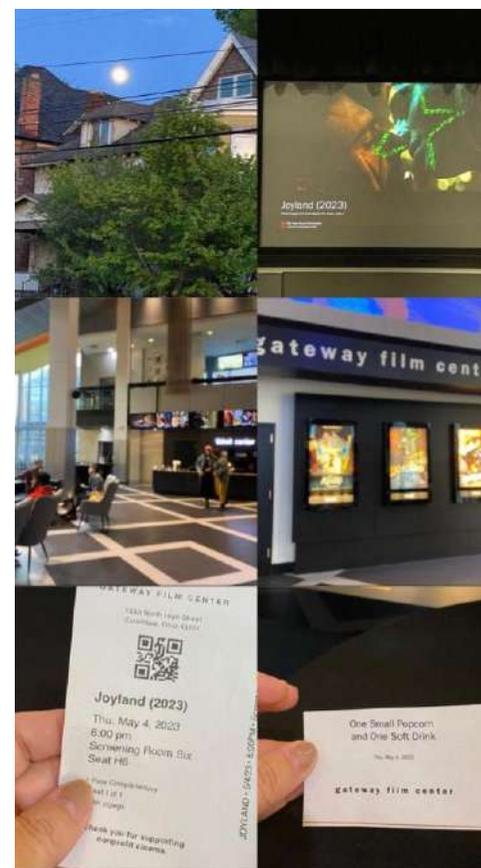
Ser turista na própria cidade, eu amo. Sempre gosto de caminhar pelas minhas cidades amadas. Seja no Rio de Janeiro ou em Salvador, eu amo apresentar suas ruas. Ruas, suas histórias, seus equipamentos culturais, suas controvérsias. Isso vale também quando viajo com amigas para outras cidades. Sempre bom olhar com outros olhares os lugares sempre diferentes, por mais sejam sempre os mesmos lugares. Passei um mês querendo caminhar pelo centro e ir além do meu bairro. Saber que prédios eram aqueles e de que forma aquele Rio separava ou conectava histórias. O que encontraria na realidade na foto que abre os guias de Columbus? Nosso anfitrião, Keith, ontem fez aquilo que [@marcoparagole](#) chama de “turismo de proximidade”. Acompanhou seus hóspedes e nos contou algumas de suas histórias e curiosidades. Já me dei conta dos Museus de Ciências e História Natural e Museu dos Veteranos (que em princípio não me atrai em nada). Com certeza farão parte da minha agenda neste mês de maio. Passamos pela Suprema Corte e as histórias de quando os veados eram absolutos por aqui. Hoje são esculturas, que disparam histórias idealizadas. Como é bom acolher e ser acolhido. Como é bom aprender na e com as alteridades. Eu sempre agradeço dando meu melhor. Amo partilhar a mesa com quem gosto muito. Mesmo sem meus ingredientes, sem minha cozinha, finalizei o dia cozinhando 🍝 para meus colegas de casa. A massa 🍝 foi aprovada com sucesso e o vinho 🍷 foi da Califórnia. Não entendi porque eu esqueci meu dendê... Povo preto daqui não tem noção do que seja um axé dendê. Ontem ou comprei quiabo e descobri que na Índia IN o povo também ama quiabo, caju, amendoim 🥜, pipocas e manga 🍌. A próxima receita já tá na minha cabeça. E sobre o vinho 🍷, e as leis de cada estado ... Não consegui comprar o vinho na primeira tentativa. Mesmo tendo 50 anos de idade, eu não comprei o vinho num grande supermercado. Não aceitaram minha Id da universidade e eu fiquei chapada. Aqui também não se pode fumar 🚬 na rua, pelo menos nas dependências abertas da universidade. Eu não fumo, mas fiquei solidária com os fumantes. Muitos ficam em casa fumando muito mais e socializando muito menos ...



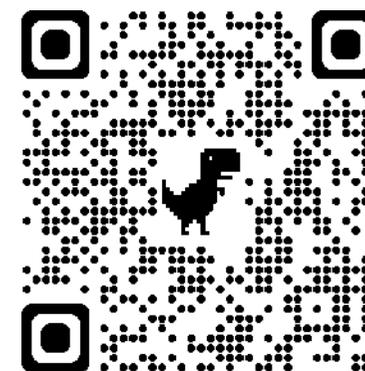
Apresento a vocês meu office aqui no CETE na OSU. Esta é a sala que a minha supervisora, generosamente, reservou para mim. Há um pouco mais de um mês trabalho aqui, pelo menos duas vezes por semana. Minha sala fica bem perto da diretoria e com uma visão estratégica para todo centro. A concentração aqui é muito boa e o tempo passa que sem percebo. Recebo sempre os colaboradores do Cete para conversas e solicitações variadas. Nas primeiras semanas, [@correia_65](#) me apresentou por e-mail para toda equipe. Daí a cada dia, sempre vem alguém em pessoa, se apresentar e saber mais sobre meu trabalho. Uma alegria enorme poder falar sobre minha pesquisa no Brasil e seus desdobramentos aqui na OSU. Adoro conhecer as histórias de vida e formação de cada liderança e de seus colaboradores. Hoje, recebemos a Jane Aparecido que é diretora do office da OSU no Brasil BR. Brasil, China CN e Índia IN dispõe de escritórios da OSU em seus países para relações internacionais na Educação Superior. Isso mesmo, tudo criado exatamente quando crescíamos muito... Nem precisa dizer quando tudo isso começou né? A conversa foi muito fecunda e eu adorei saber que a minha [@universidadefederalrural](#) tem feito aproximações e intercâmbios com a OSU. Parcerias só começando. Vida longa para nós e nossos projetos. [@gpdoc.ufrj](#) temos algumas e muito boas novidades. Agora que retomamos nosso crescimento evida civilizada no BR, vamos torcer para que tenhamos financiamentos e incentivos à pesquisa e a mais e melhores intercâmbios entre grupos e redes de pesquisa em nossas universidades públicas. Bora, bora, bora...



Minha gente que lua é essa de hoje? A meleca do celular não chegou perto de tanta lindeza, dando na nossa cara. Este foi o céu de Columbus hoje as 8pm. Voltando pra casa depois de finalmente habitar o [@gatewayfilmcenter](https://www.instagram.com/gatewayfilmcenter) . Cinema 🎬 da [@osuedstudies](https://www.instagram.com/osuedstudies) . Isso mesmo, temos um cinemão na universidade. Vi um filme tão lindo, e no esquema de extensão universitária é bem melhor. Filme premiado. Sensível, delicadíssimo, roteiro a moda cotidiano, fotografia linda, excelentes atuações. Sai emocionada com o drama tragedies. História se passa no Paquistão. Uma família numerosa e toda trabalhada no esquema da heteronormatividade e da repressão sexual. Quanta tristeza e dor poderiam ser evitados se as pessoas pudessem seguir seus desejos, se a conversa fosse prática cotidiana e a escuta algo mais sensível. Personagens são delicados, engraçados, artísticos e se amam muito. Adorei conhecer um pouco mais dessa gente, que os meios massivos não revelam. Adorei. Recomendo! Estudantes, pesquisadores e comunidade OSU recebem por e-mail institucional diferentes convites para eventos em toda universidade. Projetos de ensino, pesquisa e extensão nos mais diferentes projetos. Queria ter mais tempo e aproveitar mais. Malas diretas como estas poderiam ser inspirações em nossas universidades. Quanta coisa acontece e nem sabemos né? Enfim, fica dica. A mensagem para o evento acima chegou dessa forma: "Thursday, May 4 at 6 p.m. at the Gateway Film Center and will feature "Joyland" (2022), a Pakistanidrama. The film is in Punjabi and Urdu, and English subtitles and closed captioning are provided. Tickets are free when you present your BuckID starting at 5:30 p.m." Depois do meu e-mail, carteira da biblioteca, eu amo minha BuckID...



Que coisa boa esta tarde de sexta-feira com o LED e CETE cada vez mais integrados. Além de pesquisar, muita gente aqui também trabalha junto. [@correia_65](#) tem faro fino para encontrar talentos. Aproveitamos para conversar e continuar o debate sobre o Webinar realizado nesta manhã de sexta sobre o fenômeno Chat  gpt, a convite da [@aectorg](#) . Já divulguei aqui a agenda e temos mais duas lives neste mês de maio. Aguardem que teremos novidades, ainda este semestre. Mas o motivo dessa festa  foi a comemoração da defesa de dissertação (aqui doutorado é dissertação) da Fan Chu. Ao contrário de como fazemos no Brasil, e em muitos outros países, as defesas na OSU não são públicas. Nem o próprio grupo assiste. Um dos membros da banca é uma pessoa desconhecida do grupo. Com tanta surpresa e diferença, adorei poder festejar com o Led e festejamos também a vida em primavera. Conheci mais um Park em Columbus, dessa vez com mais sabores e com boa parte do grupo reunido. LED na sua atual geração conta com pesquisadores de GH, CN, US , BR, MN . São tantos sotaques e histórias incríveis de vida e formação. Saber mais sobre pessoas corajosas, que deixam seus países de origem para viver processos formativos diaspóricos e cheios de alteridade. Falamos sobre estas políticas de sentidos, dos atuais projetos de pesquisa e projetos futuros. Adorei interagir com estes jovens tão lindos, alegres e implicados com seus projetos. Eue [@correia_65](#) mais experientes e encantadas com estas pessoas . Ahe não tem jeito, ainda sou Doctor Santos ou professor Santos. Até o final da minha estada serei “Méa” novamente. Kkkk. Almoçamos juntos e eu descobri o talento do Shon, Mimi, Marcie também na cozinha. Apreendi receitas novas inclusive... Dia lindo de viver! Merecemos porque ôoooo semana estranha com dias gelados e chatos. Sem contar com os trabalhos do Brasil que colaram em mim... Que eu dê conta deles amanhã ... Afinal, segunda-feira teremos novidades aqui no meu Insta. Nesta sexta a lua continuou linda... Evocê? Já ofereceu a lua pra alguém neste sábado?



Lembram dos ninhos de livros que temos pelo Rio de Janeiro? Na verdade, temos esta proposta pelo mundo. Já vi em diferentes cidades. Costumo deixar e até já peguei um livro no ninho do Arpoador. Você deixa livros e pode pegar novos livros para ler. Lembro que peguei um livro sobre mentoria de leitura para jovens acadêmicos. Adorei! Gosto demais de propostas que buscam sensibilizar e democratizar o acesso a livros e a leitura por toda parte. Já vi um projeto, não lembro onde, que uma pesquisadora deixou livros com Qr convidando leitores para conversar on-line sobre suas leituras. Livros foram deixados nos ninhos pela cidade, em bancos de praças, dentro de bus, taxi e até Uber ... Deixemos os objetos agenciarem... Aqui, no Park, encontrei este projeto de ninho de arte. Artistas e arteiros deixam desenhos, pinturas e convites para atividades, materiais para que artes aconteçam. Adorei! Criações de primavera na Cidade! Deixa eu ir dormir, amanhã tem Café ☕ comunitário e formatura em Estádio 🏟 de futebol ⚽. Acreditam? Isso mesmo, vou conhecer o Maracanã daqui em atividade acadêmica. Espero encontrar alguém do LED. Depois eu conto mais.

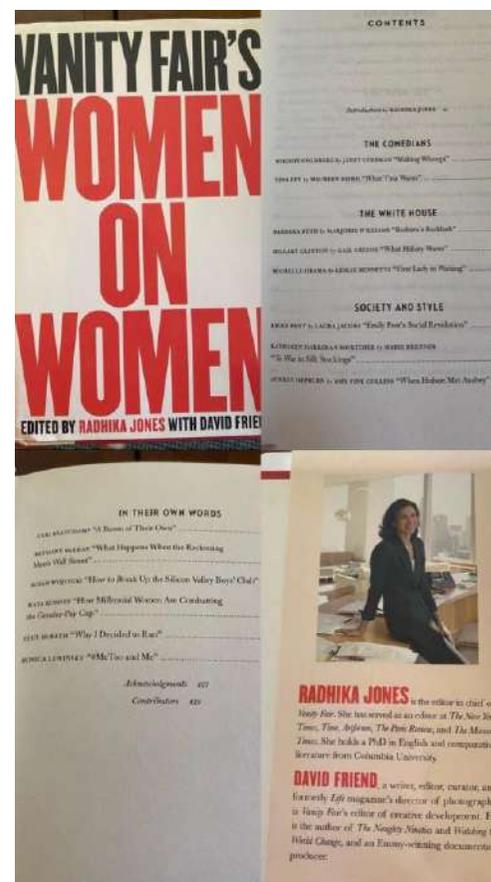
...



Como já falei aqui, minha atual pesquisa é sobre “Educação On-line Pós-Graduação: uma Ciberpesquisa-formação”. Muitas vezes, em contextos de pós-graduação, a educação on-line fazia parte da nossa liberdade de cátedra como extensão das nossas atividades presenciais em disciplinas, contextos de bancas de ou eventos científicos bem pontuais. Tudo mudou com a pandemia COVID - 19. Todos os programas de pós-graduação, para não serem extintos, tiveram que praticar diferentes atos de currículos com mediações com tecnologias digitais em rede. Praticamos de tudo! Ead, ensino remoto, educação on-line nas suas mais variadas convergências. Obviamente, que muito sobre estas práticas não foram pensadas ou mesmo sistematizadas. As “lives” síncronas deram o tã do que chamamos de ensino remoto. Os Ava e plataformas assíncronas, quase sempre se reduziram a repositórios de conteúdos e atividades de auto-estudo e ou áreas pessoais de trabalho. De todo modo, todo esforço deve ser respeitado e valorizado. Da nossa parte, praticamos Educação on-line como um fenômeno da cibercultura também na pós-graduação. Desenvolvi dispositivos que mobilizaram saberes científicos, convergindo atos de currículos síncronos e assíncronos interativos. Toda esta prática, vêm sendo publicada e um relatório tem sido construído. Mas minha implicação com a educação on-line pós-graduação não vem de hoje. Em 2013 fiz meu primeiro Pós-doc na UAB de Portugal PT, onde estudei o Mpel - Mestrado em Pedagogia do e-learning. Neste contexto, publiquei meu primeiro livro autoral. Agora em 2023, venho estudando uma unidade curricular aqui na OSU. Escolhi a OSU e a experiência da professora. [@correia_65](#) por conta da sintonia que temos com o tema, mas também e sobretudo, pela sua rica experiência, de mais de 20 anos, com programas de mestrado e doutorado on-line. Bem antes da pandemia ☺, fora BR o mundo acadêmico já fazia Edu. Online na Pós. Meus achados de pesquisa passam por quatro noções subsunçoras. Daí convidei parceiras que produziram especificamente sobre cada um desses achados para umas conversas on-line. Quer saber mais? Então venham! Começamos amanhã aqui no meu Insta.

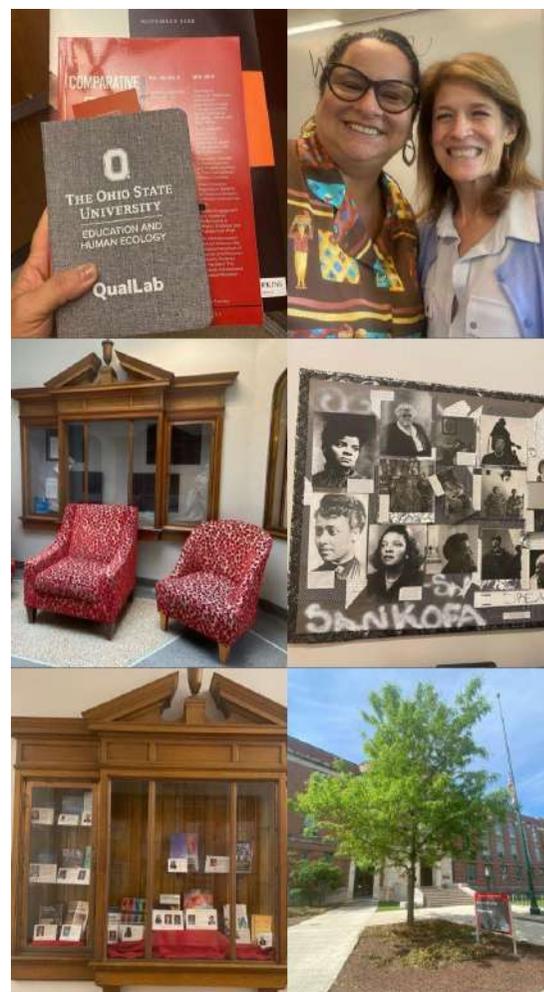


Comecei a pensar na solução que darei para levar de volta pro Brasil os livros que não resisti e comprei. Amo os livros não só pelo seu conteúdo, mas também pela sua forma. Forma é conteúdo. Meu estudo sobre “pós-graduação on-line” não me desligou de outros temas e fenômenos que estudo e amo cada vez mais. O ciberfeminismo é um deles. As orientações com [@gpdoc.ufrrj](https://www.gpdoc.ufrrj.br/) estão mais pontuais e nem por isso deixam de acontecer. A rotina acadêmica, esta sem se fala, Adm da vida família e cuidados com os meus - sempre prioridade. A pessoa precisa ser mesmo multitarefa. Ainda bem, que depois disso tudo eu terei férias vou fazer um pouco de “não fazer nada”. Salvo curtir meu povo e ler meus livros novos. Quando não estou trabalhando na minha pesquisa diretamente, estou sempre adentrando algum território físico e ou informacional. São nos momentos de “deixa a cidade me levar” que eu não resisto às livrarias. Sejam as várias [@barnesandnoble](https://www.barnesandnoble.com/), livrarias menores ou até mesmo os cafés e galerias que também vendem livros. Os livros olham para mim, eu os olho e me dou conta de suas intenções... Não consigo resistir, até porque sempre tem também algum desconto. E eu não resisto a um bom “balaio”. Não me canso de constatar que com o sucesso do Kindle, os editores de livros impressos estão muito mais caprichosos com as artes e design gráficos dos livros. Mas, nada como uma boa ideia editorial. Ideias incríveis já me convidam a fazer pensar novos dispositivos de ciberpesquisa-formação. Esta beleza aqui é um projeto incrível. Mulheres escritoras (docentes, jornalistas, escritoras) escreveram sobre mulheres importantes. São biografias de vida e formação, trajetórias de carreiras, seus perrengues e reviravoltas. Os textos são leves e não menos densos. A edição é impecável, politicamente correta nos materiais. Tem capa dura e pesapouco (mas nem todos são assim). Comprei na semana retrasada e só agora comecei a ler. São tantas as mulheres que eu curto, escolhi começar pela [@nicolekidman](https://www.nicolekidman.com/), adoooro. Das mulheres corajosas que mostram seu poder no que mais amam fazer, seu trabalho de excelência. Este é um livro que eu gostaria de presentear minhas amigas.

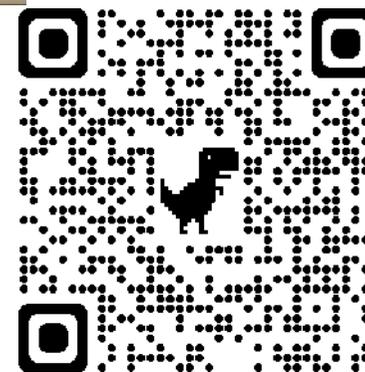


Assim que cheguei aqui na OSU, me deparei com o QualLab e seus dispositivos. Me identifiquei imediatamente com o trabalho e estudos da professora dra. Penny Pasque e seu coletivo. Além de desenvolver teorias, práticas, dispositivos e metodologias de pesquisas qualitativas, o lab tem uma rede grande com outros grupos de pesquisadores em diferentes estados dos Estados Unidos e também fora do país. Participei on-line do seu Talk, naveguei por seu projeto, li artigos e fui me inspirando cada vez mais. Hoje nos encontramos em pessoa. Uma pena que o semestre acabou de terminar para as aulas e reuniões de pesquisa. Agora o grupo organiza um importante encontro científico. Quem sabe não participamos? Fui super bem recebida. Simpatia, alegria do encontro, possíveis parceiras acadêmicas. [@correia_65](#) muito obrigada pelas mediações. Adorei

😊! Fazer pensar redes e conexões. Bora, bora, bora. Fisicamente o QualLab fica na College Education que é um prédio idealizado com inspirações da Escola Nova. Nos dias atuais, seus espaços de convivências são marcados por memórias diversas de atividades acadêmicas, biografias de educadores e estudantes que passaram pelo College, exposições das obras dos atuais professores e seus departamentos. Muito interessante conhecer este “Museu”, pois seus objetos estão por toda parte. Uma pena não ter muito tempo para aproveitar tudo isso um pouco mais. [@gpdoc.ufrj](#) voltaremos e também teremos nossas parcerias conosco, assim que tivermos oportunidades de fazer nossos [@e_dociv](#) futuros. Que tenhamos investimentos concretos para ações de internacionalização, a exemplo de bolsas de estudos (para além dos financiamentos exclusivos para programas 6 e 7) de pesquisa e formação continuada para estudantes docentes-pesquisadores. Enfim, vamos em frente, tecendo redes e conexões pelo mundo. Em tempo, adorei apresentar nosso site acervo (www.edmeasantos.pro.br), as Revistas que editamos ([@revista_doc](#) e [@riartesdeeducar](#)), nossos livros e autoria metodológica. Trocamos contatos e também apresentei este nosso diário on-line no formato de visual storytelling. Por estas e outras que nossas comunicações terão que ser cada vez mais plurais...



Meu dia das mães ontem foi muito intenso. Cheio de emoções, sentimentos misturados, reflexões, alegrias e tristezas. Vamos começar e terminar com as alegrias. Minha primeira cena foi incrível. [@marcoparangole](#) e [@nwnzart](#) fizeram uma chamada devídeo linda. Estavam os dois comendo cuscuz com 🍷 e suco de laranja 🍊 de “verdade”. Eles sabem como isso remete ao meu ser mais profundo kkkk, para além do dendê claro. Minha cultura e tudo que eu ensino pra eles há 23 anos (no caso do Marco) e há 16 anos (no caso da Nina). Dia das mães com outras presencialidades. Foi lindo e registrado no coração 📖, já que Nina não permite registros Instagramáveis, mas nada substitui o abraço apertado e cheiroso. Saudade corta gente. Depois falei com minha Mainha, que já estava quase pronta para o almoço das mães. Mainha e painho madrugam às 10:00 eles já estão sempre prontos para o almoço. Na casa deles, quem acorda tarde almoça no café da manhã. Mas o almoço foi na casa da família Mendes. Cardápio: sarapatel com lasanha. Combina? Claro! Tudo delícia sempre combina com tudo delícia kkkkk. Antes de receber a foto de família e falar com todo mundo novamente, recebo uma notícia cortante. Uma grande amiga sofreu no último sábado um acidente grave. Fiquei conversando com amigos em comum e mais tarde recebo boas notícias: amiga foi operada e passabem. Graças ao panteão Iorubá! Axé! Esta amiga não precisava disso em seu dia das mães. Mais uma mãe no perrengue e na luta cotidiana. Mas tudo tem seu sentido de ser, vamos agradecer a vida e focar nos desafios que virão. Fisioterapia, redes de apoio, amigos pra contar. Em meio a isso tudo, recebo convite dos amigos para um passeio. Convite aceito, vamos bater perna em Columbus. Apensar da cabeça dividida, atenta as notícias de casa e da amiga, me permitir desacelerar ... Ao voltar pra casa, mais abraço de família. Recebi do meu anfitrião, um convite pra almoçar em família. A receita, que delícia. Frango no limão 🍋 com azeitonas 🫒. Prato afro-americano que jamais ouvi falar. Que delícia de almoço. A acolhida e o afeto valem tanto, valem muito. Obrigada 🙏! Fechei meu dia, conversando longamente com outra amiga que amo demais.



Quanta coisa linda acontecendo hoje. Começo o dia com [@professor.sidnei](#) fazendo um depoimento lindo. Chorei de emoção porque a fala dele é minha também. São experiências diferentes em suas interseções, mas próximas em contextos e significações. Para superar “determinismos históricos” muitas vezes provocados pelo privilégio branco, classista, colonizador, machista, sudestino, tivemos que superar tanta coisa. Ser mais “competente” que os competentes nascidos e criados nos contextos de poderes, não é fácil. Graças a políticas públicas e muito mérito; vamos conquistando coisas e realizando sonhos. “Eu que sei”... já diz Mainha. Depois começo a receber notícias boas, notícias justas, notícias que nos mostram que desistir não é opção e que a luta cotidiana pela democracia, vale cada ato de currículo. Vejam os memes neste post. Brasil BR melhorando com resultados concretos, criminosos sempre condenados. Esperançar é verbo! O dia foi seguindo e eu ganho de presente esta obra de arte. Quem assina a foto é [@stelaguedescaputo](#). Amiga, professora, pesquisadora, macumbeira, artista 🎨. Esta foto não me emociona por si só. Me emociona porque foi criada num contexto difícil. Como bem disse a autora “estou me sentindo uma Frida”, [@stelaguedescaputo](#) sempre espirituosa... Ainda bem! Nossa amiga sofreu um grave acidente. Se machucou, mas passa bem agora. Já foi operada e aguarda outra cirurgia. Perninha pra cima, criando linda. Agora ela ler, entra no Avauerj, conversa com amigas e ainda faz arte. Como meu dia pode ser ruim? Não tem como. Hoje ganhei presente também da [@nwnzart](#). Áudios lindos com a voz tão linda “mamys te amo”. Amo também e muito. Do limão 🍋 limonadas. Cada dia um novo dia. Cada pessoa, um presente 🎁. Bora bora porque mais tarde tem live com uma pernambucana arretada de bora bora [@dorapadilha](#).



Pratico, estudo e pesquisa Educação Online há muitos anos. Meus trabalhos de dissertação e tese são os primeiros trabalhos defendidos na Faced/UFBA sobre tema. Já formei muita gente, que também me formou e me forma todo dia. Mestres e doutores que comigo não só produziram e produzem currículos on-line, como também atualizam comigo metodologias de pesquisa-formação na cibercultura. É minha a tese “Educação on-line: um fenômeno da cibercultura”. Isso significa que não tratamos o on-line como ead e muito menos como ensino remoto. Só para trazer o fenômeno recente da pandemia. Meu primeiro pós-doutorado realizado em 2013, com financiamento da Capes, foi sobre educação on-line na pós-Graduação. Fui professora visitante na UAB-Pt, onde colaborei esporadicamente com o MPEL, mestrado em Pedagogia do e-learning. Já ministrei neste programa disciplinas e orientei dissertação totalmente on-line. Após esta experiência só pratiquei educação on-line na pós graças a minha “liberdade de cátedra”. Passamos pela avalanche da Pandemia e só por isso, praticamos Educação Online na Pós. Pandemia ☹ vai terminando, voltamos para o presencial ... O tema do Híbrido passa e volta e não se avança em debates sérios ... Mas como praticamos, pesquisamos. Tenho hoje em curso o projeto “Educação On-line na Pós-Graduação: uma ciberpesquisa formação” financiado pelo CNPQ/bolsista produtividade, Grupo de Currículo e pela Faperj no Programa Cientista do Nosso Estado. Neste momento, 2023, realizo com rede internacional uma pesquisa sobre o tema aqui no [@theohiostateuniversity](https://www.theohiostateuniversity.edu/). Pesquisa um pioneiro programa on-line de mestrado e doutorado. Tenho narrado nos últimos meses, alguns de meus processos formativos na relação cidade / universidade / ciberespaço e dialogado com pares sobre meus achados de pesquisas. Neste contexto, recebo da [@adeliamia2](https://www.instagram.com/adeliamia2/), parceira na Fio Cruz esta notícia. A Capes formou um grupo de trabalho para pensar a educação híbrida na pós. Será que agora vai? Será que agora os programas conversarão sobre, para além das liberdades de cátedra? E antes que me perguntem sobre a diferença entre Ead, on-line, remoto e híbrido já digo: bora virar esta página?



DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

Publicado em: 17/05/2023 | Edição: 93 | Seção: 2 | Página:
33

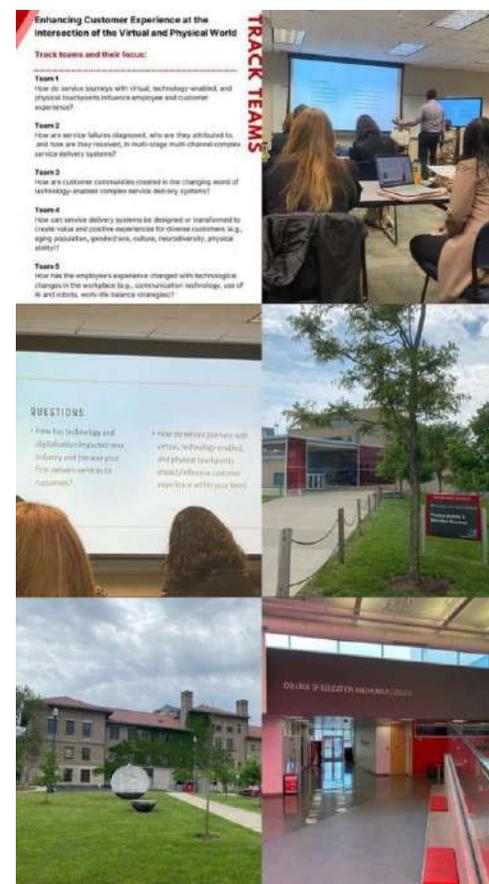
Órgão: Ministério da Educação/Fundação Coordenação
de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PORTARIA CAPES Nº 89, DE 15 DE MAIO DE 2023

A PRESIDENTE DA
COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE
PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, no
uso das atribuições que lhe são conferidas
pelo Estatuto aprovado pelo Decreto nº
11.238, de 18 de outubro de 2022, tendo em
vista a Portaria Capes nº 315, de 30 de
dezembro de 2022, que acolhe, nos termos



Quando não aprendemos com conteúdos, aprendemos com as formas. Formas são conteúdos. Aprendemos nos mais diferenciados espaços multirreferenciais e redes educativas. No meio escolar e acadêmico, percebi desde cedo que podemos aprender mais e melhor com diferentes áreas. Sempre falo para meus estudantes/pesquisadores que devemos explorar diferentes áreas de conhecimentos, fazer diferentes disciplinas - com diferentes docentes. Ir a congressos em outras áreas. Importante mapear convergências, divergências, controvérsias. Fazer análises contrastivas. Antônio Nóvoa costuma dizer que investigações contrastivas, são metodologias da diferença! Não é comparar. Não é o caso de “melhor ou pior”, importante revelar as diferenças para com elas aprender. Minha última atividade acadêmica de “primavera” na [@osuedstudies](https://twitter.com/osuedstudies) foi bastante interessante. Recebi um convite para participar como congressista num evento na área “gerência de serviços”. Primeiro estranhamento, esta área não é do College de Adm e muito menos das engenharias. Encontra-se na Faculdade de Educação e Ecologia Humana, onde faço minha pesquisa. Fiquei muito bem impressionada com a metodologia. Professores de todo país, das mais diversas universidades, se encontraram para conversar e partilhar suas experiências com profissionais importantes (CEO e acadêmicos). Nada de conferências e palestras. Grupo produziu questões e partilhou experiências, buscando respostas coletivas a partir de suas invenções cotidianas. As mediações foram dinâmicas e o debate com público em geral foi extremamente ativo e engajado. Fiquei muito bem impressionada. Foi um evento acadêmico em sintonia com mundo do trabalho. E como já relatei aqui, o Network sempre acontece com boa mesa. Pena que não tem “bons copos”. Neste sentido, tenho saudades de Portugal PT. O bom vinho 🍷 nunca falta. O evento aconteceu na Faculdade de Educação Física. Espaço é incrível. Arte por toda parte, memórias de pesquisa, espaços de convivência, aulas práticas e laboratórios. Adorei conhecer e participar do debate que tratou sobretudo da relação entre territórios físicos e informacionais. Relação com fornecedores, clientes com mediações do digital em rede.



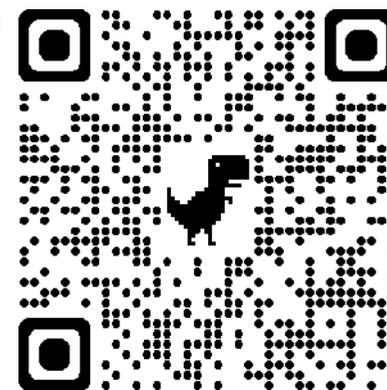
Na minha primeira vez no Canadá 🍁 a anfitriã não poderia ser melhor. [@cristdavila](#) já me recebeu assim, toda luz! Radiante com seu sorriso singular, com a alegria do encontro. Vamos nos curtir muito durante toda semana. O caminhar ubíquo será em Montreal. Vou adentrar a cidade sem presa, degustando cada experiência, cadametro de rua, de vida subterrânea, de museus, de delícias de vida e formação. Vou conhecer a Universidade de Montreal em visita técnica. A “inovação pedagógica na pedagogia universitária e na pós-graduação” será uma das pautas por aqui. Teremos também a leitura e avaliação da tese “Pelas mãos das Ekedis e Makotas: o poder matriarcal nos processos educacionais nos candomblés”. Eu não poderia ter contexto melhor para ler esta tese, estou com outra baiana que também adora macumba e só anda dafé. [@isa_dora_dias](#) e [@stelaguedescaputo](#) obrigada 🙏. Passei atarde com vocês hoje. Mas antes me energizei numa linda aula de yoga 🧘, presente da [@cristdavila](#). Acordamos cedo e fomos pro estúdio. Durante todo ano de 2022, fiz yoga no Rio de Janeiro. Tirando a “palestrinha” do mestre, que eu abstraio, gostava de tudo. Hoje eu comecei meio “pegando no tombo” e fui me deixando movimentar. Senti tanta coisa misturada. De um bora lá meio desavisado a uma sensação de poder incrível. Fui sentindo a potênciado meu tônus, que painho me deu, a força de minha mainha. Fui percebendo a memória corporal vindo emocionada. Cada elogio da mestra, que fala inglês por minha causa, foi me dando tanto gás. Agradei silenciosa a minha mãe Oxúm. Mas no final , eu abracei minha amiga [@cristdavila](#) com um muito obrigada. Não poderia tersido recebida tão bem. Ganhei uma amiga nova, e o Chile que nos aguarde em 2024. Assim é a vida, feita de encontros e planeamentos. Planear! Palavra linda que sai da boca de [@correia_65](#) com sua supervisão elegante e acolhedora . Ontem submetemos nosso primeiro artigo para um periódico no BR. Adoramos o que fizemos juntas. Comemoramos! Minha cabeça não para de ter novas ideias. Que Montreal me receba para mais e melhores processos de virtualização e atualização. Que as mães de todes me inspirem muito, Ekedis e Makotas, axé.



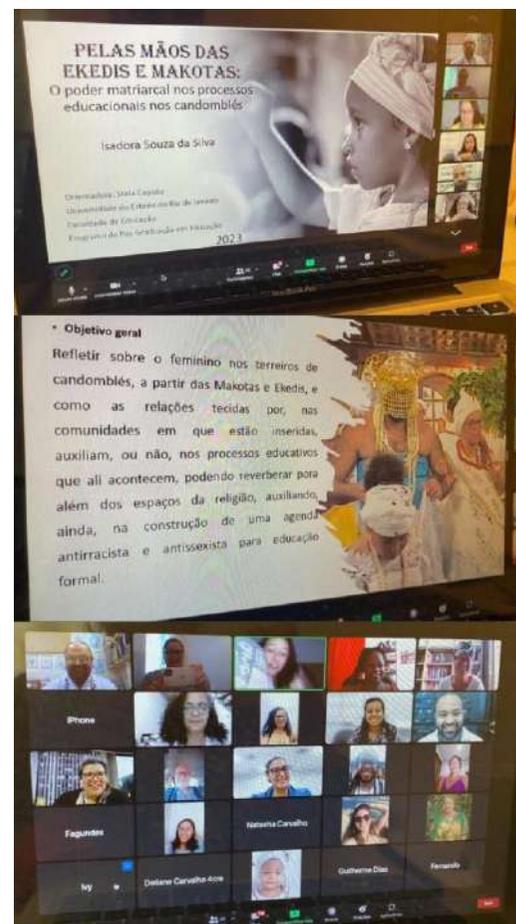
Partiu Quebec. Mas antes disso um estranhamento, alguns dilemas, importantes questões. Onde estão as pessoas em prestavam alguns serviços numa cadeia presencial? Alugamos um carro, pela internet para um passeio hoje, segunda, feriado no Canadá 🍁. Chegamos as 8 e já tinham fila. Apenas um funcionário, por sinal competentíssimo, para atender algumas pessoas que formavam uma considerável fila. Dados confirmados e de resto fizemos tudo sozinhos, seguindo um algoritmo bem básico. Dirijam-se à garagem, procurem o estojo das chaves, digite sua senha e espere as chaves caírem. Peguem as chaves e boa viagem. Na volta, basta colocar as chaves na caixa e estacione o carro na vaga original. Simples assim... Um funcionário, um protocolo, uma plataforma. Estamos preparados, no Brasil, para mobilizar novas competências? Por exemplo, as pessoas que criam plataformas e metodologias. O que fazer com quem não tem acesso às plataformas, nem como consumidores? Como requalificar as pessoas que estavam nos atendimentos, vistorias, orientações presenciais? Precisamos problematizar condições de trabalho e suas novas engrenagens ... Onde faremos a crítica? O que anunciaremos em termos de políticas de formação, acesso a acessibilidades aos meios digitais? Que alfabetizações, que literacias, que competência informação? Pessoa realizado com sucesso. Carro devolvido. Amanhã tem visita técnica [@montreal_university](#) . Na sorte vou conhecer o laboratório de Inovação Tecnológica da Faculdade de Educação. Bora bora bora!



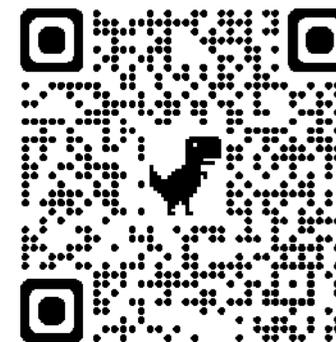
Hoje foi dia de visita técnica na Universidade de Montreal. Partilhei com [@cristdavila](#) seu office de trabalho. Foi muito proveitosa nossa reunião. Adorei conhecer o campus, as pesquisas de seu supervisor e as atividades realizadas aqui. Pena que já estamos em semana de avaliações finais do semestre de primavera. Queria aproveitar a energia das aulas presenciais no campus. Hoje só pesquisadores apareceram aqui pra trabalhar. Conversamos sobre nossas pesquisas e compartilhamos experiências sobre referências e práticas de “Inovação Pedagógica Universitária”. Cada uma de nós com seu campo de pesquisa. [@cristdavila](#) com o tema da Pedagogia Universitária e a formação didática de docentes e eu com a Educação On-line na pós-graduação. Nossas conversas têm girado em torno da relação “Inovação didático curricular e inovação com uso de tecnologias digitais”. Que relações? Como uma inovação interage com as demais? O que encontramos mais? Como nossos campos de pesquisa respondem estas questões e como nós docentes-pesquisadoras perguntamos, praticamos e respondemos nossos dilemas e vamos ao encontro dos etnométodos com nossos sujeitos e praticantes de pesquisa? Já temos relatórios em cursos finais, com artigos em avaliação. Hoje eu trabalhei num dos meus textos no office como [@cristdavila](#). [@correia_65](#) da próxima vez, além do office lindo que você reservou pra mim, quero “placardinho com meu nome” Kkkk. Brincadeiras a parte, estamos felizes com o trabalho que estamos realizando e que ainda realizaremos. Vida longa para nós e nossos grupos de pesquisa GEPEL e [@gpdoc.ufrj](#). Que os processos de internacionalização se consolidem e que tudo isso que estamos vivendo possa reverberar em mais e melhores ambientes formativos em nossas universidades. Daqui a pouco, terei live de lançamento de Dossie na parceria com Cristina - nada coincidência. Teremos defesa de tese. Dia em Montreal, com atividades BR. Eu mereço! Ainda bem que tudo isso será incrível. Bora, bora, bora. Hoje fechei o dia sabendo que uma grande amiga morará pertinho de mim. Meu leme minha vida, saudades de você. Quem sabe agora vou mais a praia?



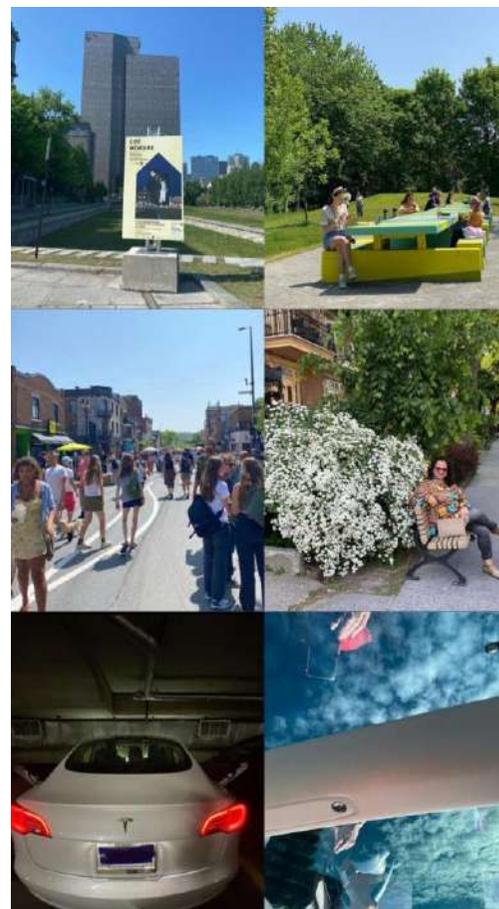
Praticamente não aceitei convites para bancas este semestre. Salvo para trabalhos que participei anteriormente de exames de qualificação. Afinal, fazer um pós-doutorado em apenas seis meses, sem bolsa e com pesquisa de campo de apenas dois meses no território físico do campo foi muita ousadia. Tem sido... Considerando que nestes dois meses não parei de trabalhar nas coisas do Brasil também. Fiz artigos com Orientandos e pares, orientei, corrigi textos, participei de processo seletivo, gerei prestação de contas em agência, avaliei e editei em revistas, maternei por 24 horas e muito mais... Mas tive um convite que não pude negar. Foi um trabalho como presente 🎁 mesmo. Li esta tese como se estivesse lendo um dos meus livros preferidos. [@isa_dora_dias](#) fez uma tese muito bonita. Com suas praticantes de pesquisa compreendeu o que é, como aprendem e educam Ekedes. Discutir com elas, num diálogo com referenciais afrocentrados (que os referenciais decoloniais não dão conta. Aprendi com a provocação de Ellen de Souza). Mulherismo africano em bricolagem com feminismo negro, pesquisa narrativa e história oral com cotidianos na interface terreiros e ciberespaço fizeram emergir um texto multirreferencial. Li a tese com estas lentes e senti (acionando outros sentidos sobretudo) sensações plurais e até conflituosas em termos de cosmovisão. A tese nos permitiu criar playlist, navegar por exposição fotográfica e visual (pinturas das Iabás abriram cada capítulo) compuseram um texto científico literarizado. Os arquétipos e signos das Iabás não só dispararam a pegada literária da estilística do texto, como também compuseram a epistemologia do axé. As “tecnologias de Ogúm”, como metodologia ([@cristianosam](#)) ganhou atualizações novas. [@isa_dora_dias](#) se deu conta da potência das “comunidades de prática on-line”, mesmo sem ter acionado referencial ciber com mais intensidade. Mas, começou bem e dialogou com o ciberfeminismo por nós estudado durante a pandemia 🤝. Estudos de gênero e infâncias em sintonia. Este texto faz parte agora do acervo histórico do [@kekereuerj_infanciaemterreiros](#) e da obra cunhada por [@stelaguedescaputo](#) e seu coletivo a quem agradeço demais.



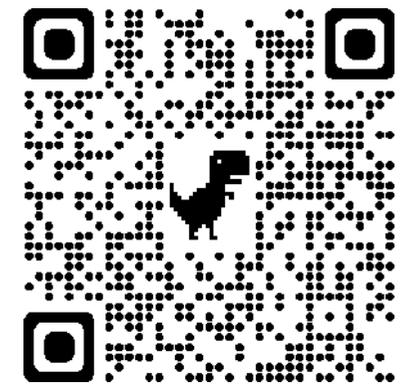
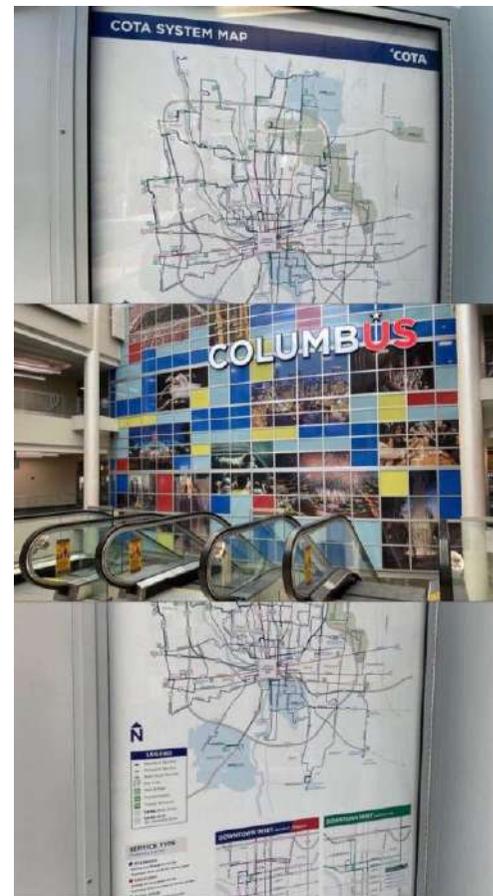
Como o movimento me faz bem e como eu amo escrever fora de casa e em outras cidades. Não por coincidência, meus textos mais criativos foram escritos assim. Desse jeitinho... Após caminhadas em cafés. Ontem eu trabalhei no home office por mais de 12 horas. Pela manhã participei de uma live de lançamento de um dossiê incrível. Vários [@gpdoc.ufrj](#) estavam lá comigo a exemplo de [@miriandoamaral](#) [@krishnababy](#) Fábio, [@janarodriguesdefreitas](#) ... Perdoem se esqueci de alguém. Foi uma manhã linda, produzimos um conteúdo tão maravilhoso. Pedagogia crítica na veia. Que emoção encontrar com referenciais teóricos e pessoas como nós, implicadas com um mundo melhor para todas as pessoas, tendo a educação e as políticas públicas como dispositivos. Fizemos uma análise de conjuntura e de geopolítica incrível. Denunciamos e anunciamos! Percebemos que produzimos inteligência coletiva. Agradeço demais à Professora Isabel e à minha parceira, primeira autora do artigo, [@cristdavila](#) pelo convite. Mas, por que não compartilhei ontem mesmo em meu diário on-line esta atividade? Precisei de tempo para partilhar e processar um ataque que sofremos on-line. Nossa live foi atacada com cenas descontextualizadas. No primeiro ataque o invasor nos atacou com imagens de pessoas comendo 🍷. Alguém explica este fenômeno e esta opção? No segundo ataque, foram compartilhadas imagens de homens fazendo sexo. Queria chocar a comunidade, de maioria feminina? Sim. Eu, pessoalmente, achei desrespeitoso não só com a comunidade, mas com as pessoas homoafetivas. Sexo é sempre maravilhoso e não deve ser descontextualizado com forma de ataque a pessoas que educam. Educamos todas as pessoas e respiramos suas opções e orientações. Fiquei triste com a descontinuidade provocada e com pena do agressor. Só colaborou com nosso debate. Afinal, somos críticos e tudo isso para nós é disparador de mais e melhores projetos. Fascistas não passarão, nós passarinho. Tive uma tarde linda, veja o post anterior. Aprendi com o feminismo africano e hoje criei lindamente com estas imagens aqui. Respirando ar puro numa das cidades verdes do 🌳. O 🍷 estava ótimo e agora vamos caminhar por outras bandas. Montreal tem 🌲 superlativas...



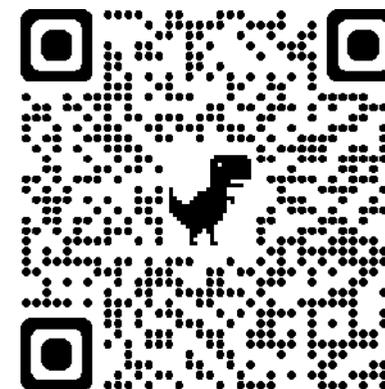
Quando num mesmo dia você vive muitas coisas inesperadas. De horta comunitária, caminhar ubíquo com cinema na rua, e carona num Tesla de amiga de amiga. A cidade e seus acontecimentos... adorei conhecer Old Montreal. Me deparar com um cinema ao ar livre. Saber que a cidade tem um espaço para projeção de audiovisuais, ativismos urbanos. Lembrei que vi algo parecido em Paris, inclusive num inverno. Amei recordar diferentes momentos como este em Ny. A cidade é sempre um presente para quem vive invernos rigorosos. Adorei a semana que Quebec. Aos amigos queridos, meu muito obrigada ☺. Volto para Columbus ainda mais inspirada e com vontade de trabalhar ainda mais em meu relatório. Últimos dias em Ohio serão de trabalho duro, quero voltar pro Brasil para encarar outras demandas e aproveitar meus amores. Montreal é uma cidade muito especial onde pretendo voltar muitas vezes. Cosmopolita, diversa onde as pessoas se misturam de verdade. Conheci muitas famílias interracialais, pude ouvir e falar línguas diferentes, partilhar culturas e muitas aprendizagens. Adorei conhecer projetos e intenções de inovações pedagógicas na Universidade de Montreal e saber que meu trabalho é muito importante, também por aqui. Quem sabe um pós doc por aqui noutra oportunidade (obviamente com mais tempo, família junta e bolsa de estudos)? E sobre inovações e tradições... Pegamos uma carona curiosa. Além do conforto sensível que senti, reparei que o carro só faltava andar sozinho. A gargalhada foi total quando me dei conta que estava num Tesla. A pessoa aqui não é nada ligada nas marcas de carro, parei no meu Ford Fiesta 2009 e estou feliz da vida sem carro. Mas confesso que fiquei curiosa em andar num carro de copilota e saber que o piloto pode ser o próprio carro. Conversa para termos em breve. Afinal, o homem mais rico do mundo que produz estas coisas não é nada nada um cidadão preocupado com o direito à cidade para todos... Já busca em outros planetas a possibilidade de mandar, deixando pra quem fica a certeza de dias piores onde seres humanos, com suas coisas e vaidades, vão deixando este planeta aqui menos habitável para as novas gerações. Lá vamos cuidar e nos cuidar...



De volta, quase pra casa, decidi ir de COTA. Salvo em Lisboa que ando de ônibus até para o aeroporto, bora lá ... Estou com tempo...2,00 em vez de 26,00... Também é um bom incentivo. Long Street estou chegando! Aeroporto é sempre algo complicadol, né, gente? Chegamos e saímos correndo, com bagagem, medo de perder voo ✈️. Mas quando são as companhias que atrasam? Nada é feito por nós. Hoje esperei mais de 3 horas em Ny a conexão pra Columbus. Quando cheguei queria me teletransportar pra minha casa. Por estase outras que muitas vezes nos submetemos a preços abusivos dos táxis e até do Uber. Mesmo tendo conexões com transportes públicos, as bagagens sempre nos atrapalham. Então hoje eu resolviencarar o COTA que me deixou praticamente em casa. Aprendi caminhos novos, paguei só 2,00. Na moeda local, metade do preço da passagem no Rio de Janeiro. Ônibus tem agenda que você pode acompanhar em tempo real, tem Wi-Fi e tudo certo . Aqui podemosusar o mesmo ticket por duas horas. Em Montreal o mesmo ticket 🚇so vele apenas para uma conexão. Se precisar se mais de uma, tem que pagar novo bilhete e não tem o day pass. Aqui em Columbus o pass day custa 4,50 e você circula até as 5 da manhã com mesmo ticket. Sem mobilidade não temos como reivindicarmos o direito à cidade, proposta sempre presente nos projetos gpdoc.ufrj . A mobilidade precisa ser física, informacional e cognitiva para que possamos vivenciar tantas outras E quem usa o transporte público em nossas cidades? Como mediar com nossos estudantes o direito à cidade? Nossos estudantes praticam suas mobilidades de direito? Se não praticam, o que falta fazer? E na pós-graduação? Aspolíticas de internacionalização são para todos os programas? Por que incentivar apenas os programas que já tem mobilidades? Como você pensa tudo isso em seu grupo de pesquisa? Misturei temas? Como tudo isso nos convida a repensarmos nossos processos formativos dentro e fora dos grupos de pesquisa? Cada @gpdoc.ufrj precisa questionartudo isso. @mariano_geo2 como anda sua dissertação e nosso dispositivo @intera_city ? Pra não perder a chance de atualizarnossos próprios projetos de vida e formação ...

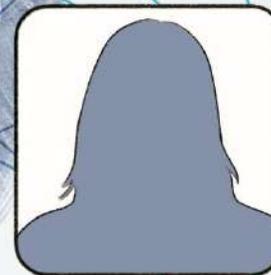
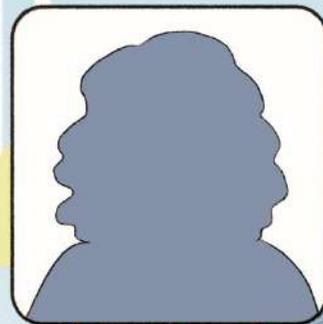


Este post fecha oficialmente o meu diário on-line referente ao meu estágio presencial de pós-doutorado na [@osuedstudies](#) . Abro com o registro do jantar presente 🎁 que ganhei da amiga e supervisora [@correia_65](#) . Consolidamos uma parceira de pesquisa e relação internacional entre nossos grupos de pesquisa. Somos membros uma do grupo da outra e tenho certeza que nossa parceria terá vida longa. Seja de vida e ou de formação. LED e [@gpdoc.ufrj](#) juntos no ensino, na pesquisa e na extensão universitárias. Fizemos interfaces entre os campos do LearningTechnologies dos Estados Unidos uscom a Educação na Cibercultura do Brasil BR. A Educação On-line na Pós foi a nossa interface do momento. E olha que a Ia também. Chat gpt que o diga. Produzimos juntas e as ressonâncias já circulam em rede e circularão na difusão científica que faremos em breve. Obrigada 🙏 pela acolhida luxuosa, profissional e respeitosa do nosso trabalho. Muitas vezes nosso pioneirismo não é reconhecimento entre os nossos... E quem são mesmo os nossos? O mundo 🌍! Foi muito bom conhecer novos parceiros, amigos e reencontrar amigos e parceiros de vida e formação no “norte global”, criando na academia e nas artes. Deixando nossas marcas éticas, estéticas e políticas. Obrigada a cada pessoa ... Fechando ciclo presencial e voltando ao remoto no Brasil. E os atravessamentos e acúmulos de trabalho já deram o ar de sua graça ... saúde e vamos lá ... Tem anped, seleção de mestrado e doutorado (tudo junto e misturado), retorno a comissões... A lista só se estica ... Família e amigos brasileiros, estou de volta e aceito todos os convites para festas e encontros. Mais trabalho só em setembro. Volto às aulas em agosto ... As férias serão de correções de dissertações e teses . Teremos [@gpdoc.ufrj](#) defendendo em agosto na maior lindeza . Grupo se renovará e os antigos sabem que são sempre bem vindos. Aqui fiz um ensaio para celebrar estes encontros lindos. Emoções eu vivi! Bora bora bora.



EDUCAÇÃO ONLINE NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU:

O CASO DA UNIDADE CURRICULAR “APPLIED INSTITUCIONAL DESIGN”
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ONLINE EM TECNOLOGIA EDUCATIVA DA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE OHIO NOS ESTADOS UNIDOS



CAP III

CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO ONLINE NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: O CASO DA UNIDADE CURRICULAR “APPLIED INSTRUCCIONAL DESIGN” DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ONLINE EM TECNOLOGIA EDUCATIVA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE OHIO NOS ESTADOS UNIDOS

Edméa Santos, professora titular-livre da UFRRJ
Ana-Paula Correia, full-professor The Ohio States University

Contexto da Pesquisa

Este capítulo é fruto do relatório de pesquisa “Educação Online na Pós-Graduação StrictoSensu”, projeto em desenvolvimento no Brasil por mim, professora Dra. Edméa Santos, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O projeto conta com Financiamento da Faperj no Programa Cientista do Nosso Estado e do Programa Bolsista de Produtividade do CNPq. Durante a pandemia da covid-19, o Brasil vivenciou na pós-graduação stricto sensu práticas curriculares de educação online, EAD e ensino remoto. Procuramos nesse contexto desenvolver desenhos curriculares online para promover ambiências formativas para a promoção de saberes científicos com estudantes-pesquisadores de mestrado e doutorado do Programa de Educação e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Contextualizado no Brasil, esse projeto contou com parcerias de uma rede de pesquisa internacional integrando colegas pesquisadores de mais quatro países: Portugal, França, Colômbia e Estados Unidos. Este texto conta a experiência de pesquisa nos Estados Unidos, fruto também de um pós-doutoramento, supervisionado pela professora Ana- Paula Correia, da Universidade do Estado de Ohio. Estudamos e avaliamos o desenho curricular online da unidade curricular “Applied Instruccional Design” do Programa de Pós-Graduação Online em Tecnologia Educativa da Universidade do Estado de Ohio.

Analizamos o desenho curricular online em todo seu contexto: 1) Arquitetura e disposição dos conteúdos, situações de aprendizagens e interações síncronas e assíncronas; 2) Docência online colaborativa entre docentes e estudantes-pesquisadores. Tudo isso foi desenvolvido no

ambiente virtual de aprendizagem CarmenCanvas, plataforma institucional adotada pelo referido programa de pós-graduação. Essa plataforma possibilita que o conteúdo seja disposto de forma hipermidiática, articulando páginas web com links internos e externos nas mais variadas formas de linguagens e mídias.

No que diz respeito às linguagens, contamos com textos, imagens estáticas e dinâmicas, vídeos e sons. Audiovisuais são integrados nas páginas sem perda de qualidade técnica. Já na potência midiática o ambiente conta com interfaces de comunicação síncronas e assíncronas dentro da mesma plataforma, a exemplo de fóruns de discussão e salas de webconferências Zoom.

A Unidade Curricular teve duração de 16 semanas, ocorrendo no período de janeiro a maio de 2023, período que sintonizou com o período do nosso pós-doutoramento. A turma foi formada por doze (12) estudantes-pesquisadores de mestrado e doutorado, um (1) docente titular, dois (2) docentes assistentes (orientandos de pós-graduação) e uma (1) pesquisadora. A docente da Unidade Curricular e a pesquisadora assinam este texto.

O capítulo em questão é um relato de experiência de uma pesquisa-formação na cibercultura, ou ciberpesquisa-formação, em que a investigação acadêmica se realizou em contexto de docência online, SANTOS (2005, 2014, 2019). Os dados foram produzidos em diálogo com a comunidade de praticantes culturais envolvida, durante as 16 semanas da unidade. Parte da pesquisa foi feita remotamente no Brasil, tendo outra parte sido realizada online no contexto da Universidade do Estado de Ohio, entre os meses de abril e maio de 2023. A opção pelo gênero científico do relato de experiência de ciberpesquisa-formação se deu por não ter sido possível printar telas do AVA (ambiente virtual de aprendizagem) nem trazer dados textuais diretos das interações online com a identificação dos estudantes/pesquisadores. Não houve tempo hábil para cumprir com protocolos internacionais de proteção dos participantes exigidos pela Universidade do Estado de Ohio. Em contrapartida, a pesquisa maior já foi cadastrada na Plataforma Brasil, cumprindo protocolos nacionais de ética da pesquisa em Educação.

Optamos pela narrativa livre e na primeira pessoa do plural, uma vez que contamos com a parceria da pesquisadora Edméa Santos com sua praticante direta de pesquisa, a professora Ana-Paula Correia, que também assina o texto. Optamos pela metodologia da imersão online no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), fazendo uma hermenêutica livre, pela qual chegamos a quatro (4) noções subsunçoras e ou categorias analíticas:

- 1) Semana de ambientação: rede de apoio para a mobilização de saberes online;
- 2) Desenho curricular hipermidiático: curadoria em rede;

- 3) Docência colaborativa: a parceria com docentes assistentes (orientandos de pós-graduação) *stricto sensu*;
- 4) Trabalho por projetos: a formação profissional em sintonia com os saberes acadêmicos.

Fazer pesquisa com cotidianos, incluindo o cotidiano curricular, não se trata apenas de narrar a cotidianidade em si. É importante narrar a cotidianidade compreendendo a compreensão que emerge das práticas e narrativas dos atores e agentes dessa cotidianidade. Durante nosso processo de pesquisa-formação na cibercultura ou até mesmo na fase mais etnográfica/cartográfica em que os fenômenos são descritos de forma densa, compreender a compreensão é um esforço e um desafio para compreender a compreensão dos praticantes culturais. Como eles operam conceitualmente? Como eles lidam com seus fazeres e saberes no mundo e em seus contextos específicos? Nosso desafio é dialogar, compreendendo a compreensão dos nossos praticantes. Nossa hermenêutica, a arte da interpretação, é aberta e livre, assim encontramos nossas noções subsunçoras, ou seja, são as nossas significações diante do que vimos, sentimos das narrativas, imagens e sons da pesquisa, a compreensão da compreensão. Devemos nos perguntar constantemente: o que foi forte e significativo no contexto da pesquisa? Porque o principal instrumento de uma pesquisa é o pesquisador, que carrega vida e formação em suas memórias, repertórios, fazeres e saberes. Essa atividade é extremamente subjetiva, e temos o desafio de objetivá-la e materializá-la em nossos relatórios e seus desdobramentos científicos.

A seguir, faremos a discussão sobre cada uma das noções acima citadas, dialogando com nossa experiência curricular de docência e pesquisa online, bem como dialogaremos com parte quadro teórico e metodológico da comunidade científica que compõe o projeto mais amplo. Nesse sentido, dialogaremos com nossa produção histórica sobre o tema e com pares da comunidade científica do Brasil e dos Estados Unidos. Ao final da discussão de cada noção, apresentamos acesso à live/conversa sobre cada tema, com docentes/pesquisadores especialistas. Assim, ampliamos o debate e geramos disparadores para mais e melhores conversas.

1) Semana de Ambientação: rede de apoio para amobilização de saberes online

Com mais de 20 anos de experiência com educação online (SANTOS 2003, 2005, 2014, 2019) sabemos quão importante é a semana de ambientação no contexto de um currículo online. É na semana de ambientação que nos apresentamos e somos apresentados aos nossos estudantes.

Apresentamos a proposta e o projeto inicial do curso, percorremos com nossos estudantes/pesquisadores alguns espaços/tempos institucionais, bem como apresentamos os espaços/tempos referentes à sala de aula online de um modo geral. Além disso, costumamos criar atividades de mobilização de saberes para a aprendizagem online, a exemplo da mobilização de saberes e competências para a leitura e escrita hipertextuais, a comunicação interativa entre docentes e estudantes, e sobretudo entre estudantes e estudantes.

Enfim, a semana de ambientação, quando bem conduzida, reduz o fracasso escolar na aprendizagem online em diferentes dimensões, proporcionando aos estudantes não só intimidade com o currículo e sala de aula online, interatividade nas relações com o próprio desenho curricular e com a comunidade docente e discente responsáveis pelo próprio currículo em desenvolvimento. Assim, uma comunidade de aprendizagem entre pares pode ser forjada.

Em linhas gerais, os desenhos curriculares online costumam ter como conteúdo uma área social, geralmente um fórum de discussão onde os sujeitos se apresentam e partilham suas itinerâncias e trajetórias de vida e formação, bem como suas singularidades autorais, suas redes sociais no ciberespaço, suas preferências culturais, entre outras curiosidades e até amenidades, uma vez que a troca destas também promove uma integração inicial. Segundo FERNANDES, SPILKER, AMANTE:

Este módulo, realizado online previamente ao início das atividades letivas para os novos estudantes, visa permitir a aquisição de um conjunto de competências base, quer de natureza tecnológica, quer de natureza sócio-pedagógica. Coloca-se a ênfase no desenvolvimento de competências relacionadas com a comunicação online e com ser estudante online, considerando o contexto específico da formação em causa e o modelo pedagógico seguido na instituição. (FERNANDES, SPILKER, AMANTE, 2015, p. 928)

Como já relatamos aqui, geralmente encontramos na semana de ambientação conteúdos e percursos formativos referentes ao ambiente virtual de aprendizagem, bem como dicas e sugestões para o trabalho em rede. No desenho curricular em questão, destacamos além do que comumente já constatamos em nossas pesquisas, algumas inovações que valem a pena destacar:

- 1.1) Uma rede de apoio para a saúde mental;
- 1.2) Orientações didáticas de caráter profissional para o trabalho em grupo;
- 1.3) Uma biblioteca online com exemplos de produções de turmas anteriores. Vejamos nossa análise de cada item destacado:

1.1) Sobre “Uma rede de apoio para a saúde mental”

A partir da pandemia da covid-19, percebemos que o tema da saúde mental nunca foi tão discutido no meio acadêmico. Fora esse aspecto, temas que comumente exploramos ou que estiveram em nossas redes de conversas passam sempre pelo adoecimento mental de estudantes e docentes, a partir das relações muitas vezes abusivas entre docentes e discentes, orientadores e orientandos, todos estes com gestores. Prazos referentes ao controle dos tempos e espaços das produções, denúncias de plágio, procrastinação em relação aos tempos e produtos da pesquisa, entre outros. Muitos desses problemas são tratados inclusive por diferentes redes sociais e linguagens multimodais, a exemplo dos memes.

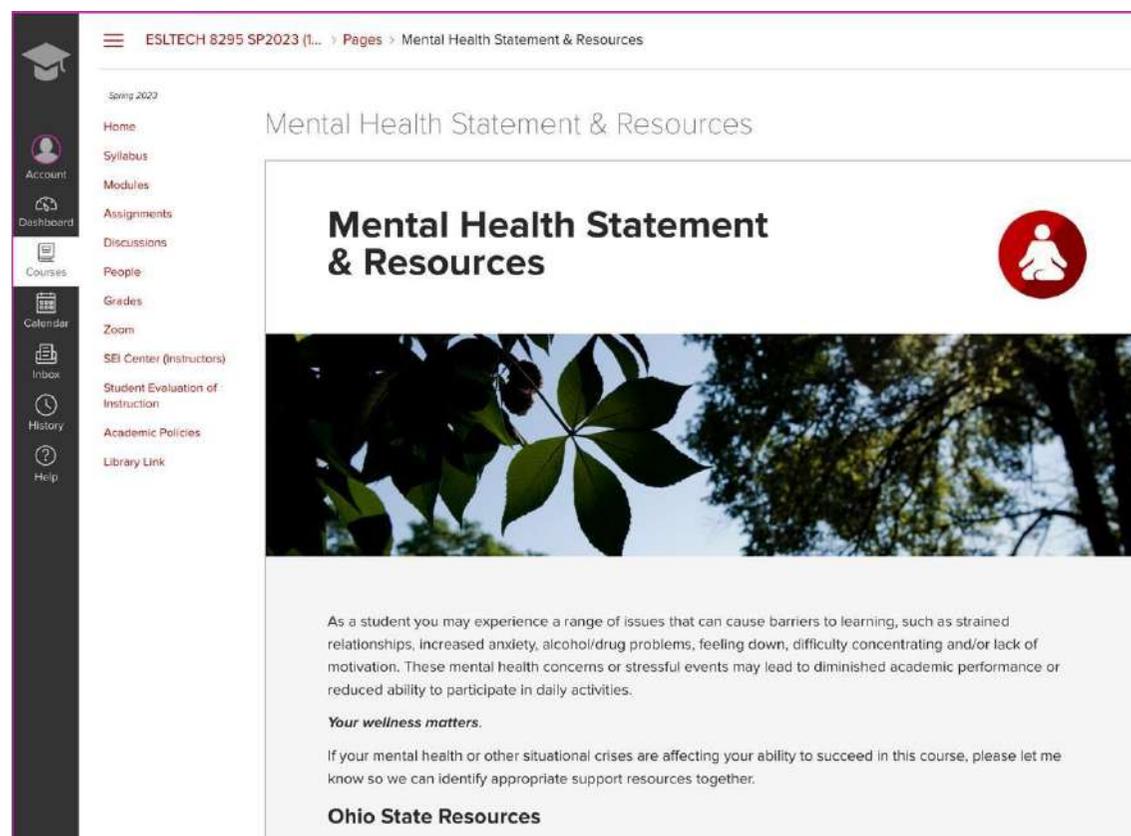
Em contrapartida, o isolamento social provocado pela pandemia nos deixou bastante vulneráveis. A pressão psicológica provocada pela insegurança entre vida e morte, as dificuldades de convívio familiar e profissional na divisão dos mesmos espaços/tempo de socialização são apenas alguns exemplos de fatores responsáveis por “gatilhos” para depressão, crises de ansiedade e pânico, distúrbios hormonais e de imagem. Enfim, são inumeráveis os problemas relatados por docentes e estudantes durante o ensino remoto (SANTOS, 2020), fenômeno que emergiu durante a pandemia covid-19.

No caso do currículo online em questão, o destaque para a saúde mental dos estudantes não é uma preocupação relacionada apenas à pandemia covid-19 (Figura 1). A Professora Ana-Paula Correia, autora do desenho curricular, se preocupa exatamente com a singularidade que é estudar online, bem como com a dificuldade de interação entre diferenças culturais e religiosas, identidades de gênero e sexualidades, deficiências e acessibilidades. Toda diferença é destacada como singularidade e potência para uma educação mais plural e democrática.

Afinal, um desenho organizado em 16 semanas é bastante intenso e desafiante. Muitos estudantes vivem, pela primeira vez, uma experiência de trabalho e aprendizagem online. Novas formas de vivenciar presencialidades sem contato físico no compartilhamento de saberes e competências,

no trabalho em grupo com diferentes perfis de personalidade e modos de trabalhar com diferentes arranjos curriculares e espaços temporais síncronos e assíncronos.

Figura 1- Posicionamento sobre a saúde mental e recursos associados.



The image shows a screenshot of a Blackboard LMS page. On the left is a dark sidebar with navigation icons for Account, Dashboard, Courses, Calendar, Inbox, History, and Help. The main content area has a breadcrumb trail: 'ESLTECH 8295 SP2023 (L... > Pages > Mental Health Statement & Resources'. Below this is a sub-header 'Spring 2023' and a list of navigation links: Home, Syllabus, Modules, Assignments, Discussions, People, Grades, Zoom, SEI Center (Instructors), Student Evaluation of Instruction, Academic Policies, and Library Link. The main content area features a large heading 'Mental Health Statement & Resources' next to a red circular icon of a person in a meditative pose. Below the heading is a photograph of green leaves against a blue sky. The text below the photo reads: 'As a student you may experience a range of issues that can cause barriers to learning, such as strained relationships, increased anxiety, alcohol/drug problems, feeling down, difficulty concentrating and/or lack of motivation. These mental health concerns or stressful events may lead to diminished academic performance or reduced ability to participate in daily activities. **Your wellness matters.** If your mental health or other situational crises are affecting your ability to succeed in this course, please let me know so we can identify appropriate support resources together. **Ohio State Resources**

Nesse sentido, além da discussão social que é incentivada logo na abertura da unidade, contamos com um módulo cuidadosamente desenhado para apoiar os estudantes no tema da saúde mental. Esse conteúdo passa sobretudo por uma rede de apoio institucionalmente criada para esse objetivo.

No desenho hipertextual, o estudante/pesquisador pode acessar links de contatos de setores responsáveis, bem como números de telefones para acesso direto e confidencial. A garantia da confiabilidade do anonimato é destacada no desenhocurricular. Apesar de não podermos expor aqui o conteúdo do módulo, destacamos aqui os links institucionais facilmente acessados pelo público online em geral:

Exemplos de links

Office for Students Life <https://younkinsuccess.osu.edu/>



Rede de prevenção ao suicídio <https://988lifeline.org/>



Podcast: <https://ohiostateuniversityinspire.podbean.com/e/student-mental-health-a-crisis-years-in-the-making/>



1.2) Orientações didáticas de caráter profissional para o trabalho em grupo

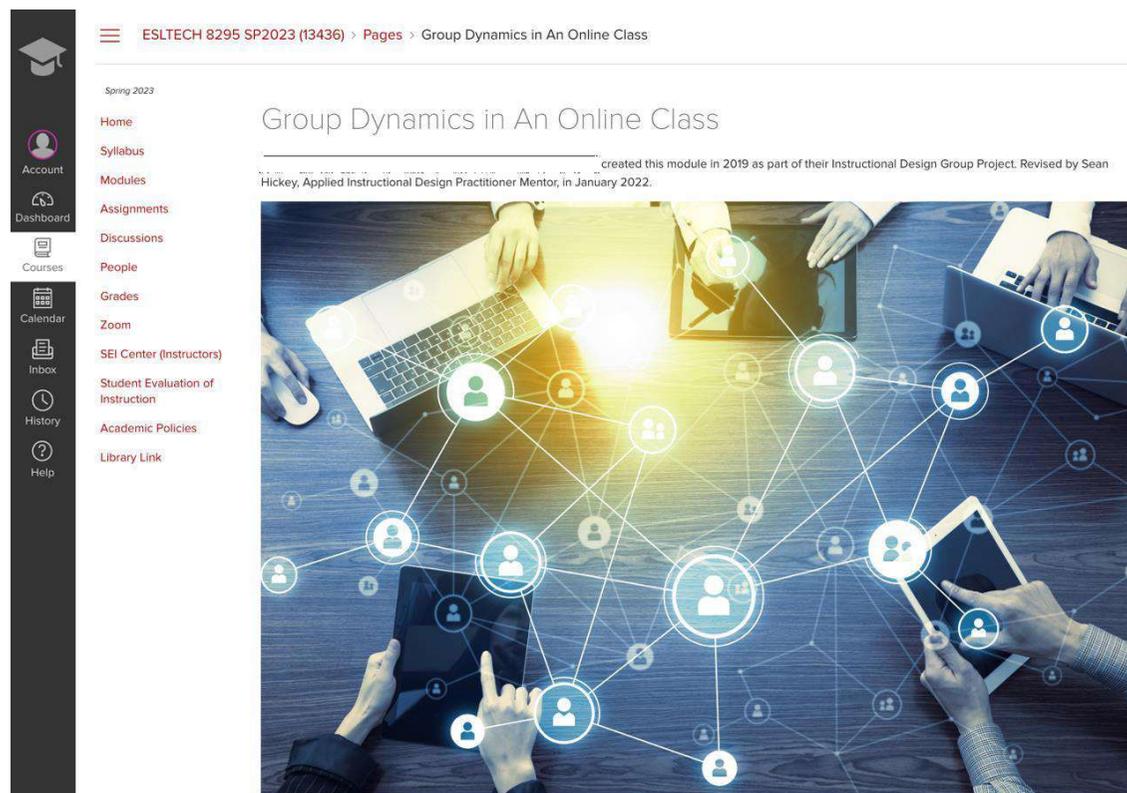
O que leem os estudantes/pesquisadores de pós-graduação? Essa é a questão que abre o submódulo em tela. Um caminho é aberto para essa discussão por meio do convite de acesso ao blogue da autora Miriam Sweeney publicado em 20 de junho 2012 sob o título “Como ler na Pós-Graduação”: <https://miriamsweeney.net/2012/06/20/readforgradschool/>.

Na sequência os estudantes, logo na primeira semana de ambientação, já têm acesso às leituras e estudos de todos os textos-base do curso, semana a semana. Essa estratégia acaba por promover também acesso aos estudantes que ficam curiosos para saber o que encontrarão semanalmente no desenho curricular. A partir da análise desse conteúdo, já percebemos a potência do hipertexto da unidade curricular: várias páginas estratégicas para os estudos online aparecem em diferentes partes do desenho curricular como um todo. Isso permite que os estudantes tenham acesso aos conteúdos de estudo e áreas das discussões online das mais variadas formas, permitindo que os alunos encontrem diferentes possibilidades de intratextualidade, ou seja, os conteúdos que estão dentro da plataforma digital encontrada no ambiente virtual de aprendizagem.



O coração do desenho curricular é o trabalho por projetos. Isso significa que os estudantes trabalham em grupos a partir de casos e demandas concretas e reais advindas do mundo do trabalho, mobilizando simultaneamente e em ubiquidade saberes acadêmicos no tema do “desenho instrucional”, objeto da unidade curricular. Antes mesmo de iniciar as orientações para que o trabalho aconteça, os estudantes têm acesso a um módulo cuidadosamente desenhado que introduz o desafiante tema do trabalho em grupo (Figura2).

Figura 2- Módulo sobre trabalho de grupo num curso online desenvolvido por alunos da disciplina no ano letivo 2021-2022.



Esse módulo é organizado da seguinte forma:

- Ferramentas para o trabalho colaborativo online — aqui os estudantes/pesquisadores são apresentados a diferentes interfaces digitais para o trabalho online síncrono e assíncrono;
- Códigos de conduta e etiqueta para reuniões online — aqui os estudantes/pesquisadores são orientados aos cuidados com a postura e ética;
- Gerenciamento de equipes — aqui os estudantes/pesquisadores aprendem a administrar e liderar grupos de trabalho;
- Colaboração com múltiplos estilos de trabalho em grupo — aqui os estudantes/pesquisadores têm acesso a diferentes casos e situações e estilos de trabalho;
- Gerenciamento de conflitos — aqui os estudantes/pesquisadores terão acesso a diferentes estratégias para mediar conflitos durante o trabalho em grupo.

Esse conjunto de unidades temáticas é tratado com bastante hipertextualidade multimodal. Além do texto-base super claro e dinâmico, os estudantes têm acesso a links para vídeos, palestras, conferências, animações, infográficos, estudos de caso, checklists entre outros conteúdos dentro e fora do curso, ou seja, intertextualidade, intratextualidade, multilinearidade, são apenas algumas das potencialidades desse hipertexto.

Uma das referências da unidade: Mann, A., Adkins, A. (2017, March) America's Coming Workplace: Home Alone. Business Journal. Retrieved from: <https://news.gallup.com/businessjournal/206033/america-coming-workplace-home-alone.aspx>



1.2) Uma biblioteca online com exemplos de produções de turmas anteriores

Ainda na semana de ambientação, destacamos a biblioteca com exemplos de alguns projetos realizados por grupos de estudantes/pesquisadores de turmas anteriores. Achamos importante que sejam apresentados logo de saída exemplos de trabalhos concretos. Os estudantes/pesquisadores já têm ao seu dispor cases de projetos realizados em grupo, diferentes casos reais de trabalho de “desenho instrucional”. Diferentes problemáticas, estratégias de trabalho, exemplos de projetos completos (diagnósticos, desenvolvimento, relatórios de avaliação, relatórios finais, produtos e artefatos curriculares em diferentes mídias), depoimentos de profissionais e clientes do mercado emundo do trabalho, apresentação dos projetos em diferentes contextos e públicos. Tudo disponível com links de acesso e acessibilidade. Vejamos dois exemplos de apresentações disponíveis online e desenvolvidas como parte da disciplina no ano letivo 2019-2020 e 2021-2022:

ESLTECH 8295 Project 1: Jason Hazel <https://www.youtube.com/watch?v=mIxxWrfa8Kg>



Sistema Circulatório e Doenças Associadas

Figura 3- Módulo de aprendizagem desenvolvido para a Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado de Ohio.

The ESLTECH 8295 Instructional Design Showcase

SPRING 2020

The Circulatory System and Associated Diseases



In this online module, you'll learn about the circulatory system which is the body's transportation system. It's made up of the heart, veins and arteries. You'll also learn about various diseases related to the circulatory system and how to prevent them.

Exemplary instructional design project (Spring 2020) by Brock Hertzfeld, Chenxi Liu, Ali Osman, Barbara Price, Fan Xu (and Sean Hickey).

This [online module](#) for the College of Nursing's Community Health Worker Training Program won second place for the 2020 Distance Education Crystal Award, a national competition led by the [Association for Educational Communications & Technology, Division of Distance Learning](#).

https://rise.articulate.com/share/z95dqcmBKOLHTddmdbLLbQtgGCJdK524#



Live “Pós graduação on-line: experiências na pandemia COVID-19”

CONVERSAS INTERNACIONAIS
"PARA ADIAR O FIM DO MUNDO"
segundo Krenak

TEMA: “Pós-graduação on-line : experiências na pandemia COVID-19”

 **Ana-Paula Correia**
(The Ohio State University)

Grupos articuladores (coordenação):

 Edméa Santos (GpDOC - Mediadora)	 Vivian Martins (GpDOC)	 Rosemary Santos (EduCiber)	 Alexandra Garcia (DELI)	 Stela G. Caputo (Kêlere)
--	--	--	---	--

Dia 25.11 (quarta-feira)
Horário: 15h (Brasil)



Acompanhar por Youtube:
<https://abre.ai/conversasofidiasas>



Live/conversa sobre Semana de Ambientação Online

SEMANAS DE AMBIENTAÇÃO EM CURSOS ONLINE

 **EDMÉA SANTOS** (UFRRJ)
CONVERSA COM

 **LÚCIA AMANTE**
UAB - LE@D

 **TEREZINHA FERNANDES**
UFAT

08 DE MAIO DE 2023
17HS - LISBOA
13HS - BRASIL

 @AEA.SANTOS





2) Desenho Curricular hipermediático: curadoria em rede

Entendemos por desenho hipermediático o desenho que lança mão de diferentes mídias em conexão com uma infinidade de linguagens e conteúdos digitais. A unidade curricular em questão organiza seus 14 módulos a partir de um hipertexto arquitetado aula a aula, semana a semana, módulo a módulo. Há um roteiro-base (texto autoral que conta com introdução, desenvolvimento e conclusão – apresentando coerência e coesão textuais interativas – o estudante/pesquisador tem a sensação de imersão na conversa com o autor), organizado tela a tela a partir do princípio da multilinearidade, ou seja, há sequência textual tela a tela, mas com navegabilidade fluida. Os estudantes podem navegar pelas telas da unidade com total independência de usabilidade. O hipertexto eletrônico não prende o leitor na linearidade do conteúdo. Ainda sobre a sequência didática do texto/roteiro-base, destacamos que ele segue um desenho-padrão bastante instigante (Figura 4):

- Questões são lançadas logo no início da unidade;
- Um microvídeo da docente do curso age como disparador da conversa, instigando os estudantes/pesquisadores a entrarem no tema da aula;
- O texto-base vem na sequência hipertextualizada com conteúdos produzidos pelos docentes do curso, bem como com conteúdos de diferentes fontes, o que garante a multivocalidade, intertextualidade e intratextualidade do conteúdo;
- A curadoria digital é impecável, ou seja, para cada módulo o curso são agregados outros cursos, conteúdos multimodais (imagens estáticas e dinâmicas, animações, diferentes gêneros de vídeos, artigos de revistas, livros inteiros, capítulos de livros, infográficos, podcast e diferentes arquivos de sons, entre outros);
- Discussão online, geralmente no formato de fóruns de discussão assíncronos. A conversa é disparada pelos professores com atividades que vão de tarefas mais pontuais a estudos de caso, entre outras provocações.

Figura 4- Roteiro-base para a semana três (3).

Home
Syllabus
Modules
Assignments
Discussions
People
Grades
New Analytics
Zoom
SEI Center (Instructor)
Student Evaluation of Instruction
Academic Policies
Announcements (0)
Quizzes (0)
Rubrics (0)
Collaborators (0)
Outcomes (0)
Files (0)
Pages (0)
Settings
Library Link

Overview
Review of Instructional Design Models, Approaches, and Frameworks

Review of ID models

Review of instructional Design models, approaches, and frameworks (CC available) [2:54]

Course roadmap

Here's everything you need to do and remember for the week. These items will all appear in order in the module for this week.

- Review Instructional Design (ID) models, approaches, and frameworks. View video explainer above by the class instructor.
 - A model is a mental picture that helps us understand something we cannot see or experience directly. An example is Morrison, Ross, Kalman & Kemp's instructional design model (from your textbook).
 - A framework proposes a method to guide the design and development of educational products and programs. For example, the ADDIE model proposes 5 phases in the design process: design, Design, Development, Implementation, and Evaluation.
 - An approach is related to the lens, perspective, or point of view used to look at the Instructional design process. Examples are a constructivist approach to learning and teaching OR a behaviorist approach to learning and teaching.
 - For more on Instructional design Models/Approaches/Frameworks, check out [Original Week 3 Bonus clip](#).
- Participate in the [online discussion](#) based on this week's readings.

Deliverables/Due dates

O que chamamos de “texto-base” é no seu conteúdo e forma um hipertexto na forma de hipermídia. Há tempos, abordamos a noção de hipertexto como fundamento para o desenho didático e curricular na cibercultura. Desde a tese de doutorado (SANTOS, 2005), trazemos o planejamento educacional e o desenho didático como hipertexto, ou seja, como um conjunto de conteúdos e situações de aprendizagens fluidas,

construídas ao longo dos processos formativos. Uma bricolagem bem estruturada com objetivos educacionais claros e focados em arranjos curriculares que contemplam os princípios do hipertexto digital. Vejamos a seguir alguns desses princípios, que também aparecem no curso aqui analisado:

- Multivocalidade — exploração de diferentes pontos de vistas e até de diferentes paradigmas acerca de um mesmo tema ou conteúdo;
- Multiexpressividade – convite para usar diferentes formas de expressão como por exemplo texto narrativo, videografia, áudio e imagem digital, memes e entre outros. Na unidade é altamente encorajado o uso de áudio, vídeo e imagens para ajudar a expressar significados e pontos de vista próprios sobre os tópicos discutidos e tornar as ideias dos estudantes mais claras e impactantes.
- Multilinearidade — hiperconexões que permitam ao usuário múltiplas leituras
- Intertextualidade — interconexões dos conteúdos internos da plataforma institucional com o ciberespaço mais amplo;
- Intratextualidade — interconexões de telas, documentos e conteúdos internos à plataforma. Uma espécie de hipertexto que não sai da plataforma institucional;
- Usabilidade — padrões estéticos e funcionais que garanta boa navegabilidade, com conforto estético e eficiente em termos de funcionalidade.

No artigo “Conteúdos de aprendizagem na educação online: inspirar-se no hipertexto” (SILVA; SANTOS, 2009), apresentam-se diferentes formas de uso dos princípios do hipertexto para a elaboração de conteúdos e situações de aprendizagem para além da linearidade “tela a tela”, comumente encontrada nos cursos baseados em desenhos instrucionais lineares, focados nas práticas de EAD para autoestudo. Isso vale também para conteúdos estáticos na forma de documentos no formato .pdf, que muitas vezes reduzem o desenho didático a pacotes de conteúdos fechados, mesmo que estes sejam digitalizados. Não ignoramos o autoestudo, mas defendemos que o desenho de um curso online seja sobretudo um convite à aprendizagem interativa, colaborativa e sobretudo hipermidiática. (SANTOS, CARVALHO, PIMENTEL, 2015).

Na unidade curricular analisada, encontramos conteúdos também tela a tela e em formatos de .pdf. Alguns capítulos de livros estão colocados dentro do texto-base no padrão .pdf, tela a tela. Apesar de promover a intratextualidade, esse recurso interfere negativamente no quesito usabilidade, dificultando a leitura de textos longos na tela do computador. Seria interessante que o conteúdo, que geralmente é uma conexão que agrega valor ao texto-base, estivesse em .pdf para download, o que facilitaria sua leitura em outros dispositivos de leitura, a exemplos dos leitores de livros como o

Kindle e outros. Muitas vezes a opção por essas estratégias que comprometem a usabilidade se dá como tentativa de evitar uso e reuso indevidos em relação aos direitos autorais e à propriedade intelectual dos autores e conteudistas, por parte dos estudantes/pesquisadores.

De todo modo, ressaltamos a qualidade ética, estética e política dos conteúdos e do desenho didático da unidade curricular analisada. Voltamos a enfatizar aqui a qualidade científica do desenho hipermediático em conteúdo e forma, destacando a qualidade de sua curadoria digital. De acordo com CHARGAS e LINHARES:

“conceito este difundido por Bhargava (2009) no “Manifesto para o curador de conteúdo: o próximo grande trabalho de mídia social do futuro?”, no qual coloca que o papel do curador de conteúdo é de “[...] buscar, agrupar, organizar e compartilhar continuamente o melhor e mais relevante conteúdo sobre uma questão específica online.” (Bhargava, 2009). Este conceito já estava sendo utilizado na área da comunicação digital”. (CHARGAS, LINHARES, 2020, p.103-104).

No caso aqui analisado, no campo da Educação Online, a curadoria digital também é incentivada e mediada pela equipe docente nas sugestões de atividades e na conversa assíncrona das discussões por parte dos estudantes/pesquisadores. Em cada fórum de discussão semana a semana, módulo a módulo percebemos uma partilha colaborativa de conteúdos digitais que muitas vezes são incorporados ao próprio desenho curricular. Concordamos com CHARGAS e LINHARES que:

“Apenas disponibilizar o conteúdo, remete à agregação de conteúdo. Na curadoria é importante a interpretação de cada elemento disponibilizado, sendo assim “Interpretar a coleção é uma das tarefas essenciais do curador e é realizada explicando aos visitantes por que um objeto é importante no contexto da exposição maior. Você pode adicionar muito valor à sua "coleção" on-line, fornecendo contexto.”, (Carton, 2011) não bastando a seleção e exposição do conteúdo, mas a sua contextualização dentro da proposta da curadoria.”. (CHARGAS, LINHARES, 2020, p.101).

Live/conversa sobre Curadoria Digital



A docência colaborativa, próximo item a ser discutido, faz mediações que colocam os estudantes/pesquisadores em situações de exercício de suas docências online. Estudantes/pesquisadores experienciam papéis de docentes e esse exercício também é formativo e intencional nos objetivos de aprendizagem da unidade curricular em questão.

3) Docência Colaborativa: a parceria com orientandos de pós-graduação stricto sensu

A docência online no curso em exame é colaborativa, ou seja, é exercida por uma equipe de uma (1) docente titular e dois (2) docentes assistentes (orientandos de pós-graduação). A professora titular é doutora e especialista no campo de conhecimento da Tecnologia Educativa, mais especificamente no campo do “Design Instrucional”, objeto de estudo da disciplina; ela trabalha com mais dois docentes colaboradores, que são seus orientandos de doutoramento em Tecnologia Educativa, membros de seu grupo de pesquisa: [Learning & Experience Design](#). Os dois doutorandos

atuam profissionalmente no campo do “Design Instrucional” e trabalham a tempo inteiro num centro de pesquisa da mesma universidade. Aqui temos docentes ensinando e aprendendo juntos em contexto de pesquisa e formação.

No currículo oficial dos cursos de mestrado e doutorado da universidade, campo desta pesquisa, não contamos com o que no Brasil costumamos chamar de “Estágio Docente” ou mesmo “Tirocínio Docente”. Essas são atividades curriculares não obrigatórias para bolsistas e ou estudantes de mestrado e doutorado sem experiência na docência universitária. Sendo assim, atuam em parceria com seus docentes orientadores ou em parceria com docentes de dentro ou de fora dos seus respectivos programas.

A atividade conta com práticas de planejamento, mediações didático-pedagógicas, criação/produção/atualização de artefatos curriculares e ou atos de currículos, avaliações das aprendizagens e produção de relatórios das atividades. Essa atividade é creditada no histórico do estudante. Pessoalmente, considero a atividade de extrema importância para os pesquisadores em formação, até porque, em algumas áreas de conhecimento, os processos de formação de docentes não acontecem na formação continuada e muito menos nas formações iniciais (graduação e pós-graduação). Trabalhar em parceria com docentes mais experientes é de grande valia, e o professor mais experiente conta com parcerias concretas de mediações, podendo assim dar mais atenção às necessidades de aprendizagens individuais e cada vez mais singulares de cada aluno, bem como nas demandas formativas das atividades em grupo.

Na unidade curricular pesquisada, a parceria com estudantes de pós-graduação aconteceu de forma voluntária por parte dos estudantes, com acolhida generosa por parte da professora titular. A professora costuma abrir espaço em suas unidades curriculares para estudantes de pós-graduação, por entender que esse processo é formativo para os estudantes e que ela conta também com uma parceria potente para o desenvolvimento de sua própria docência, seja na mediação das discussões online, na atualização e produção do desenho curricular como um todo, na curadoria digital dos conteúdos e, sobretudo, na mediação, acompanhamento e orientação dos projetos desenvolvidos em grupo. Ponto alto, na nossa opinião, do desenho curricular como um todo.

Cada docente fica responsável pela orientação, acompanhamento e orientação de todo processo de produção dos projetos e artefatos digitais do “Design Instrucional” produzidos pelos grupos de trabalhos. As mediações são assíncronas dentro e fora do ambiente virtual de aprendizagem, nas diferentes plataformas digitais e redes sociais que os alunos escolhem para trabalhar. Afinal, os estudantes/pesquisadores contam com ferramentas

e interfaces digitais institucionais e são encorajados a conhecerem, buscarem e utilizarem ambientes digitais gratuitos e utilizados em outros contextos de formação, de aprendizagem e cultura. Assim, estudantes/pesquisadores e docentes online são coautores. Concordamos com SANTOS;RIBEIRO;CARVALHO (2021) que:

Inspiram a docência a fazer-criar o seu desenho didático e seus atos de currículo, seja para oportunizar momentos de conversas que produzam a reflexão e a discussão, com a participação coletiva de todos os envolvidos, seja para convidar o aprendente à (co)autoria. Essa coautoria implica a cocriação com os colegas, para que as ideias sejam debatidas, confrontadas, tecidas e aprimoradas; assim, o aprendente vai além da condição de consumidor de conteúdos passando também a criar, disponibilizar, discutir e compartilhar suas autorias em rede. (SANTOS;RIBEIRO;CARVALHO: 2021, publicação online).

Na imersão que tive na plataforma digital oficial da unidade curricular, pude perceber a sintonia da equipe em diferentes situações:

- Todos os estudantes/pesquisadores têm suas mensagens comentadas. Há sempre um docente mediando as discussões. Os docentes comentam sem se repetirem em conteúdo e forma das mediações;
- Não só esses docentes comentam as mensagens valorizando a autoria e criação dos estudantes/pesquisadores, como também fazem críticas construtivas e cuidadosas instigando-os a complementarem suas respostas e ou contribuições;
- Os docentes usam linguagens digitais multimodais para a comunicação online. Além de escreverem bons textos, corrigindo operações conceituais e/ou trazendo mais informações para os debates, eles lançam mão de infográficos, animações, vídeos nos mais variados gêneros, links diversos fazendo com que cada discussão assíncrona tenha também uma ambiência de curadoria digital.
- Os docentes escutam atentamente os estudantes/pesquisadores em suas demandas e dilemas nas reuniões síncronas, proporcionando na sequência orientações precisas que beiram a consultorias profissionais. A administração do tempo “cronô” também é impecável. Os encontros síncronos não ultrapassam muito o tempo previamente acordado pelos envolvidos.

A participação nas discussões assíncronas foi avaliada seguindo os seguintes critérios

1. O nível de participação (excelente, bom, adequado, sofrível ou baixo);
2. A demonstração do conhecimento que envolve a capacidade de aplicar os conceitos e princípios aprendidos durante a disciplina em situações simuladas ou práticas;
3. A articulação do conhecimento que envolve a habilidade de comunicar claramente os conceitos e princípios aprendidos durante a disciplina em um texto escrito ou multimídia;
4. A análise crítica dos tópicos discutidos;
5. O apoio aos pares que envolve interações frequentes com os colegas, a partilha de recursos e estratégias de estudo assim como expressões de encorajamento e suporte.

Os doze estudantes participaram nas sete (7) discussões online exigidas na disciplina que se distribuíram por sete (7) semanas diferentes. A média de “postings” por semana e por discussão foram trinta (30), incluindo os comentários e respostas da docente titular e docentes assistentes. Os tópicos de discussão centraram-se em conceitos teóricos e práticos do “Design Instrucional”, definição de problemas educacionais, formulação (ou não) de objetivos de aprendizagem, processos de usabilidade e avaliação de materiais educativos.

Em nossos trabalhos, defendemos a docência online interativa, com presencialidades e mediações competentes. Para tanto, defendemos para unidades de graduação que não ultrapassemos o número de mais de 40 estudantes por sala de aula. Na pós-graduação, concordamos que esse número não ultrapasse 20 estudantes/pesquisadores por docente. Nos cursos de EAD, não há preocupação com a relação quantidade de estudantes por docente, afinal não contamos com currículos interativos, quase sempre são massivos e autoinstrucionais. Em unidades curriculares online para cursos de pós-graduação, defendemos que a docência seja também compartilhada. Essa tese é fruto do que estamos vivenciando dentro e fora do Brasil.

Live/conversa Docência Colaborativa na Educação Online na Pós-Graduação



4) Trabalho por projetos: a formação profissional em sintonia com os saberes acadêmicos

Trabalhar em grupos, desenvolver projetos colaborativos ou mesmo assumir a metodologia da pedagogia de projetos em contextos de educação básica, ensino superior, já faz parte dos cotidianos educacionais e da literatura especializada desde a emergência do escolanovismo (TORRES; IROLAS, 2021). As tendências educacionais vão se atualizando e se desenvolvendo ao longo dos anos e as práticas de trabalho por projetos continuam em cena. Atualmente estamos acompanhando um enorme apelo, inclusive das legislações curriculares atuais, pelas práticas das metodologias ativas e, nesse contexto, está lá o trabalho por projetos. Entretanto, em nossa experiência docente e na pesquisa em educação online não encontramos muitas experiências do trabalho por projetos em contextos de pós-graduação stricto sensu. Por isso, destacamos aqui o trabalho por projetos do desenho curricular da unidade curricular/disciplina fruto deste estudo.

O objeto de estudos da disciplina é o “Design Instrucional”, importante campo de pesquisa e formação profissional na grande área da Tecnologia Educativa. A disciplina tem como objetivo apresentar aos estudantes/pesquisadores de mestrado e doutorado o “Designer Instrucional” de forma multidimensional: como disciplina, área de conhecimento educacional, prática profissional e formação de recursos humanos. Sendo assim,

o desenho curricular aposta no trabalho de grupo, desde a apresentação de seus fundamentos na semana um (1) de ambientação até o final da disciplina, quando os grupos apresentam suas produções de pesquisa, formação e sobretudo suas práticas profissionais. Mas exatamente o que tudo isso significa?

Conforme já citamos aqui neste texto, os estudantes/pesquisadores de mestrado e doutorado começam a aprender e a trabalhar em grupo logo na semana de ambientação. Além de ter acesso a uma curadoria digital incrível sobre o tema, a turma discute assincronamente sobre os dilemas, desafios e vantagens dessa prática. Antes mesmo das primeiras leituras sobre o tema do “Design Instrucional”, a turma tem acesso a depoimentos de “Design Instrucional” profissionais e de projetos concretos de trabalho realizados por profissionais já inseridos no mundo do trabalho, bem como a exemplos de projetos completos de “Design Instrucional”, relacionados a: diagnósticos, relatórios técnicos com clientes, relatórios e protocolos, protótipos e apresentações formais sobre todo o processo.

Nas quatro (4) primeiras semanas, a turma tem os desafios de estudar os conteúdos e participar das discussões sobre “Design Instrucional”, navegando e acessando um desenho curricular hipertextual e interativo, que conta com uma cuidadosa curadoria de conteúdos de forma intra e intertextual. A interatividade é garantida pela docência colaborativa, que intencionalmente cuida das mediações didáticas, bem como a disciplina colaborativa. Estudantes se auto-organizam vivenciando uma mediação interativa, que constrói conjuntamente a mensagem e o conhecimento em rede. (SILVA, 2021).

De posse dos conteúdos e discussões mediadas por fóruns de discussões interativos, os estudantes são encorajados e orientados a mergulhar no primeiro projeto (Project-1), que tem como objetivo preparar os estudantes para a imersão na disciplina, área de conhecimento e carreira profissional. A motivação por trás deste projeto foi o rápido crescimento do mercado de trabalho em “Design Instrucional” devido às necessidades urgentes que a pandemia da COVID-19 exigiu dos campos de educação, formação e aprendizagem. O artigo intitulado “[The Hottest Job in Higher Education: Instructional Designer](#)” publicado em abril de 2020 pela Inside Higher Ed é uma evidência clara disso. No entanto, a entrevista de emprego é uma das partes mais intimidadoras do processo de candidatura a empregos. A melhor maneira de superar qualquer nervosismo é praticar. Com este projeto, os estudantes tiveram a oportunidade de praticar o processo da entrevista.

Neste contexto, o fundamento da “simulação” entra em cena. A proposta passa pelo desafio de produzir um vídeo que simule uma entrevista de emprego, na qual o estudante/pesquisador concorre a uma fictícia vaga disponível no mercado de trabalho. Uma “empresa” abre vagas para

“Design Instrucional” e solicita que o “candidato” participe da entrevista defendendo seus saberes e competências. Os estudantes/pesquisadores precisam preparar e postar vídeos em suas áreas pessoais de trabalho. Sobre área pessoal de trabalho (do inglês, Personal Learning Environment – PLE), destacam BASSANI e MAGNUS:

“Os sujeitos integram as experiências que configuram a educação escolar com as novas experiências no uso de aplicações e serviços web, que potencializam o registro do seu processo de aprendizagem e os processos de interação e comunicação com outros sujeitos e grupos, além do acesso a diferentes recursos digitais de aprendizagem. Dessa forma, o PLE não é uma tecnologia, mas um enfoque sobre como se pode aplicar a tecnologia atual para ensinar e para aprender (Castañeda & Adell, 2013)”. (BASSANI; MAGNUS, 2020, p. 82).

Todas as orientações para os estudos sobre o tema, bem como a produção e edição dos vídeos, dão materialidade ao “Project-1”. Constatamos na imersão online que os alunos que mergulharam no currículo online tiveram mais sucesso na disciplina, sendo mais confiantes, com discursos fundamentados por um quadro teórico e metodológico de ponta. Afinal, a autoria do desenho curricular conta com textos e objetos de aprendizagem autorais, como também, e sobretudo, com a curadoria online de conteúdos.

Enquanto preparavam individualmente o primeiro projeto, os estudantes/pesquisadores já estudavam diferentes concepções e metodologias de “Design Instrucional” para iniciar os trabalhos de grupos para o segundo projeto (Project-2). Nessa fase, os grupos foram formados e devidamente apresentados aos seus clientes. Na edição analisada por nós, o cliente foi a unidade de “Design Instrucional” de um dos maiores hospitais de pesquisa de câncer que fica situado na cidade de Columbus, Ohio. Este grupo de clientes dispõe de um setor educativo que conta com diferentes profissionais de educação para a saúde, entre eles “Design Instrucional” profissionais. Os estudantes/pesquisadores mestrandos e doutorandos tiveram acesso às demandas de formação do setor, dialogando em situações concretas de trabalho. A partir da “escuta” dessas demandas levantaram diagnósticos, propondo soluções educacionais concretas em três (3) diferentes abordagens, em que cada grupo de trabalho pôde desenvolver cada uma delas. A turma formada por 12 pesquisadores em formação (mestrandos e doutorandos) foi organizada em três (3) equipes/grupos formados por 4 (quatro) estudantes cada um deles.

O segundo projeto (Project-2) foi criado seguindo as melhores práticas e protocolos exigidos pelo mercado de trabalho atual. Ele incluiu uma discussão sobre transferência de propriedade intelectual e confidencialidade. Protocolos de “Transferência de Propriedade Intelectual” e um contrato de “Não Divulgação e Confidencialidade” foram celebrados entre o grupo de clientes e os estudantes. Consequentemente, não é possível descrever em detalhes os projetos concluídos para o grupo de clientes com os quais a turma de 2022-2023 trabalhou.

É importante esclarecer que nem os estudantes/pesquisadores nem os docentes receberam nenhuma compensação monetária pelo trabalho criado. O único objetivo do Project-2 é proporcionar uma oportunidade de aprendizagem e formação aos estudantes/pesquisadores. Não só eles aprenderam sobre “Design Instrucional”, mas também aprendem lições essenciais sobre como lidar com clientes, cumprir prazos de entrega, produzir relatórios de progresso, responder a perguntas dos clientes, receber feedback, fazer ajustamentos nos protótipos etc. Tudo isto num ambiente de trabalho de grupo distribuído geograficamente e em rede e atualmente colaborativamente. O trabalho em grupo também foi locus e ambiência para aprendizagem colaborativa. Concordamos com TORRES e IRALAS (2021), a propósito da aprendizagem colaborativa quando os autores ressaltam:

“A prática de aprendizagem colaborativa pode assumir múltiplas caracterizações, podendo haver dinâmicas e resultados diferentes para cada contexto específico. Em uma visão mais ampla do que significa aprender colaborativamente, pode-se dizer que, de maneira geral, espera-se que o aprendizado ocorra como efeito colateral de uma interação entre pares que trabalham em sistema de interdependência na resolução de problemas ou na realização de uma tarefa proposta pelo professor. Segundo alguns estudiosos, a interação em grupos realça a aprendizagem, mais do que em um esforço individual. Um aprendizado mais eficiente, assim como um trabalho mais eficiente, é colaborativo e social em vez de competitivo e isolado.” (TORRES; IRALAS, 2021, p.95).

Alternativamente apresentamos um exemplo de um dos projetos concluídos no ano letivo 2019-2020. Este recebeu um prêmio numa competição nacional e o cliente e os estudantes/pesquisadores permitiram a divulgação da natureza do trabalho.

O Programa de Treinamento de Agentes Comunitários de Saúde é um curso introdutório desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado de Ohio. Este curso concentra-se nos papéis e responsabilidades dos Agentes Comunitários de Saúde em Columbus, Ohio.

Durante este curso, os estudantes/pesquisadores aprendem os conceitos e recursos utilizados no atendimento à saúde comunitária e desenvolvem as habilidades necessárias para se tornarem empregáveis como Agentes Comunitários de Saúde. O programa tem como objetivo formar agentes de saúde comunitários para fornecerem de forma eficaz informações e recursos de saúde nas comunidades onde estes habitam. O objetivo é melhorar a saúde e o bem-estar das populações em bairros economicamente desfavorecidos.

A equipe de trabalho da unidade curricular “Applied Instrucional Design” trabalhou como Programa de Treinamento de Agentes Comunitários de Saúde com o objetivo de melhorar a qualidade e eficácia do conteúdo educacional do programa. Após comunicar com o cliente, a equipe de trabalho decidiu redesenhar o curso existente sobre o Sistema Circulatorio Humano. O módulo de aprendizagem online sobre o Sistema Circulatorio e Doenças Associadas foi um dos melhoramentos introduzidos ao curso. A figura 3 oferece uma imagem do projeto criado na plataforma de desenvolvimento “[Rise](#)”.

Cronogramas de trabalho foram criados, ferramentas e interfaces foram disponibilizadas para que os grupos fossem desenvolvendo cada etapa de produção passando por diagnósticos, contextualizações, desenvolvimento, aplicações, devolutivas, avaliações do projeto de “Design Instrucional”. Assim, a avaliação da aprendizagem não foi apartada da avaliação dos projetos como um todo. Sobre avaliação formativa entendemos com SANTOS; SALES; MIDLEJ:

“A prática de avaliação formativa é um ato interativo no qual docentes e discentes negociam estratégias de produção de conhecimento que são analisadas em atividades de diagnóstico e planejamento constantes de novas estratégias e tomadas de decisão, para que a aprendizagem seja de fato alcançada. Assim, são necessários procedimentos e dispositivos que ilustrem de forma significativa o processo. Nesse sentido, não devemos separar o processo de seus produtos e muito menos suas estratégias de produção.” (SANTOS; SALES; MIDLEJ, 2022, p.9).

Neste sentido, protótipos e artefatos curriculares digitais foram apresentados numa sessão “live” aos clientes, docentes, pesquisadora e pares. Os clientes fizeram avaliações, demandando ajustes ao longo do processo que durou doze (12) semanas. Os projetos de trabalho foram de fato desenvolvidos e entregues ao grupo de clientes, que poderá aplicar as soluções educacionais em seu contexto concreto.

Os direitos autorais e de uso foram inicialmente cedidos por cada um dos membros das equipes, garantido a lisura e ética do processo, uma vez que todos os projetos foram ensaios acadêmicos produzidos em contextos reais, ou seja, uma rede educativa (no caso aqui um hospital de pesquisa de câncer) demandou necessidades formativas de seus colaboradores e juntamente com as equipes da universidade (no caso aqui estudantes de mestrado e doutorado) tiveram essas demandas respondidas, pelo menos parcialmente, de forma científica fundada nas práticas de pesquisa e formação.

Assim, toda disciplina foi vivenciada integrando objetivos de formação acadêmica e profissional. Num estudo recente a Professora Ana-Paula Correia descreve em pormenores o desenho didático desenvolvido na unidade curricular “Applied Instructional Design” (CORREIA, 2020). Este estudo de caso explica como o design “centrado no aluno” e o pensamento inovador e empreendedor podem ser incorporados na educação de pós-graduação. O caso surge do fato de que muitos programas de ensino superior estão mais focados na transmissão e replicação do conhecimento do que em fornecer oportunidades de aprendizagem em contextos de aplicação do mundo real. Este estudo inclui uma análise das ideias iniciais, os trabalhos por projeto baseados em problemas educacionais do mundo real, conteúdos e avaliação do curso, as decisões didáticas tomadas e dificuldades encontradas durante a execução do desenho didático. É importante reforçar que o trabalho desenvolvido na unidade curricular só tem fins de formação e não é remunerado.

A integração das áreas de formação de pesquisadores e pesquisadoras em contexto de pós-graduação no campo das Tecnologias Educativas é uma necessidade. Notamos que, no Brasil, ainda carecemos de mais parcerias entre o mundo do trabalho e os grupos acadêmicos de pesquisa e formação, que nas universidades produzem conhecimento de ponta, mas que muitas vezes não são diretamente aproveitados pela sociedade mais ampla, enquanto os processos de formação inicial e continuada ocorrem.

Obviamente que somos críticos ao uso da universidade como espaço de prestação de serviços para o mercado, que pode comprometer a autonomia universitária no que tange ao seu papel fundamental, que é a promoção do saber científico e acadêmico para a humanidade como um todo. No Brasil, as universidades públicas são laicas e gratuitas. São financeiramente sustentadas pelo Estado brasileiro, que, através do pagamento de impostos, provê recursos para as universidades públicas. Por outro lado, sabemos das limitações desses recursos no que tange à remuneração dos seus quadros humanos e o desenvolvimento e a manutenção de suas infraestruturas.

O projeto analisado aqui não contou com apoios financeiros ou qualquer remuneração por parte de estudantes e equipe docente, mas com certeza se concretizou como campo de trabalho, abrindo possibilidades reais de redes profissionais, para além das redes de pesquisa e formação garantidas durante os processos formativos.

Live/conversa Pós-Graduação em Educação e o Mundo do Trabalho

PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E O MUNDO DO TRABALHO

EDMEA SANTOS (UFRRJ)
CONVERSA COM

AUXILIADORA PADILHA
PPGECA - UFPE

17 DE MAIO DE 2023
20h5 - HORARIO DE BRASILIA

@MEASANTOS

CoDoc
PPGEDUC

Algumas considerações finais e sugestões para próximas parcerias entre GPDOC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e o LED – The Led Research Group – Learning & Experience da Universidade do Estado de Ohio

Concluimos este capítulo contando como tudo começou e como pretendemos dar continuidade a esta parceria. Em 2013, as professoras Edméa Santos e Ana-Paula Correia se encontraram em uma mesa de conferências em Lisboa, Portugal. Éramos as duas pós-doutorandas na UAB-PT - Universidade Aberta de Portugal. Recebemos convite da professora Lina Morgado, nossa supervisora à época. Com a parceria do professor Dr. Marco Silva (UERJ), abrimos a mesa de conferências no Encontro Anual do MPEL, Mestrado em Pedagogia do e-Learning. O MPEL foi nosso campo de pesquisa em Portugal, para o tema da Educação Online na Pós-Graduação.

Atualmente, continuamos com parcerias esporádicas, participando de eventos, bancas de mestrado, orientações e coorientações de pesquisas na UAB-PT. Nossa implicação com a Educação Online da Pós-Graduação vem de longe, o que revela nosso investimento e parceria atualmente. Em 2018, a professora Edméa Santos realizou visita técnica na cidade de Columbus, no campus da Universidade do Estado de Ohio, entrevistando a professora Ana-Paula Correia sobre sua experiência em Programas de Pós-Graduação Online nos Estados Unidos. Parte desse material foi publicado no Brasil (SANTOS; CORREIA, 2019, 2022). Além disso, a professora Edméa Santos participou, como ouvinte, a convite da professora Ana-Paula Correia, do GT de Tecnologia Educacional na Reunião da AERA 2018 (que aconteceu na Cidade de NY). De lá para cá, a professora Ana-Paula tem publicado artigos e participado de eventos científicos no Brasil. Em 2019, proferiu palestra no GT16 da ANPED - Associação Nacional de Pesquisa em Educação, a convite da professora Edméa Santos, à época coordenadora do GT 16, onde compartilhava a gestão do grupo de trabalho com a professora dra. Lucila Pesce (UNIFESP).

Entrevistas:

SANTOS, Edméa; CORREIA, Ana-Paula. Mestrado online. Edméa Santos (UFRRJ) e Ana-Paula Correia (The Ohio State University) conversaram e trocam experiências sobre ensino e aprendizagens online. Periferia (Duque de Caxias). Revista Periferias, v. 14, p. 63-80, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/71425/44022> . Acesso em: maio de 2023.



SANTOS, Edméa; CORREIA, Ana-Paula. Uma conversa sobre learning technologies: histórias de vida e formação - Edméa Santos (UFRRJ) entrevista Ana-Paula Correia (The Ohio State University). TEIAS, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/45554> . Acesso em: maio de 2023.



Em 2020, a professora Ana-Paula Correia coorientou o estágio de doutorado sanduíche da então doutoranda Vivian Martins, orientanda da professora Edméa Santos, junto ao PROPED/UERJ. A estudante/pesquisadora contou com o apoio do Programa Capes Print, estando presencialmente, por seis meses, na OSU. Neste projeto, compartilhamos a orientação da estudante/pesquisadora, produzindo conjuntamente. Como fruto de um trabalho coletivo, apresentamos dois trabalhos em eventos científicos da AECT e publicamos artigos em conjunto. (MARTINS, Vivian; SANTOS, Edméa; CORREIA, Ana-Paula, 2020, 2021).

MARTINS, Vivian; CORREIA, Ana-Paula; SANTOS, Edméa. Learning in Diverse Educational Contexts: Bringing Social Justice when Designing Culturally Rich Learning Experiences in Brazil. *The Journal of Applied Instructional Design*, v. 10, p. 12, 2021.

MARTINS, Vivian; SANTOS, Edméa; CORREIA, Ana Paula. Google My Maps as a conduit to culturally rich learning experiences. In: Association for Educational Communications and Technology International Convention, 2020, Jacksonville. Proceedings, 2020. Disponível em: https://members.aect.org/pdf/Proceedings/proceedings20/2020i/20_06.pdf . Acesso em: maio de 2023.



Este capítulo optou, de maneira ética, estética e política, pelo relato de experiência que descreveu a imersão online realizada pela professora Edméa Santos na classe online da professora Ana-Paula Correia, reconhecendo a importância desse dispositivo. A pesquisadora pós-doutorado,

conforme mencionado na introdução do artigo, deu origem a este trabalho, cujo processo ocorreu ao longo de seis meses, sendo que dois meses foram dedicados à realização presencial da pesquisa nas instalações da OSU. Os resultados da pesquisa revelaram principalmente:

- A importância da semana de ambientação como uma rede de apoio para amobilização do conhecimento online;
- O desenho curricular hipermediático como uma curadoria digital em rede;
- A importância da docência colaborativa entre o professor titular e os assistentes docentes;
- O trabalho por projetos que não separa a formação acadêmica da qualificação profissional em contextos reais.

Em resumo, os achados da pesquisa evidenciaram a inovação pedagógica e curricular no campo da Educação Online na Pós-Graduação, bem como a importância da internacionalização nos processos de pesquisa e formação de professores/pesquisadores para enfrentar os desafios de educar durante e após o período da pandemia de Covid-19. Desejamos que as instituições, agências de financiamento e programas de pós-graduação continuem inovando e financiando projetos de pesquisa e formação em tempos de cibercultura, a cultura contemporânea mediada por tecnologias digitais em rede, nas interfaces entre territórios físicos, simbólicos e informacionais.

Apresentação oral do capítulo:



Brazil Gateway
Summer Webinar Series

Edmea Santos

A research and development experience at Ohio State

Ana Paula Correia

THE OHIO STATE UNIVERSITY
OFFICE OF INTERNATIONAL AFFAIRS



Referências

BASSANI, Patrícia. MAGNUS, Emanuele. Percursos de autoria em/na rede: o processo de curadoria de conteúdo digital na perspectiva dos ambientes pessoais de aprendizagem. *RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning*, Volume 3, Número 1 março/abril 2020.

CORREIA, Ana-Paula. Finding Junctures in Learning Design and Entrepreneurship: A Case of Experiential Learning in Online Education. In: BISHOP, M. J.; BOLING, E.; ELEN, J.; SVIHLA, V. (Eds.). *Handbook of Research in Educational Communications and Technology*. 5th ed. Springer, 2020. p. 689-712.

CHAGAS, Alexandre; LINHARES, Ronaldo. A Curadoria de Conteúdos Digitais, como Dispositivo na Pesquisa Formação na Ciberultura. *RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning*, Volume 3, Número 1 março/abril 2020.

FERNANDES, Terezinha; SPILKER, Maria João; AMANTE, Lúcia. Literacia Digital: o módulo de ambientação online na Universidade Aberta. In: *Challenges: Meio Século de TIC na Educação, Half a Century of ICT in Education* 924, 2015.

SANTOS, Edméa. *O Currículo e o Digital: a educação presencial e a distância*. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2003. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Edméa. *Educação online: ciberultura e pesquisa-formação na prática docente*. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005. (Tese de Doutorado).

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na ciberultura*. Portugal: Whitebooks, 2014. SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na ciberultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa; CORREIA, Ana-Paula. Mestrado online. Edméa Santos (UFRRJ) e Ana-Paula Correia (The Ohio State University) conversaram e trocam experiências sobre ensino e aprendizagens online. *Periferia (Duque de Caxias)*. *Revista Periferias*, v. 14, p. 63-80, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/71425/44022> . Acesso em: maio de 2023.

SANTOS, Edméa; CORREIA, Ana-Paula. Uma conversa sobre learning technologies: histórias de vida e formação - Edméa Santos (UFRRJ) entrevista Ana-Paula Correia (The Ohio State University). *TEIAS*, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/45554> . Acesso em: maio de 2023.

SANTOS, Edméa; SILVA, Marco. O desenho didático interativo na educação online. ***Revista Iberoamericana de educación***, v. 49, p. 267-287, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/800/80011142012.pdf> . Acesso em: maio de 2023.

SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte; e PIMENTEL,

Mariano. Mediação docente para colaboração: notas de uma pesquisa-formação na cibercultura. Campinas, SP, Revista Educação Temática Digital (ETD), v.18, n.2, p. 23-42, jan.abr.2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8640749> Acessado em: maio.2023.

SANTOS, Edméa.; SALES, Kathia; MIDDLEJ, Maristela. Portfólios online no desenhodidático da Pós-graduação Stricto Sensu. Roteiro, [S. l.], v. 47, p. e30200, 2022. DOI:10.18593/r.v47.30200. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/30200>. Acesso em: maio. 2023.

SANTOS, Rosemary; RIBEIRO, Mayra R.F., CARVALHO, Felipe S.P. Educação Online: aprenderensinar em rede. In: SANTOS, Edméa O.; SAMPAIO, Fábio F.; PIMENTEL, Mariano (Org.). Informática na Educação: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação CEIE-SBC, v.1) Disponível online: <https://ieducacao.ceie-br.org/educacaoonline>

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. Conteúdos de aprendizagem na educação on-line: inspirar-se no hipertexto. **Educação & Linguagem**, v.12, n.19, p. 124-142, 2009.

Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/817> . Acesso em: maio de 2023.

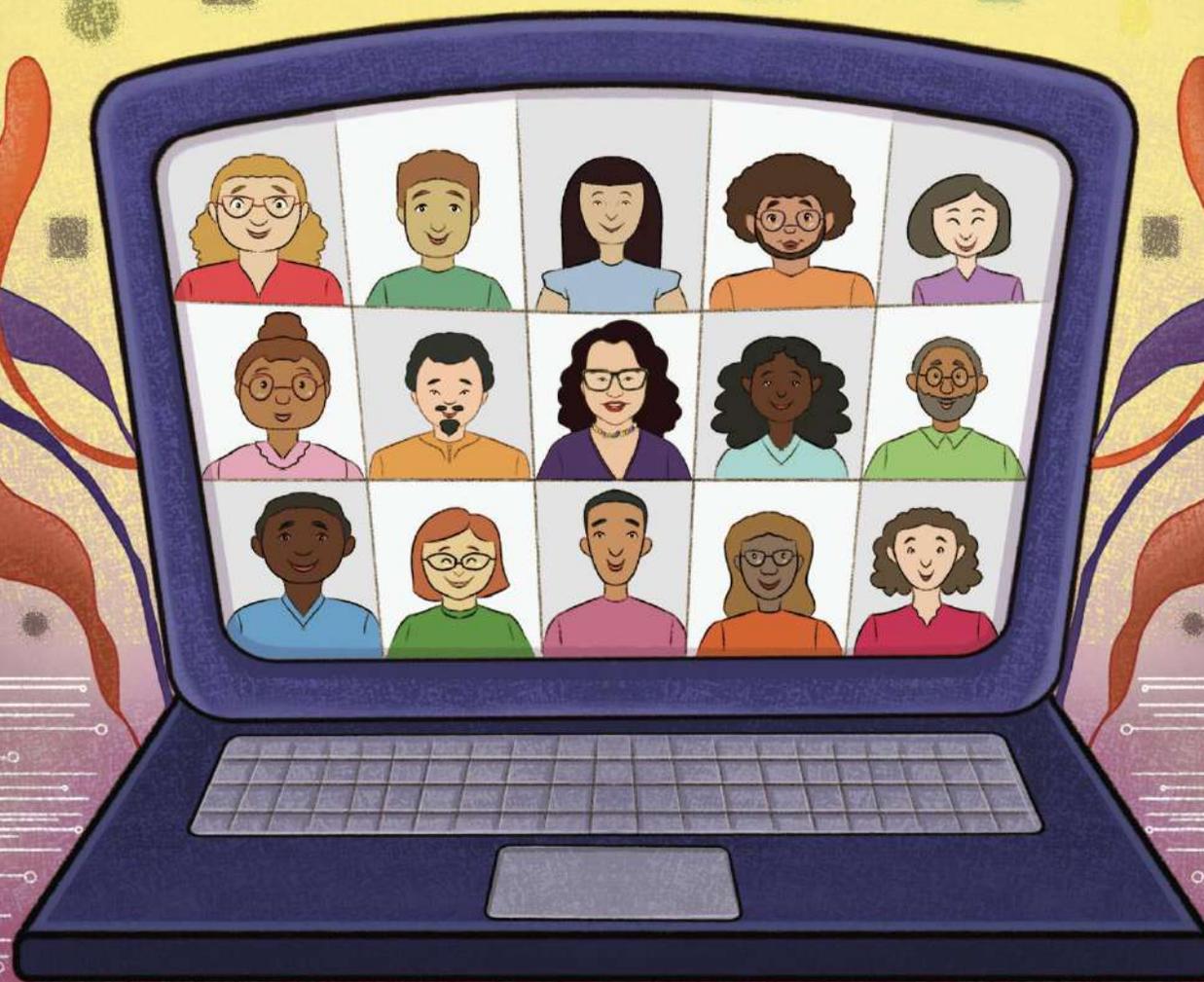
SILVA, Marco. Interatividade na educação híbrida. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa; SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). Informática na educação: interatividade, metodologias e redes. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.3). Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade>

MARTINS, Vivian; CORREIA, Ana-Paula; SANTOS, Edméa. Learning in Diverse Educational Contexts: Bringing Social Justice when Designing Culturally Rich Learning Experiences in Brazil. The Journal of Applied Instructional Design, v. 10, p. 12, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356911525_Learning_in_Diverse_Educational_Contexts_Bringing_Social_Justice_when_Designing_Culturally_Rich_Learning_Experiences_in_Brazil. Acesso em: maio de 2023.

MARTINS, Vivian; SANTOS, Edméa; CORREIA, Ana Paula. Google My Maps as a conduit to culturally rich learning experiences. In: Association for Educational Communications and Technology International Convention, 2020, Jacksonville. Proceedings, 2020. Disponível em: https://members.aect.org/pdf/Proceedings/proceedings20/2020i/20_06.pdf . Acesso em: maio de 2023.

TORRES, Patrícia. IRALAS, Estom. Aprendizagem Colaborativa: teoria e prática. In: Ciência, inovação e ética: tecendo redes e conexões para a produção do conhecimento / Patrícia Lupion Torres (organizadora). – Curitiba : SENAR AR-PR., 2021. Disponível em: <https://www.sistemafaep.org.br/agrinho/> . Acesso em abril de 2023.

O QUE PODE UM DIÁRIO?



Posfácio

POSFÁCIO

O QUE PÔDE UM DIÁRIO ONLINE?

Escrever um posfácio implica acompanhar as reflexões do leitor nas últimas páginas de um livro. Implica, talvez, dizer algo que até aqui não foi dito. “‘Escrever’ existe por si mesmo?” Perguntou-se Clarice Lispector (1992, p.20) e logo mais respondeu: “Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. (...) Escrever é uma indagação.” Escolhi costurar a escrita destas linhas com o reflexo de indagações e algumas perguntas. A vida é feita de encontros de formação que nos mobilizam em um constante movimento de redes de afeto. Preciso dizer que estas linhas também estão permeadas pelo carinho e admiração que tenho por Edméa Santos, minha mestra.

Aprendi, lendo Roberto Sidnei Macedo, que “Formação não se explica, compreende-se. Se a formação não for experiencial não é formação...” (MACEDO, 2013, p.43), por isso decidi começar com a pergunta: O que pôde um diário online? As perguntas nem sempre buscam respostas, são exercícios de pensamento, bússolas para percorrer novos caminhos, viagens de ida. Uma pergunta com a pretensão de recuperar o dito em outro ‘*espaçotempo*’, uma provocação a olharmos para trás, para o que já foi levado pelo passar dos dias, mas está vivo e pulsante na Internet.

Pensar o que um dispositivo de ciberpesquisa-formação, como o diário online, pôde e proporcionou é um convite para nos determos com calma no percurso, nas forças que estão enraizadas no processo e, assim, tentar compreender a potência de narrar o cotidiano. Nas páginas deste livro fomos atravessados por registros e achados de uma ‘*viagemformação*’ que Edméa Santos, como professora-pesquisadora, grande referência da cibercultura, aventurou-se a hipernarrar.

Edméa Santos, “Méia”, como os mais próximos a chamam, orientou meu Doutorado em Educação no ProPEd/Uerj, e juntas, há uns 10 anos, mergulhamos pelos primeiros indícios das práticas de *Digital Storytelling* no Instagram, e acompanhamos de perto o surgimento das primeiras tendências de histórias narradas com fotografias (*Visual Storytelling*) acompanhadas de textos breves, uma combinação estética simples, mas muito atraente, que mostrava ao mundo a configuração de uma nova rede social.

Muito mudou desde aquele tempo até hoje. A cibercultura se atualiza em um jogo constante entre o desenvolvimento de interfaces e usos que fazemos e deixamos de fazer, configurando novas formas de habitar o mundo. Os diários online, como dispositivos de ciberpesquisa-formação, foram também se diversificando. No começo, eram diários escritos nos Blogs da Web 2.0, depois vieram os diários feitos em redes sociais: Facebook, Twitter (atualmente X), Instagram, WhatsApp etc., dando visibilidade a uma pluralidade de experiências narrativas “diaristas” realizadas nas mixagens de linguagens entre imagens, áudios, vídeos, hipertextos e links.

Os pesquisadores da cibercultura, especialmente Edméa Santos com o Gpdoc e os grupos que se polinizam a partir dele, vêm se apropriando de diários online em todas as suas formas e usabilidades nas redes sociais, e utilizando aplicativos específicos de registro hipertextual, dentro e fora dos ambientes virtuais de aprendizagem. Acionando etnométodos, o gênero diário nos possibilita acessar o íntimo. É uma escrita que não sente medo ao transitar pela subjetividade e ganha a força advinda de um cotidiano habitado e vivido com implicação. Como resultado temos um tipo de narrativa digital que venho chamando de “hiperescrita de si” (MADDALENA, 2018).

A hiperescrita de si é um conceito que nos ajuda a entender as práticas narrativas do eu na hipermídia. São todas aquelas narrativas autobiográficas – e, como as entendemos, (auto)ficcionais – praticadas nos diversos ambientes da hipermídia que combinam elementos digitais para inventar e comunicar as experiências dos cotidianos, marcando uma posição no mundo. A hiperescrita de si é uma reafirmação do eu, uma forma de produzir presença – e expandir presenças – nas complexas tramas das redes ciber culturais. Escolhemos nos narrar com uma imagem sempre editada pelos nossos dispositivos, por um hipertexto, uma geolocalização, um vídeo, um avatar, uma música. Cortamos, editamos, publicamos e (re)editamos, criando uma hipernarrativa do que queremos mostrar aos outros. É a ficção cotidiana que nos constitui (NOLASCO- SILVA; MADDALENA, 2022).

Ao longo das páginas deste livro, Edméa Santos nos levou de mãos dadas por histórias, imagens e vivências dos meses que viveu em Ohio, enquanto realizava sua estância Pós-Doutoral, no começo de 2023. Nos mostrou o diário online como um dispositivo chave na vida de qualquer professor-pesquisador, não somente no aspecto teórico-metodológico, mas na prática, com as belas “artes do fazer” (Certeau, 1994). No seu caminhar ubíquo pelas cidades, trouxe a força do olhar estrangeiro, do estranhamento, do “dizer de alguém de fora”, uma voz que está sempre situada em um outro lugar. O que aprendemos com o diário online de Edméa Santos? O que a hiperescrita de si, cotidiana, viajante, errante do diário online nos ensinou? Como foi a pesquisa Pós-Doutoral sobre Educação Online em cursos de Pós-graduação nos EUA? Quais são as pontes possíveis com a

realidade da Pós-graduação no Brasil? Como viver a formação acadêmica para além das demandas e excessos de produtividade? Como recuperar a narração no meio de tanta efemeridade?

Com este livro, Edméa Santos nos mostrou, com a competência que a caracteriza, que hiperescrever um diário online não é uma prática de ciberpesquisa-formação para guardar um passado. Também impacta no tempo presente. Então, talvez a pergunta final seria: O que pode um diário online? Com o verbo assim mesmo, no presente do indicativo. Escrever, publicar e compartilhar um diário online pode ser um caminho para pensar o presente e, ao afetá-lo, mudar, imaginar e tecer futuros possíveis na cibercultura.

Tania Lucía Maddalena

Novembro de 2023

Copacabana, Rio de Janeiro.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*:1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida: (Pulsações)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica: O socioconstrucionismo curricular em perspectiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MADDALENA, Tania Lucía. MADDALENA, Tania Lucía. *Digital Storytelling: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura*. 2018. 204f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018

NOLASCO-SILVA, Leonardo; MADDALENA, Tania Lucía. O Corpo, a Tela e a Produção de Presença na EaD. *EaD em Foco*, v. 12, n. 3, e1915, 2022.



"Trata-se de uma obra criativa pela forma como agrega diferentes linguagens – na primeira parte, a autora narra a sua itinerância implicada com as práticas dos diários online ao longo de sua carreira com a pesquisa-formação na cibercultura. Segue com uma digital storytelling em formato de diário online escrita no Instagram e, numa terceira parte, um relatório científico pedagógico, onde faz uma análise teórica-prática do período de pós-doc na The Ohio States University (OSU), USA, já com um discurso mais acadêmico. O que nos apresenta é aquilo a que poderíamos chamar um Ambiente Pessoal do Investigador (API) que possui enorme potencial reflexivo. No mundo atual da cibercultura, da ciência aberta (CA) e da educação aberta (REA, MOOCs), bem como da imersão forçada no mundo digital a que nos obrigou a pandemia, considerada por alguns a maior “experiência online” jamais realizada, nomeadamente em contexto educacional, o livro de Edméa Santos é um contributo fascinante para nos fazer pensar a docência e a pesquisa atual”

Lina Morgado
Universidade Aberta de Portugal

GpDoC

PPGEDUC

CNPq

CAPES

FAPERJ

